



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

LUIZA VILLAMIL DE CASTRO ARAUJO

A GALERIA ALICE FLORIANO: UMA ANÁLISE SISTÊMICA

Porto Alegre

2021

LUIZA VILLAMIL DE CASTRO ARAUJO

A GALERIA ALICE FLORIANO: UMA ANÁLISE SISTÊMICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharela em História da Arte, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joana Bosak de Figueiredo

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Villamil de Castro, Luiza
A Galeria Alice Floriano: Uma análise sistêmica /
Luiza Villamil de Castro. -- 2021.
180 f.
Orientadora: Joana Bosak de Figueiredo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de História da Arte, Porto Alegre,
BR-RS, 2021.

1. Arte-joalheria. 2. Sistema da Arte. 3. Arte
Contemporânea. 4. Galeria Alice Floriano. I. Bosak de
Figueiredo, Joana, orient. II. Título.

LUIZA VILLAMIL DE CASTRO ARAUJO

A GALERIA ALICE FLORIANO: UMA ANÁLISE SISTÊMICA

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Joana Bosak de Figueiredo (UFRGS)

Prof. Dra. Bruna Wulff Fetter (UFRGS)

Prof. Dra. Maria Ivone dos Santos (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha avó Ivone Coelho Leal Villamil de Castro por, desde a minha infância, ter estimulado o meu contato com a joalheria, e por continuar ainda hoje aos seus 94 anos a fazê-lo. Igualmente agradeço à minha mãe Eneida Villamil de Castro por ser um exemplo de força e determinação, bem como por ter me proporcionado todas as condições para que eu pudesse focar em ingressar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a fim de me dedicar a estudar uma área que me apraz significativamente como a História da Arte. A todo o corpo docente do curso de História da Arte, principalmente à professora Joana Bosak, orientadora deste trabalho, por sempre ter acreditado no meu potencial, me motivado durante a minha trajetória acadêmica e ter partilhado seus conhecimentos comigo. Às professoras Bruna Fetter e Maria Ivone dos Santos pelos direcionamentos apontados na pré-banca. E, por fim, à Alice Floriano que confiou em mim disponibilizando seu tempo e abrindo as portas da Galeria para que fosse possível a concretização deste trabalho.

RESUMO

A partir de uma análise sistêmica pretende-se compreender o processo de inserção de Alice Balestro Floriano como agente relevante em sua área de atuação – a joalheria –, dentro do circuito artístico-cultural percebendo através dessa trajetória como é obtido seu capital simbólico. Este, por sua vez, permite-lhe atuar à frente da Galeria de nicho específico em joalheria contemporânea, a qual carrega o seu próprio nome. Perpassando por discussões contemporâneas à área da arte-joalheria, propõe-se também desdobrar as estratégias de funcionamento da Galeria Alice Floriano com o intuito de inferir de que forma esse empreendimento dissemina e promove a joalheria contemporânea como movimento artístico e de expressão cultural, não somente de forma local em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, mas também de forma regional, nacional e internacional.

Palavras-chave: Arte-joalheria. Sistema da Arte. Arte Contemporânea. Galeria Alice Floriano.

ABSTRACT

Based on a systemic analysis it is intended to understand the process of insertion of Alice Balestro Floriano as a relevant agent in her area of activity – jewelry –, within the artistic-cultural circuit perceiving through this trajectory how her symbolic capital is obtained. This, in turn, allows her to act in front of the specific niche gallery in contemporary jewelry, which bears her own name. Going through contemporary discussions in the area of art-jewelry, it is also proposed to unfold the operating strategies of Galeria Alice Floriano in order to infer how this enterprise disseminates and promotes contemporary jewelry as an artistic movement and cultural expression, not only locally in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, but also regionally, nationally and internationally.

Keywords: Art-jewelry. Art System. Contemporary art. Alice Floriano Gallery.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exposição <i>What has the bird done?</i> (2015), na Galeria Alice Floriano 1.....	24
Figura 2 – Exposição <i>What has the bird done?</i> (2015), na Galeria Alice Floriano 2.....	24
Figura 3 – Exposição <i>What has the bird done?</i> (2015), na Galeria Alice Floriano 3.....	25
Figura 4 – Exposição <i>Is this Jewellery?</i> (2015), na Galeria Alice Floriano	25
Figura 5 – Christine Jalio (Lapua, Finlândia).....	39
Figura 6 – Pablo Picasso (1881 – 1973),.....	40
Figura 7 – Alexander Calder (1898 – 1976).....	40
Figura 8 – Jesús Rafael Soto (1881 – 1973).....	41
Figura 9 – Designer de joias: Patrícia Pesco; Designer 3D: Paula Barreto; Ourives: Ezequiel 1	41
Figura 10 – Designer de joias: Patrícia Pesco; Designer 3D: Paula Barreto; Ourives: Ezequiel 2	42
Figura 11 – Joias Tiffany & Co. Jean Schlumberger (1907 – 1987).....	43
Figura 12 – Sala de exposição e escritório de Alice Floriano	50
Figura 13 – Sala de exposição e gavetas para armazenamento de obras	51
Figura 14 – Gavetas e prateleiras para acondicionamento de obras	52
Figura 15 – Gavetas para acondicionamento de obras.....	52
Figura 16 – Outras iniciativas que dividem espaço físico com a Galeria Alice Floriano: <i>O gabinete de curiosidades</i> e <i>Sall + Comphy Wear</i>	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ALICE FLORIANO: DETENTORA DO CAPITAL CULTURAL E AGENTE PRINCIPAL	13
2.1 Diretrizes pessoais e percurso institucional.....	13
2.2 Articulações Teóricas – o “ <i>modus operandi</i> ” do sistema da arte	17
2.3 Atuação, circulação e inserção no circuito artístico.....	21
3 GALERIA ALICE FLORIANO: ESPAÇO EXPOSITIVO E DE ARTICULAÇÃO MERCADOLÓGICA.....	33
3.1 A joalheria através da História da Arte	33
3.2 Joalheria contemporânea: nomenclaturas, definições e a passagem pelo processo de artificação	38
3.3 Galeria Alice Floriano: propostas e estratégias de funcionamento.....	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	65
ANEXO 1 – CURRÍCULUM ALICE FLORIANO.....	67
ANEXO 2 – ARQUIVOS CONCURSO <i>FIO</i> : CATEGORIA ESTUDANTE E PROFISSIONAL	70
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM ALICE BALESTRO FLORIANO.....	156

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir questões contemporâneas do sistema da arte a partir do subcampo da arte-joalheria tendo como foco principal a atuação da galerista e joalheira gaúcha Alice Balestro Floriano (1983). Em um primeiro momento, propõe-se compreender como a joalheira se insere dentro do campo artístico e quais são as diretrizes que guiam as suas ações e seu propósito no segmento da joalheria contemporânea. Ao serem delimitadas essas questões, notar-se-á sua relevância no cenário regional, nacional e internacional, na medida em que, além de realizar obras autorais, Alice também cria sua própria Galeria – a qual carrega consigo o nome da joalheira –, onde dispõe de um espaço físico que visa a disseminar e promover a joalheria contemporânea como movimento artístico e de expressão cultural, não somente em Porto Alegre, mas também no país e no mundo, através de uma rede internacional de joalheiros.

Para além da visibilidade que a Galeria traz à joalheria contemporânea no quesito exibição e circulação – questão essa tão cara se levada em consideração a frequente recusa na interpretação da joia como objeto artístico no campo da história da arte¹ –, também se verificou que o espaço possui uma articulação mercadológica. Isto é, a Galeria Alice Floriano além de ser um espaço expositivo, é um empreendimento comercial que representa, atualmente, cerca de 93 artistas nacionais e internacionais, alguns jovens, outros já consagrados; fomentando e impulsionando, assim, o mercado de exposição, compra e venda de joias contemporâneas.

A Galeria Alice Floriano está localizada no endereço Rua Félix da Cunha, 1181, e divide o ambiente físico com outras iniciativas como: *O Gabinete de Curiosidades*² – uma proposta também dirigida por Alice juntamente com Lúcia Reis e Letícia Remião –, o espaço *Helena Tzovenos* e as marcas *Sall* e *Comphy Wear*. A comercialização das joias se dá tanto no espaço físico da Galeria³ como também através do *e-commerce*. Todavia, essa comercialização difere-se de uma comercialização estritamente mercadológica como atuam as

¹ Problematização levantada e debatida por Débora Goldenfum (2019) em seu trabalho de conclusão de curso: *Objetos portáteis: a joia como suporte artístico na obra de Maria Ivone dos Santos*. Uma fonte essencial para a construção da presente pesquisa.

² Trata-se de um anexo da Galeria que teve sua inauguração no dia 24 de setembro de 2020. É um projeto pensado por Alice Floriano, Lúcia Reis e Letícia Remião que visa apresentar artistas, designers, estilistas, e garimpos das próprias organizadoras.

³ Vale ressaltar que desde 2020 diversos decretos estaduais temporários proibiram os estabelecimentos comerciais não essenciais de funcionar enquanto a crise sanitária do vírus Sars-CoV-2 não estivesse sob controle, o que manteve a Galeria fechada em certos períodos para o comércio físico, mantendo suas atividades unicamente através do *e-commerce*. Quando os decretos não estavam vigentes, a Galeria atuou seguindo todas as medidas de distanciamento social e uso de máscaras.

joalherias convencionais e propõe de forma mais orgânica o diálogo entre venda, exposição e divulgação, além de oferecer também diversas propostas formativas através de cursos e seminários. São vários os projetos criados que têm como foco principal divulgar exposições, estimular um maior contato entre obras, artistas e público, e como possível consequência, aumentar relativamente as condições de venda devido a uma maior circulação de compradores.

Sendo assim, a Galeria Alice Floriano já realizou *workshops*, grupos de estudos, concursos e leilões. Através das redes sociais como o *Instagram* e o *site* oficial da Galeria são divulgadas as exposições, as obras à venda, os artistas representados, as performances que virão a acontecer no local e tudo que diz respeito à programação. Observa-se, assim, êxito e uma forte presença desse espaço nos meios de comunicação. Outra iniciativa, que também não deixa de ser uma estratégia de funcionamento, é a criação de um Clube de amigos da Galeria Alice Floriano, ou seja, membros associados que contribuem para usufruir de conteúdos exclusivos, grupos de estudo, *lives* com joalheiros que a galeria propõe e descontos especiais.

O primeiro capítulo deste trabalho é denominado *Alice Floriano: Detentora do capital cultural e agente principal* e aborda de que forma ocorre a construção do capital simbólico e de consagração de Alice, tal como sua transformação em agente principal, a partir de sua trajetória acadêmica excêntrica e de sua atuação dentro do campo da joalheria contemporânea. Além de ressaltar também o fenômeno atual da interpenetração de papéis dentro do campo artístico. Ou seja, pretende abordar por que e como é possível Alice atuar em diversas funções dentro do campo: como joalheira ao ter sua própria produção, como galerista à frente de seu empreendimento, como curadora, pois é responsável por boa parte das mostras de joias que são expostas e vendidas na galeria, tal qual a função de organizar diversos grupos de estudos e *workshops* em joalheria contemporânea. Dois bons exemplos a serem citados foram os *workshops* “*Nem tudo que reluz é ouro: Introdução à Joalheria Contemporânea*” ministrado por Alice, e o grupo de estudos proposto sobre “*Amuletos*” que contou com a participação de arqueólogos, artistas visuais e joalheiros, antropólogos, museólogos, curadores, historiadores, colecionadores, críticos e filósofos, abrangendo portanto, diversas áreas do conhecimento.

Para dar conta da discussão proposta no primeiro capítulo, a bibliografia utilizada é composta por autores que trazem reflexões acerca das definições de sistema da arte, como por exemplo, Bourdieu (2008) através do livro *A produção da crença: Contribuição para uma economia dos bens simbólicos* e *As Regras da Arte* (1995); Maria Amélia Bulhões (2014) com o livro *As novas regras do jogo: o sistema da arte no Brasil*, o qual conta com textos de

outros três autores, são eles: Nei Vargas da Rosa, Bettina Rupp, e Bruna Fetter. A última autora contribui também com importantes apontamentos e contrapontos, a partir do seu artigo *Das reconfigurações contemporâneas do(s) sistema(s) da arte*, publicado na Revista *MODOS*, em 2018. Também Lipovetsky e Serroy (2015) com o livro *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista* trazendo discussões sobre a era transestética atual em que defendem a ideia de que todos os produtos e as funções foram providas de conceitos estéticos visando um novo estado da economia liberal.

Delimitadas as questões acerca do processo de inserção de Alice Floriano como agente principal à frente da Galeria, o segundo capítulo denominado *Galeria Alice Floriano: Espaço expositivo e de articulação mercadológica* inicia ressaltando o espaço que a joalheria vem reivindicando e adquirindo, ao longo dos últimos anos, dentro de coleções e programações expositivas de instituições consagradas no sistema da arte internacional. Também há um esforço no sentido de explicitar o que seria a arte-joalheria contemporânea, com base em um breve resgate teórico que disserta sobre a história da joalheria fundamentado a partir de uma linha do tempo em relação à história da arte. A seguir, propõe-se delimitar o significado da denominação "artista joalheiro" e reforçar a diferenciação entre as distintas subdivisões existentes dentro da área da joalheria, como por exemplo: a joalheria contemporânea, a joalheria de artista, o designer de joias, a alta joalheria, a *fashion* joalheria, ourivesaria, a atuação do artesão e do joalheiro; Para então, discutir por que e como as obras expostas na Galeria Alice Floriano são classificadas como objetos de arte, e conseqüentemente, de que maneira essa galeria se configura em espaço artístico.

A linha do tempo cronológica sobre a história da joalheria é proposta a partir dos referenciais de pesquisa de Giovana Mara Zugliani e Maria Antonia Benutti apresentados no artigo *Arte & Joia: Uma análise entre as joias como objeto de arte e arte contemporânea* (2011) em que discutem justamente sobre a trajetória das joias através da história da arte. Por meio do apoio teórico de autoras como Roberta Shapiro e Nathalie Heinich, as quais apresentam o conceito de artifização em seu artigo *Quando há artifização?* (2013), é que se pretende responder como as obras expostas e sob salvaguarda da Galeria Alice Floriano transformam-se em objetos artísticos, com base na passagem pelos dez processos elencados como processos fundamentais para o reconhecimento de uma obra como arte. Débora Goldenfum (2019) também aparece como referência importante ao trazer exemplos concretos e práticos desses dez processos selecionados por Shapiro e Heinich. E, os autores Lipovetsky e Serroy (2015) retornam neste capítulo para problematizar a nomenclatura "artista joalheiro".

Ademais, é discutido de que maneira a Galeria Alice Floriano difere de lojas convencionais de comércio em joalheria, pois consegue atuar tanto de forma expositiva e educativa quanto de forma comercial, ressaltando também o fato de que o seu espaço físico é caracterizado pelo formato “cubo branco”. Nesse momento, também se descrevem as iniciativas já realizadas pela Galeria até então, as quais perpassam por ações expositivas, educativas, grupos de estudo e seminários, entre outros projetos como *workshops* práticos e teóricos, um leilão e um concurso em joalheria contemporânea de alcance nacional, bem como a existência de encontros semanais destinados ao Clube de Amigos. Estas são consideradas intervenções e as práticas pelas quais a Galeria se mantém ativa. Nas considerações finais são retomadas as questões propostas e realizadas reflexões sobre o percurso da presente pesquisa.

2 ALICE FLORIANO: DETENTORA DO CAPITAL CULTURAL E AGENTE PRINCIPAL

2.1 Diretrizes pessoais e percurso institucional

Alice Balestro Floriano (1983) nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e desde sempre teve afinidade com a criação de adornos. Apaixonada pelo fazer técnico, Alice iniciou sua trajetória ainda na infância, realizando suas primeiras criações através de procedimentos como o macramê, que por sua vez, caracteriza-se como uma técnica de tecelagem manual. A partir desse interesse pelos processos expandiu suas habilidades para outros tipos de materiais como a alpaca, uma liga metálica formada por cobre, níquel e zinco, facilmente maleável e resistente à corrosão, a qual possibilitou sua aproximação com outras ferramentas de trabalho, por exemplo, o alicate. Entretanto, naquela altura, a realização desses objetos não se configurava propriamente como uma atividade profissional, apesar de dar início às vendas de suas produções viajando de carona pelo país, Alice ainda não possuía uma formação específica que qualificasse e aprofundasse sua pesquisa e sua produção.

Sendo assim, Alice ingressou no curso de Design de Moda, que frequentou durante três anos, entre 2001 e 2004. No entanto, focava-se preferencialmente nas disciplinas optativas que lhe interessavam, deixando de lado as disciplinas obrigatórias do curso. Durante este período, realizou uma disciplina denominada “desenho de joias” e percebeu que o que fazia possuía forte conexão com a concepção desses objetos. Todavia, para além do desenho e da técnica não se identificava com o viés industrial do design e sua associação à produção em série. Em 2005, Alice foi viver na Espanha e, posteriormente, mudou-se para Portugal. Em Lisboa, entre 2007 e 2010, realizou seus estudos na escola de joalheiros *Contacto Directo*⁴

⁴ *Contacto Directo Escola De Joalheiros*, em Lisboa, Portugal. A *Contacto Directo* foi fundada pelo Mestre Filomeno Pereira de Sousa, em 1988, com o objetivo de assegurar continuidade para uma das mais nobres atividades artístico-profissionais – a Joalheria. Paralelamente aos cursos semestrais e anuais, a escola organizava *workshops* e *ateliês*. Conforme dito em entrevista pelo fundador, os objetivos da escola eram: incentivar a joalheria, a criatividade e a adaptação do design na joalheria, através da criação de peças contemporâneas e peças únicas com autoria individual. Para além do ensino técnico, a escola também instruía o aluno sobre as componentes artísticas da prática da joalheria, por meio das aulas de projeto que incentivavam os alunos à pesquisa. A partir de uma entrevista inicial os alunos eram direcionados a alguma das três áreas de ensino da escola: área profissional; área artística; área de ocupação de tempo livre. Eram essas três divisões, e depois, cada área possuía suas disciplinas próprias, por exemplo, na área profissional e artística encontravam-se disciplinas de design técnico, design ilustrativo, projeto, história da joalheria, noções de gestão e portfólio. Em relação às saídas, quem optava pelo curso profissional poderia sair e realizar o exame de aptidão na Associação de Ourives, e caso aprovado, sairia como Primeiro Oficial de Joalheria, podendo assim, criar sua própria indústria, entrar facilmente em uma oficina já existente ou atuar na área da contrastaria. Os alunos da área artística geralmente criavam suas próprias empresas, os trabalhos frequentemente eram elaborados a partir de materiais alternativos e as vendas muitas vezes direcionada apenas a Galerias e não a lojas comerciais de joalheria. Informações retiradas de entrevista publicada em 24/05/2006 com Filomeno Pereira de Sousa. Disponível em:

como aluna do curso técnico denominado Joalheria Artística. Durante sua passagem por Lisboa, foi convidada a criar e executar joias para o estilista e diretor criativo Ricardo Preto⁵. Neste período, entre 2010 e 2011, também teve a oportunidade de trabalhar na Galeria Tereza Seabra⁶ – Joias de Autor, ingressando assim, aos poucos, através de parcerias, exposições individuais e coletivas – conforme será pormenorizado adiante – no campo da joalheria contemporânea.

Em Londres, durante o ano de 2010, no *Central Saint Martins College Of Arts and Design*⁷, Alice teve a oportunidade de estudar outras técnicas de joalheria contemporânea associadas à pesquisa de formas orgânicas com Paul Wells⁸. Em 2012, Alice participou do *workshop 2000 millimeters of uncertainty*⁹ com Christoph Zellweger¹⁰ na *Alchimia – Contemporary Jewellery School*¹¹, em Florença, na Itália, e expôs na *Joya*¹², em Barcelona.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/escola-de-joalheria-contacto-directo/>. Atualmente, a escola Contacto Directo encontra-se fechada permanentemente.

⁵ Ricardo Preto é um diretor criativo e designer de moda português com carreira nacional e internacional. Atualmente, é o diretor criativo das marcas Ricardo Preto *exclusively for Rustan's* e *U by Ricardo Preto for Rustan's*, desenhando coleções para homens e senhoras, assim como sapatos e acessórios. Site oficial do estilista: <https://ricardopreto.com/>.

⁶ Os artistas representados pela Galeria Tereza Seabra são: Alexandra Serpa Pimentel (P), Alexandra Lisboa (P), Ana Cardim (P) Ana Couto (P), Ana Henriques (P) **Catarina Silva (P)**, Cláudia Cabral (P), Constança Meira (P), **Diana Silva (P)**, Estefânia Almeida (P), Inês Almeida (P), **Inês Nunes (P)**, Inês Sobreira (P), João Martins (P), Leonor Guedes (P), Leonor Hipólito (P), Liliana Guerreiro (P), Manuela Sousa (P), **Miriam Castro (P)**, Marta Boino Eliseu (P), Paula Paour (P), Paula Rodrigues (P), Pedro Sequeira (P), Rita Ruivo (P), Susana Beirão (P), Stefania Barale (P), **Teresa Milheiro (P)**, **Tereza Seabra (P)**, Adrean Bloomard (I), Carla Nuis (NL), Carmen Berner (D), Christoph Zellweger (S), Diego Bisso (I), Fausto Maria Franchi (I), Franziska Rappold (D), Gudrun Mass (D), Hilde Leiss (D), Janine Eisenhauer, Julia Walter (D), **Mari Ishikawa (J)**, Miranda Meilleur (C), Monika Brugger (S), Otto Kunzli (D), Peter Bahuis (D), Ramon Puig Cuyás (E), Raymann-Novak (D), Ritsuko Ogura (J), **Ruudt Peters (NL)**, Stephanie Jendis (D), Thomas Gentile (USA), Uli Rapp (NL), Unk Kraus (D), Yvonne Kurz (D), Verena Sieberfuchs (S). Os nomes grifados em negrito são os artistas joalheiros(as) representados(as) em comum pela Galeria Alice Floriano e a Galeria Tereza Seabra.

⁷ *Central Saint Martins* (CSM) é uma escola pública superior de arte na Inglaterra. Trata-se de um colégio constituinte da *University of the Arts* de Londres. Oferece cursos em tempo integral nos níveis básico, de graduação e pós-graduação e uma variedade de cursos de curta duração e de verão.

⁸ Paul Wells leciona no curso de curta duração do *Central Saint Martins* denominado “*Organic Form in Jewellery*”, também leciona no *Morley College*. Ele é um dos principais defensores no Reino Unido de técnicas de dobragem em chapas de metal.

⁹ Workshop de verão com Christoph Zellweger que ocorreu na Escola de Joalheria Contemporânea *Alchimia*, em Florença, na Itália, de 21 a 30 julho de 2012. Disponível em: *2000 millimetres of Uncertainty*.

¹⁰ Christoph Zellweger é um artista e professor suíço de renome internacional atualmente baseado no Reino Unido e na Suíça. Nascido em uma família de ourives e proprietários de joalherias, Zellweger encontrou seu caminho para a joalheria experimental e interdisciplinar em Londres e continua a criar trabalhos informados por pesquisa de materiais, inovações tecnológicas e processos desafiadores. As obras de Zellweger foram colecionadas por vários museus, incluindo o *Pforzheim Jewellery Museum*, na Alemanha, e o *Swiss National Museum*, na Suíça. Ele também recebeu o *Herbert Hofmann Prize* e foi finalista do Prêmio *Mid-Career Artist Grant* de 2017 do *Art Jewelry Forum*, *Susan Beech*. Disponível em: <https://artjewelryforum.org/christoph-zellweger>. Mais informações sobre a biografia do artista podem ser encontradas em: <https://www.christophzellweger.com/about>

¹¹ A *Alchimia* é uma instituição em Florença, na Itália, que oferece cursos de Bacharel em Artes Plásticas com ênfase em Joalheria Contemporânea e Design de Joias, bem como o curso de Mestrado em Artes Plásticas com ênfase em Joalheria Contemporânea e Identidade Cultural, ambos com duração de dois anos. Apenas doze alunos do Bacharelado em Belas Artes (BFA) e oito do programa de Mestrado em Belas Artes (MFA) são admitidos por

Em 2014, já em São Paulo, participou do *workshop* de criação *Objects Reloaded* ministrado por Bettina Speckner¹³ que esteve no Brasil para expor na Galeria Thomas Cohn – atualmente fechada – a mostra individual *Bettina Speckner: Foto-Joias*. E em seu currículo também constam outros dois *workshops*, respectivamente em 2016, com Ruudt Peters¹⁴ – denominado *Face* que aconteceu no ateliê de Miriam Pappalardo¹⁵ –, e em 2017, com Iris Eichenberg¹⁶ no A CASA¹⁷ – Museu do Objeto Brasileiro, ambos em São Paulo. Embora Alice não tenha concluído cursos superiores de graduação específicos na área, e portanto, não seja detentora de títulos acadêmicos que a nomeiem "artista", a partir da análise de sua trajetória sempre percorrida entre espaços e instituições de cunho cultural, bem como da sua relação dentro da rede com agentes do campo e, por fim, sua passagem por cursos técnicos e especializações em

ano, garantindo uma interação próxima e pessoal entre alunos e tutores. Além de oferecer também cursos técnicos de duração de um ano em “treinamento avançado em joalheria”, e cursos intensivos e *workshops*. Disponível em: <https://alchimia.it/education-alchimia-jewellery-making-courses>.

¹² JOYA *Barcelona Art Jewellery & Objects*, na Espanha. A JOYA é uma plataforma dirigida a profissionais e ao público da joalheria artística e de objetos de design. Anualmente, realiza feiras e exposições fazendo uso dos meios de comunicação, da colaboração com galerias e com demais eventos e instituições do setor, a fim de difundir a joalheria contemporânea não só como adorno corporal, mas também como expressão ideológica da cultura e sobretudo da política. Site oficial: <https://joyabarcelona.com/>.

¹³ Bettina Speckner (1962) nasceu em Offenburg, na Alemanha. Inicialmente, em 1984, estudou pintura na Academia de Belas Artes de Munique com Horst Sauerbruch. Mais tarde, em 1986, adentrou à área da joalheria, tendo como professores Hermann Jünger e Otto Künzli. Desde 1992 ela dirige sua própria oficina de joalheria, primeiramente instalada em Munique e agora em Übersee. O seu trabalho na área da joalheria é amplamente conhecido pelo uso da fotografia em montagens de broches usando retratos de ferrotipia do século XIX como matérias-primas. Disponível em: <https://bettina-speckner.de/Home>.

¹⁴ Ruudt Peters estudou fabricação de instrumentos médicos na *Fysiologische Labor* em Leiden, Holanda, de 1967 a 1970, e depois design de joias na *Gerrit Rietveld Academy*, de 1970 a 1974. Desde 1974, ele trabalha como artista visual *freelance* em Amsterdã. Ocupou vários cargos de ensino, incluindo Chefe do Departamento de Joalheria na Academia *Gerrit Rietveld*, de 1990 a 2000. Além de criar sua própria arte, ele fez a curadoria de trabalhos de outros artistas e participou de vários júris de prêmios de design. Seu próprio trabalho recebeu várias homenagens, incluindo o Prêmio *Herbert Hofmann* e o Prêmio *Françoise van den Bosch*. Seu trabalho também é apresentado em muitas coleções públicas, incluindo o *Corning Museum of Glass*, o *Museum of Arts and Design*, de Nova York, e o *Metropolitan Museum of Art*, de Nova York. Disponível em: <https://collection.cooperhewitt.org/people/18049105/bio>.

¹⁵ Miriam possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1982). Especialização em Design Gráfico, "Design e Humanidade", pelo Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo (2011). Atualmente cursa o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, a nível de Mestrado. Tem experiência na área de Arquitetura e Desenho Industrial, com ênfase em Design de Produto e forte atuação na área na joalheria. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3811670/miriam-andraus-pappalardo>.

¹⁶ Depois de se formar na *Gerrit Rietveld Academie* em Amsterdã no ano de 1994, Iris Eichenberg trabalhou como artista independente, educadora de arte, curadora em meio período e organizadora de eventos relacionados à arte. É regularmente convidada para dar palestras, atuar como crítica visitante e ministrar *workshops* em vários programas de arte na Europa, Ásia, África, América do Norte e América do Sul. O trabalho de Eichenberg pode ser encontrado em vários museus, incluindo *The Cooper-Hewitt* (NY), *The Museum of Arts and Design* (NY), *The Rijksmuseum* (Amsterdã), *The Metropolitan Museum of Art* (NY), o *Stedelijk Museum* (Amsterdã), o *Museum Schmuck Pforzheim*, a *Fondation National d'Art Contemporain* (Paris) e o Museu de Belas Artes de Houston (Texas). Seu trabalho também está sob salvaguarda de fundações privadas, incluindo a *Françoise van der Bosch Stichting* (Amsterdã) e a *Rotasa Foudantion* (Califórnia). Disponível em: <http://www.iriseichenberg.com/iris-eichenberg>.

¹⁷ O Museu do Objeto Brasileiro, conhecido também como A Casa, foi fundado e inaugurado em maio de 1997 pela Renata Mellão, diretora do museu, e está localizado em São Paulo, Brasil. As ações realizadas são voltadas para o fazer artesanal incentivando o intercâmbio de ideias e experiências entre artesãos e designers.

joalheria, empenha-se demonstrar neste trabalho que seu percurso, processo criativo e ações, com base nos desdobramentos atuais do sistema da arte, se configuram em uma trajetória que tangencia constantemente o circuito artístico.

Merece ser ressaltado aqui o fato de que o campo da joalheria, assim como o das artes decorativas e o de outras artes ditas "menores", na Europa, são campos que há muito tempo foram legitimados e reconhecidos dentro do sistema da arte. O conceito de campo, no presente trabalho, deriva das definições de Bourdieu, o qual separa sua análise em setores da vida social: campo religioso, político e cultural. Dentro do campo cultural situa-se o campo artístico e, conseqüentemente, suas subdivisões por áreas artísticas. Para Bourdieu, "campo é um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos e instituições que competem por um mesmo objeto" (BULHÕES, 2014. p. 16). Ou seja, o conceito de campo artístico é definido como o espaço de busca pelo poder de legitimação em que estão em concorrência os diversos atores e as instituições. Esse poder está baseado no acúmulo e articulação dos capitais econômicos, sociais e culturais, e estes, por sua vez, estão estruturados e são estruturantes, conforme defendido no livro *As regras da arte* (1995). Portanto, o campo é um espaço onde agentes disputam o mesmo troféu, porém não possuem as mesmas oportunidades e competências. Há uma relação entre dominantes e dominados, uma luta pela disputa de poder.

A discussão que separa a "grande Arte" e as artes ditas "menores", no continente Europeu já não possui tanta relevância, visto que os subcampos artísticos mais periféricos já encontraram seus espaços de inserção no sistema da arte. E essa discussão, se analisada, não passa de uma manobra de dominação de quem detém a articulação dos capitais necessários para definir o que entra ou não no sistema¹⁸. Hoje, a inserção no sistema da arte também se dá através de conceitos como o de artificação e de como esta ocorre em relação a obras específicas, sendo também um processo que depende da validação dos agentes e instituições do campo, e que portanto, também configura-se como um mecanismo de dominação

¹⁸ Maria Amélia Bulhões (1994), traz uma reflexão acerca desse processo de dominação nos países colonizados e afirma que "o sistema da arte surgiu como um mecanismo de dominação, na medida em que seus integrantes impuseram ao conjunto da sociedade padrões que eram de uma minoria; no caso do mundo colonial, essa imposição ocorreu por parte dos colonizadores sobre os povos colonizados. Ao apresentar os seus critérios particulares como definidores dos produtos e práticas a serem considerados artísticos, dando a estes um status superior às demais produções plásticas, designadas artesanatos ou artes menores. Dessa forma, o sistema da arte impôs uma hierarquização que legitimava simbolicamente o poder político e econômico de seus integrantes" (1994 p. 19). Portanto, por ser um sistema mais incipiente e periférico, propagou-se por ainda mais tempo discussões já bem resolvidas em outros lugares do mundo. Tal análise da autora provém de outros estudos anteriores ligados às reflexões do antropólogo argentino radicado no México, Néstor Garcia Canclini, seu supervisor em estágio de doutoramento na *Universidad Autónoma de México*, que traz uma reflexão significativa ao tema, principalmente no livro *Culturas Híbridas* (1990).

comprovando que essa dinâmica nunca deixou de existir. Essa discussão será retomada a fundo mais adiante no presente trabalho. A questão que se propõe, neste momento, é explicitar o *modus operandi* do sistema da arte por meio de articulações teóricas, para então, enfatizar o ingresso da joalheira e galerista Alice Floriano dentro desse sistema, a partir de sua trajetória de atuação que resultou na criação de um empreendimento artístico e comercial em joalheria contemporânea atuante no sistema da arte brasileiro, mais especificamente, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

2.2 Articulações Teóricas – o “*modus operandi*” do sistema da arte

Torna-se necessário retomar aos princípios que designam o que é o sistema da arte. Apesar de não haver um conceito exato, de acordo com Maria Amélia Bulhões, o sistema da arte corresponde ao “conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, difusão e consumo de objetos e eventos, por eles mesmos definidos como artísticos e também pelo estabelecimento de critérios e valores da arte para toda uma sociedade ao longo de determinado período” (BULHÕES, 2014. p. 15). Afirma-se, portanto, que há um tripé de legitimação: produção, difusão e consumo, que por sua vez, é auto-legislado pelos atores e instituições que detêm o capital cultural necessário para isso. Porém, esses atores e instituições podem variar enquanto detentores de capital simbólico, induzindo assim, mudanças nesse *status quo*, ressaltando e evidenciando uma perenidade de transformações as quais consideram certas conjunturas históricas que, por sua vez, permitem ampliar as noções de arte ao passar do tempo.

Atualmente, para além desta definição importante, é necessário levar em conta o cenário globalizado da arte contemporânea cujas especificidades locais dizem muito sobre suas configurações. Dessa forma, considerando as particularidades geopolíticas de cada local pode-se perceber que há diversos “sistemas da arte” os quais conjugam-se em microrredes diversas com seus próprios fluxos que inferem na rede global. Essa reflexão é proposta por Fetter (2018) ao tratar das reconfigurações atuais do sistema da arte. A autora apoia-se na biologia e apresenta o conceito de *ecossistema* para dar conta de explicar a existência de distintos sistemas da arte locais. Segundo Fetter (2018, p. 113) cada *ecossistema* possui uma cadeia alimentar específica: produtores, consumidores e decompositores. A posição que cada um ocupa na cadeia alimentar é um nível hierárquico, bem como dentro do campo artístico.

Sendo assim, ao longo da cadeia alimentar ocorre a transferência de energia e nutrientes, no sentido dos produtores para os consumidores. Essa transferência de nutrientes

se encerra com o retorno dos nutrientes aos produtores, caracterizando-se como um ciclo. A autora defende que “um ecossistema designa o conjunto formado por todas as comunidades bióticas que vivem e interagem em determinada região e pelos fatores abióticos que atuam sobre essas comunidades” (FETTER, 2018, p. 114). Os fatores bióticos seriam as populações de animais, plantas e bactérias, e nesse caso, se transportados para o campo artístico se transformariam nos agentes e nas instituições; já os abióticos seriam os fatores externos, como a água, o solo, o sol, o vento, entre outros, que transportados para o campo artístico seriam as forças econômicas locais, regionais e globais do sistema, interrelacionadas. Portanto, a combinação de tais fatores em determinado local é o que determina um ecossistema, e a alteração de um único elemento pode causar modificações no todo, alterando o seu equilíbrio. O conjunto de todos os ecossistemas do mundo forma a biosfera.

Ao transferir este conceito para o campo artístico, percebe-se que o mundo da arte também está baseado em diferenças geopolíticas que determinam as condições de cada *ecossistema* e suas interdependências. Apesar de todos os ecossistemas estarem integrados na biosfera e cada um deles possuir um papel específico, alguns ocasionam maiores impactos do que outros. E isto igualmente no mundo da arte. Alguns “sistemas” são mais consolidados e servem de referência para o funcionamento de outros “sistemas” menores e considerados periféricos. De acordo com a autora, um agente atuando no sistema da arte Norte Americano, no Europeu ou no Asiático, possui um peso diferente de outro que atua no sistema Sul Americano ou Africano. Porém, todos estes sistemas estão interligados, em constante fluxo, seja de pessoas, obras, poder ou capital. Da mesma forma que na biologia, a latitude e a longitude de um ecossistema são determinantes para os tipos de vida possíveis naquele local, também o são para os circuitos artísticos.

No que diz respeito ao conceito de “rede” aqui proposto trata-se do apresentado por Anne Cauquelin (2005). Na contemporaneidade, conforme Cauquelin, a arte contemporânea está associada a um “regime de comunicação” em que o produto de interesse é a informação. Dessa maneira, as normas que regem a arte passam a ser as mesmas que atuam na emissão e distribuição da informação. Aquele que dispõe dos meios para passá-la adiante será o produtor dentro dessa rede de comunicação. A rede, através da interação por ela proporcionada, torna-se um elemento de extrema importância para o funcionamento do Sistema da Arte dentro do novo regime: redes internacionais de artistas, galerias e instituições culturais, interação entre mercados diversos, entre outras estruturas que ligam-se mundialmente e imediatamente graças às redes de informação. Aqui, a noção de rede está ligada às novas tecnologias de comunicação. O advento da tecnologia reforça uma ideia de

progresso, pois incita a noção de que ele é supostamente acessível a todos, o que estimula uma falsa ideia de igualdade diante da informação. A partir disso, Cauquelin (2005) afirma que migra-se da era moderna do consumo à era contemporânea da comunicação, e este é o principal jogo de forças do sistema da arte atual. Os diversos canais formam uma rede que é extensível, e os agentes, ao serem inseridos, transitam. Logo, o que dá sentido à arte contemporânea é a circulação dentro desse meio.

A definição de Cauquelin (2005) parte de um princípio no qual afirma que todos os pontos da rede teriam acesso a todos os outros democraticamente. Todavia, Fetter (2018) contrapõe essa noção de rede com a noção proposta por outra autora, Bueno (1999), a qual ressalta uma ideia de rede similar a Cauquelin, mas desconsidera que o acesso a todos os pontos seja democrático. Bueno (1999 apud Fetter, 2018) afirma que dentro da própria rede existem disputas de poder, e estas disputas definem um acúmulo de força simbólica em alguns pontos, devido a isso, a possibilidade de adentrar às microrredes depende da posição dos atores dentro dela, e igualmente, de sua atividade e capacidade de adquirir capital simbólico. Isto é, a rede é controlada pelos atores, a partir de suas localizações e relações com ela, independentemente de suas nacionalidades ou regiões, o que conta é a sua posição em pontos centrais e a sua relação com a rede.

De acordo com Fetter (2018, p. 111 apud Bueno, 1999, p. 220) “o importante não é a identificação nacional ou local do agente, mas seu poder dentro da rede, que deriva da força simbólica acumulada em seu interior”. Isto posto, a reflexão que se faz presente é que, portanto, o que define a possibilidade de triunfo de um empreendimento coordenado por Alice Floriano, dentro do contexto nacional, não é a sua localização geográfica em si, apesar de ser óbvio que fatores externos deste *ecossistema* local possuem implicações importantes, por exemplo, em relação às questões mercadológicas. Porém, para além disso, o que definirá a importância da posição de Alice como agente principal é o capital simbólico acumulado durante sua trajetória, o qual traduz sua posição dentro da rede e o êxito de suas relações para com outros agentes do campo.

Além disso, este *capital de consagração* é a única acumulação legítima para os atores dentro do campo artístico. Ele permite e implica um poder ao agente principal de consagrar objetos – ao representá-los e correlacioná-los à sua “assinatura” –, e consagrar pessoas – através da visibilidade concedida por meio de exposições e publicações –, e portanto, dessa forma, implica a condição de dar valor e obter benefícios desta operação. Conseqüentemente, este *capital de consagração*, se bem explorado e articulado poderá, eventualmente, vir a converter-se em capital econômico. Segundo Bourdieu (2008):

O comerciante de arte não é somente aquele que outorga à obra um valor comercial, colocando-a em relação com certo mercado; não é somente um representante, o empresário, que ‘defende, como se diz, os autores que lhe agradam’. Mas, é aquele que pode proclamar o valor do autor que defende (a ficção do catálogo ou do comunicado destinado à imprensa) e, sobretudo, ‘empenhar, como se diz, seu prestígio’ em seu favor, atuando como ‘banqueiro simbólico’ que oferece, como garantia, todo o capital simbólico que acumulou (e, realmente, passível de ser perdido em caso de erro). Este investimento, cujos investimentos ‘econômicos’ correlatos não passam em si mesmos de uma garantia, é o que leva o produtor a penetrar no ciclo da consagração (BOURDIEU, 2008, p. 22).

Entretanto, não é só e unicamente a influência do agente, das instituições, revistas, publicações e clientes – os quais contribuem muito a partir de sua crença abnegada¹⁹ nos *descobridores dos criadores*²⁰ – que garantem a reputação do artista e da obra final, mas sim, “o campo da produção como sistema das relações objetivas entre esses agentes ou instituições e espaços das lutas pelo monopólio do poder de consagração em que, continuamente, se engendram o valor das obras e a crença nesse valor” (BOURDIEU, 2008, p. 24-25). Ou seja, é resultado de uma *alquimia social*²¹ resultante da articulação de todas as instâncias legitimadoras e suas relações objetivas de poder dentro do campo da produção, distribuição e consumo artístico.

Dito isto, é preciso levar em consideração o fato de que o campo da joalheria contemporânea é um tanto quanto pequeno e restrito, isso acaba por facilitar o contato entre os atores dentro deste segmento. Alice, ao realizar sua formação em Portugal, bem como outros cursos profissionais em outros países europeus, formou uma rede de contatos alargada em âmbito internacional, a qual lhe propiciou, posteriormente, convidar vários artistas para expor em sua Galeria e representá-los. Ao retornar para o Brasil, há dez anos, Alice começou a mapear quem eram as pessoas, no país, que realizavam algo parecido com o que ela própria vinha fazendo. Acabou por encontrar pouquíssimos nomes em território nacional, mas destes poucos, aproximou-se. Inicialmente, em contexto brasileiro, Alice mantinha sua produção em

¹⁹ De acordo com Bourdieu (2008, p. 169), essa crença abnegada é formada a partir dos circuitos de produção e circulação material os quais são: “[...] inseparavelmente ciclos de consagração que, além disso, produzem legitimidade, isto é objeto sagrados e, ao mesmo tempo, consumidores convertidos, dispostos a abordá-los como tais e pagar o preço, material ou simbólico, necessário para deles se apropriarem”.

²⁰ Os “descobridores dos criadores” são designados pelo autor como: “os grandes comerciantes de arte, os grandes editores, são “descobridores” inspirados que, guiados por sua paixão desinteressada e refletida por uma obra, “fizeram” o pintor ou escritor, ou então, permitiram-lhe que ele se fizesse, amparando-o nos momentos difíceis, respaldados na fé que haviam colocado nele, orientando-o com seus conselhos e livrando-o das preocupações materiais (BOURDIEU, 2008, p. 23).

²¹ A obra de arte em si, a partir das afirmações de Bourdieu, é fruto dessa *alquimia social* na qual colaboram o conjunto dos agentes envolvidos no campo da produção, ou seja, artistas, críticos, editores, clientes e vendedores, o que faz da produção da obra de arte – ou do artista – uma continuação da lei de conservação de energia social.

joalheria ao fabricar suas peças em casa. E além disso, realizava palestras em fundações como a Feevale e ateliês privados com foco em joalheria contemporânea. Assim, Alice percebeu que devido à incipiência do campo da joalheria contemporânea no Brasil deveria, primeiro, instruir o público acerca deste movimento artístico e de expressão cultural.

2.3 Atuação, circulação e inserção no circuito artístico

Ainda antes de dar início às atividades da Galeria, Alice esteve mais focada na sua própria produção como joalheira dividindo espaços de produção com outras pessoas em pequenos ateliês e realizando exposições individuais e coletivas. Em seu currículo constam várias exposições em Portugal: *A joalharia em Contacto Directo*²² (2008, 2009, 2010); *PortoJoia*²³ (2009); *Agenda Pin*²⁴ (2011) e a *Exposição de Natal* (2011), da Galeria Tereza Seabra. Em 2012, realizou uma mostra individual denominada *PRIMEIRA*, em Porto Alegre. No museu A CASA – Museu do Objeto Brasileiro, entre agosto e outubro do ano em questão, Alice também participou da exposição *Joia Contemporânea Brasileira: PERCURSO*²⁵, a qual apresentava o trabalho de 24 artistas selecionados pela curadora Miriam Mirna Korolkovas²⁶, com o intuito de apresentar trabalhos que iam além da utilização dos metais nobres tradicionais frequentemente usados como matérias-primas, como o ferro, a madeira e a fibra de buriti, afirmando que este seria o novo luxo da joia contemporânea.

Em 2014, Alice produziu a coleção “Floresta”, que se originou de uma pesquisa sobre o artista Max Ernst (1891 – 1976)²⁷ e acabou se tornando um trabalho contínuo²⁸. No ano de

²² Exposições organizadas pela Escola de Joalheria Contacto Directo a fim de divulgar as obras produzidas pelos estudantes lá formados. As obras eram Joias de Autor, peças únicas contemporâneas, resultantes do equilíbrio entre a formação técnica rigorosa e a liberdade estética e conceitual dos estudantes.

²³ Portojoia a maior feira nacional portuguesa do setor da joalheria, ourivesaria e relojoaria. Exclusiva a profissionais.

²⁴ A Agenda PIN 2011 foi a compilação de joias que representavam os associados da Associação Portuguesa de Joalheria Contemporânea que aceitaram participar daquela edição. É um documento que retrata de um modo informal o estado e a evolução da joalheria de autor no país.

²⁵ A abertura da mostra contou com uma performance corporal de seis bailarinos que interagiam com o cenário da exposição, acompanhados por músicas do percussionista Caíto Marcondes. Houve também, no dia 18 de agosto, uma mesa redonda mediada pela curadora Miriam Mirna Korolkovas que reuniu Amelia Toledo, Francisca Kweitel, Michael Striemer e Rudolf Ruthner.

²⁶ Miriam Mirna Korolkovas é artista plástica, arquiteta, designer, bailarina e curadora. Arquiteta formada pela FAU–USP, mestre em Belas Artes pelo *Pratt Institute/ECA–USP*, professora pesquisadora visitante na *School of Art & Design, University of Michigan*, EUA. Expôs no MASP, MAM/SP, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, MIS/SP, MARGS, Bienais de Design no Brasil e, no exterior, na Bienal Design *Saint Etienne*, na França, também na Bienal Internacional de Design de Madrid, Espanha, na Trienal de Desenho, em Portugal, nos Estados Unidos, na Itália, na Eslovênia, na Suécia e no Chile. Fonte: A Casa

²⁷ Max Ernst (1891-1976) foi um pintor, escultor e artista gráfico alemão. Um dos fundadores do Dadaísmo que mais tarde se uniu ao Movimento Surrealista.

2017, as peças derivadas dessa coleção foram expostas no Espaço Criativitá²⁹ em virtude da segunda edição do projeto *Photo-Graphia*³⁰ – o qual misturava moda, design e fotografia, idealizado pela fotojornalista Andréa Graiz, e que era composto por trabalhos de 12 joalheiros dos cenários gaúcho e paulista. As fotografias de Andréa Graiz dialogavam diretamente com as peças expostas, propondo, portanto, uma articulação e uma aproximação entre a arte-joaalheria e a arte da fotografia. Em um determinado momento, Alice percebeu que para além de sua produção, havia muito mais a ser mostrado em joalheria contemporânea. Para ela, falar sobre joalheria contemporânea e trazer referências unicamente sobre o seu próprio trabalho não fazia sentido, era como estar em um monólogo fechado em si mesma. Foi então que, em meados de 2015, juntou-se a dois amigos, cada um com propostas diferentes, e decidiram alocar um espaço juntos. O espaço físico em si era compartilhado, entretanto, cada um mantinha sua atividade paralelamente, isto é, com salas próprias e autonomia individual de trabalho. A partir disso, Alice teve a possibilidade de abrir a Galeria Alice Floriano.

Aos 32 anos, portanto, Alice deu início ao empreendimento da Galeria que carrega o seu próprio nome no primeiro andar de uma casa situada na Rua Félix da Cunha – ainda não era o mesmo espaço onde atualmente está situada –, em Porto Alegre. De início, apesar da influência que adquiriu ao trabalhar na Galeria Tereza Seabra, em Lisboa, Alice queria criar um espaço que expressasse o seu próprio propósito. Os primeiros artistas joalheiros convidados foram jovens artistas brasileiros em início de carreira, que eventualmente já haviam sido colegas da galerista, bem como artistas internacionais que Alice conheceu ao realizar cursos fora do país. Além destes, a galerista também arriscou convidar artistas joalheiros já consagrados os quais ela já admirava o trabalho à distância, mas que ainda não os conhecia. O que acabou por evidenciar e propiciar uma articulação ainda maior com mercados externos.

²⁸ Inclusive, no site oficial da Galeria é possível encontrar desdobramentos de uma terceira fase desta pesquisa, são os brincos "Petrified Forest I, II e III". Disponíveis em: Petrified Forest I; Petrified Forest II; Petrified Forest III.

²⁹ Um espaço proposto por Lisia Barbieri, localizado no bairro Petrópolis, em Porto Alegre, que conjuga um ateliê livre e uma escola de joalheria contemporânea, juntamente com projetos de exposições e *showrooms*.

³⁰ Fotografias do evento de 2017 podem ser vistas através do endereço eletrônico: Agências Preview – Banco de Imagens. A primeira edição do projeto aconteceu em 2016, no shopping Iguatemi, em Porto Alegre, e propunha a realização de peças de vestuários por 12 estilistas gaúchos a partir da inspiração nas fotografias de Andréa Graiz. Das 12 peças que compõem a mostra, oito foram confeccionadas sob medida para mulheres da sociedade, que fizeram doações ao projeto. Parte da renda arrecadada foi revertida para a causa das Voluntárias pela Vida. Disponível em: Gaúcha ZH; Gaúcha ZH.

Foi o caso da exposição inaugural da Galeria: *What has the bird done?*³¹ (2015), uma exposição individual da renomada artista joalheira sueca Sofia Björkman³². Uma exposição um tanto quanto audaciosa para quem pretendia começar a falar sobre o que era joalheria contemporânea dentro de um contexto no qual o público desconhecia quase por completo este segmento artístico. A segunda exposição, por sua vez, voltou-se exatamente para essa discussão: *Is this Jewellery?*³³ (2015) e foi um recorte da mostra curada por Anastasia Kandaraki³⁴ fundadora e professora do *Anamma Studio*³⁵. A exposição contou com obras dos estudantes que frequentavam o *Anamma Studio*, na Grécia, e teve sua segunda edição organizada e exposta pela Galeria Alice Floriano, no Brasil. A questão principal proposta pela mostra era questionar e refletir sobre as múltiplas faces da joalheria contemporânea, mais do que incitar respostas, a tentativa era justamente estimular o debate acerca da usabilidade e da funcionalidade das obras recentes em joalheria.

³¹ As obras de Sofia Björkman nesta exibição travavam um embate sobre nobreza e barbárie. O material utilizado na maioria das obras questionava a nobreza sempre tão associada à preciosidade das matérias-primas em joalheria contemporânea. Os colares, broches e brincos foram fabricados em PLA – Poli Ácido Lático, um polímero biodegradável obtido de fontes renováveis como o milho que é produzido e comercializado mundialmente em larga escala –, Aço e Tinta, em sua maioria, propondo assim a discussão sobre o que é considerado selvagem, natural, artificial, precioso e não precioso nos dias de hoje. O texto de parede da exposição está disponível em: <https://www.alicefloriano.com/what-has-the-bird-done>.

³² Sofia Björkman é uma artista, joalheira e galerista sueca à frente da Galeria Platina, em Estocolmo, na Suécia. A sua pesquisa perpassa o estranhamento na realização de peças não convencionais em joalheria contemporânea, questionando estruturas e processos através de obras que carregam mensagens subliminares. Atualmente é uma das artistas representadas pela Galeria Alice Floriano. A biografia da artista pode ser acessada através do endereço eletrônico: <https://www.alicefloriano.com/sofia-bjoerkman>. O site oficial da artista é: <https://www.sofiabjorkman.se/index.html>.

³³ A mostra trazia obras dos seguintes estudantes: Anastasia Agglopoulou, Anna Vlahos, Yiota Vogli, Katerina Glyka, Ioanna Grigoriou, Evangelia Dimitriou, Aggelika Diplari, Anastasia Kandaraki, Lily Kanellopoulou, Hara Kourtali, Angelo Konstantakato, Sevi Mavrelou, Sotiria Bramou, Elli Xippa, Iakinthi Oikonomou, Anna Pervolaraki, Stella Vatista Petraki, Myrto Prokopiou, Elena Simou, Stefania Sioufa, Theodora Daraklitsa, Chrysa Chatzikonstantinidou. Disponível em: <https://www.alicefloriano.com/is-this-jewelry>; Anamma Studio .

³⁴ Anastasia Kandaraki nasceu em 1983, em Atenas, numa família de ourives. Estudou *silversmithing* e design de joias na Escola Mokume em Atenas e, em seguida, para desenvolver suas habilidades artísticas, foi para Florença, na Itália, onde completou um estudo de três anos de concepção e fabricação de joias na *Alchimia School*, onde Alice Floriano e ela se conheceram. Teve contato com diversos nomes importantes da joalheria contemporânea como Peter Bauhuis, Lucia Massei, Doris Maninger, Manfred Bischoff, Ruudt Peters e Robert Smith. Em 2011, criou o Anamma Studio. Atualmente é representada pela Galeria Alice Floriano. Disponível em: <https://www.alicefloriano.com/anastasiakandaraki>. O site oficial da artista é: <https://anastasiakandaraki.com/about/>.

³⁵ O *Anamma Studio* foi fundado em 2011 por Anastasia Kandaraki e configura-se como um ateliê de joalheria contemporânea dirigido a amadores e profissionais; um espaço dedicado à criatividade, expressão e troca de conhecimentos e ideias. O Studio organiza seminários temáticos sobre materiais e técnicas, bem como cursos teóricos conceituais e técnicos intensivos, com instrutores e artistas convidados da Grécia e do exterior. Disponível em: <https://anamma.gr/en/>.



Figura 1 – Exposição *What has the bird done?* (2015), na Galeria Alice Floriano 1
Fonte: Galeria Alice Floriano (2021).



Figura 2 – Exposição *What has the bird done?* (2015), na Galeria Alice Floriano 2
Fonte: Galeria Alice Floriano (2021).



Figura 3 – Exposição *What has the bird done?* (2015), na Galeria Alice Floriano 3
 Fonte: Galeria Alice Floriano (2021).



Figura 4 – Exposição *Is this Jewellery?* (2015), na Galeria Alice Floriano
 Fonte: Galeria Alice Floriano (2021).

Portanto, o caminho inicial da Galeria Alice Floriano foi percorrido por um trajeto de viés educativo – ainda continua a ser atualmente, por meio de *workshops* e grupos de estudos

propostos pela Galeria – ou seja, uma tentativa de introduzir discussões sobre o campo da joalheria contemporânea quebrando padrões normativos que a relacionam unicamente aos materiais preciosos e trazendo pesquisas de artistas já consagrados, tal qual de alunos e alunas no âmbito nacional e internacional que se dedicam a estudar este segmento. Este processo educativo é um aspecto importante, até porque houve a necessidade de uma "formação" de público visitante e potencial consumidor, mesmo que num primeiro momento não intencional, segundo Alice. Pois, em Porto Alegre, não havia nenhum outro espaço nesse nicho específico em joalheria contemporânea como a galeria em questão.

Dois anos após a abertura do espaço em Porto Alegre – depois da realização de seis mostras³⁶ –, em 30 de março de 2017, a Galeria Alice Floriano inaugurou em São Paulo, na Vila Madalena, uma nova sede compartilhada³⁷ com a Galeria Aura³⁸. Além da exposição de inauguração também foram organizadas mais duas mostras neste espaço – *Rizoma*³⁹ (2017) e *Por Esse Lado*⁴⁰ (2017) –, mas, logo em seguida, a Galeria passou a atuar de forma individual e itinerante em São Paulo, Rio de Janeiro, e em outras cidades brasileiras, ampliando as oportunidades de acesso ao público a esta arte portátil ainda pouco difundida no país. Essas ações também acabaram por propagar o nome da Galeria – e, conseqüentemente, também o nome da agente principal – ampliando fortemente seu acesso ao circuito artístico nacional e internacional.

Em 2018, em razão da realização da 12ª edição do evento *Portas Abertas* do Atelier Mourão⁴¹, realizado na Casa de Pedra⁴², em Ipanema, no Rio de Janeiro, a Galeria Alice

³⁶ As exposições realizadas foram, em ordem cronológica, respectivamente: *What has the bird done?* (2015); *Is this Jewellery?* (2015); *Felicitas* (2016) com curadoria de Alice Floriano; *On my way to the record shop* (2016); *Synthetic Fruits and Transmuted Circles* (2016); *Dádiva* (2016). Informações e textos sobre as exposições estão disponíveis no site oficial da galeria.

³⁷ A estréia simultânea aconteceu no dia 30 de março, sendo a da Galeria Aura com a abertura da exposição coletiva "Scénario" com curadoria de Mario Gioia e participação dos artistas Bruno Belo (RJ), Giulia Bianchi (SP), Letícia Lopes (RS), Lilian Maus (RS), Marcella Madeira (SP) e Viviane Teixeira (RJ), e a da Galeria Alice Floriano com os artistas joalheiros Malene Kastalje (Dinamarca), Izabella Petrut (Áustria), Daniella Saraya (Israel), Christine Jalio (Finlândia), Helena Johansson Lindell (Suécia), Linnéa Eriksson (Suécia), Mia Maljojoki (Finlândia) e Sofia Björkman (Suécia).

³⁸ Criada em 2015 como uma plataforma digital, a Aura dedicou seus primeiros anos de existência a mapear e inserir no mercado artistas do novíssimo cenário de arte contemporânea brasileiro. Gradualmente, a experiência online desdobrou-se em eventos presenciais, com exposições pop-up e a participação em feiras de arte contemporânea. Em 2017, esse processo culminou na abertura de um espaço físico próprio, na Vila Madalena, em São Paulo. A partir de 2020, a Aura inaugura a Casa-Galeria em um apartamento localizado na Santa Cecília, na região central de São Paulo, e volta a atuar digitalmente promovendo cursos online sobre o sistema da arte e eventos abertos ao público, como o *Happy Aura*, que propõe conversas informais entre seus diversos agentes e profissionais de outros campos da cultura. Disponível em: Galeria Aura.

³⁹ Fotos e informações sobre a exposição são encontradas no endereço eletrônico a seguir: *Rizoma* (2017)

⁴⁰ Fotos e informações sobre a exposição são encontradas no endereço eletrônico a seguir: *Por Esse Lado* (2017)

⁴¹ A história do Atelier Mourão e da joalheria autoral no Brasil se misturam. Tudo começou quando Caio Mourão, artista plástico, decidiu dar voz à sua curiosidade e se arriscar a fazer sua primeira pulseira. Com o tempo, outras pessoas passaram a se interessar pelo assunto e se juntaram ao Caio no que viria a ser o início da

Floriano – a convite dos organizadores – teve a responsabilidade de selecionar trabalhos de artistas joalheiros que resultaram na exposição *Transe*⁴³ (2018). A proposta principal do evento tinha como objetivo promover o trabalho da nova geração de joalheiros formados na escola e aproximar o público da arte da joalheria contemporânea produzida naquele período no Brasil, a partir da exposição e venda de trabalhos de 15 artistas, entre alunos, ex-alunos e professores do Atelier Mourão. Além de também exibir uma mostra de desenhos de joias, a exposição já citada organizada por Alice, e por fim, outra exposição de broches criados por artistas que participaram do concurso *Novos Talentos*, realizado pelo Atelier, que selecionou 35 peças de joalheiros com até seis anos de carreira de todo o Brasil. Em paralelo, aconteceu o *2º Encontro dos Artistas Joalheiros Brasileiros*, o qual providenciou uma mesa redonda que contou com a participação de Nina Lima⁴⁴, do Studio Escambo, Grupo Orbe⁴⁵, Miriam Andraus Pappalardo e Alice Floriano.

No ano seguinte, em 2019 – na 13ª edição do mesmo evento –, novamente a Galeria foi convidada a apresentar artistas que faziam parte de seu acervo. Conjuntamente, ocorreu uma roda de conversa “Vamos falar sobre Joalheria Contemporânea” com os grupos Brocas (SP) e Orbe (RJ) e a exposição coletiva “*RUPTURAS*”⁴⁶, que apresentou o resultado de uma convocatória feita pelo Atelier Mourão a artistas joalheiros de todo o Brasil. Foram 46 criações avaliadas pelas curadoras Alice Floriano, Miriam Mirna Korolkovas, Nicole Urbanus⁴⁷ e Renata Porto⁴⁸. O resultado da seleção foi uma mostra de 16 peças que

joalheria autoral no Brasil. Assim nasceu o Atelier Mourão, espaço dono de uma metodologia única em que o aluno aprende a técnica necessária para fazer cada peça, sendo estimulado a buscar soluções criativas e inovadoras para seus projetos. Atualmente, o Atelier é comandado por Paula Mourão, filha de Caio Mourão, que mantém a memória de seu pai viva e ao mesmo tempo faz transbordar sua própria identidade em cada peça. Disponível em: Atelier Mourão.

⁴² No passado, o imóvel foi residência do pintor, escultor e joalheiro Caio Mourão e, pela beleza do cenário — o interior tem seis vitrais de Gastão Formenti e a fachada um monumental brasão —, serviu de locação para diversos filmes durante o Cinema Novo, nos anos 1960. Já frequentaram o local artistas como Vinícius de Moraes e Carlinhos Lyra. O local acabou se firmando como um espaço de eventos que junta moda, arte e gastronomia.

⁴³ Fotos e informações sobre a exposição são encontradas no endereço eletrônico a seguir: *Transe* (2018)

⁴⁴ Nina Lima é arquiteta brasileira e hoje joalheira. Já ganhou diferentes prêmios e expôs mundo afora, do Museu da Casa Brasileira à Bienal Internacional de Design, passando pela *Slusser Gallery*, em Michigan. Recentemente participou da *Nuda Vita – the practice of Collective and Political Body*, em Munique, na Alemanha. Está à frente do Estúdio Escambo, que além de ateliê da artista, é um espaço para exposições, encontros e debates sobre joalheria contemporânea. Disponível em: <https://joiacomtom.com/collections/nina-lima>.

⁴⁵ Um grupo de artistas joalheiros, formado em 2016 na cidade do Rio de Janeiro que se consolidou através de encontros periódicos para discussão, troca de conhecimentos e experimentos para a exploração de novos caminhos da joalheria contemporânea, explorando o conceito da joia-arte utilizando o corpo como suporte.

⁴⁶ Mais informações sobre: <https://www.ateliermourao.com.br/exposi%C3%A7%C3%A3orupturas>.

⁴⁷ Nicole Urbanus iniciou sua carreira na *Japan Jewelry Academy*, em Tóquio, em 1979. Inicialmente aprendeu a dominar várias técnicas (em cera e metal) no Japão, e continuou estudando (design, cravação de pedras, gravura, gemologia) após a mudança para o Brasil, em 1984, onde montou um estúdio. Seu trabalho já foi mostrado em exposições individuais e coletivas. Viveu na Holanda, Brasil, Paquistão e Japão, enriquecendo

representavam quebras de paradigmas e inovações simbólicas e objetivas na área da joalheria contemporânea. Em nível nacional, durante 2019, Alice – através de seu trabalho individual, mas também à frente da Galeria como representante de outros artistas joalheiros – esteve presente em eventos importantes do cenário artístico, tanto da joalheria quanto das artes visuais, como foi o caso da sua participação individual ao produzir esculturas-joias portáteis em vista da performance *Raven* na exposição *A corva*⁴⁹ (2019), que aconteceu na Galeria Mamute⁵⁰, em Porto Alegre.

Em setembro desse mesmo ano, Alice Floriano retorna a expor no museu A CASA – Museu do Objeto Brasileiro, entretanto, a partir da produção e realização da exposição *BORDER* (2019) organizada pela Galeria, que propunha expor o trabalho da artista fotógrafa e joalheira Mari Ishikawa⁵¹. Todo o empenho, participação e repercussão das exposições e eventos que Alice – e, portanto, também a Galeria – esteve envolvida resultou em sua participação na 1º *Brazil Jewelry Weekend*⁵², em 21 e 22 de setembro de 2019, na Casa de Cultura do Parque⁵³, em São Paulo. O evento teve como proposta divulgar a produção autoral

significativamente suas habilidades artísticas na arte da joalheria. Nicole trabalha em prata e/ou ouro, aproveitando pedras brasileiras e outros materiais. Disponível em: Nicole Uurbanus.

⁴⁸ Formada em desenho industrial pela FAAP, Renata Porto fez especialização em joalheria contemporânea na escola Ar.Co em Lisboa. Com seu atelier aberto em 1998 começou a pesquisar e a aperfeiçoar seu trabalho autoral, levando suas peças para exposições e publicações no Brasil e no exterior. Como incentivadora da Arte-Joalheria, Renata vem difundindo essa prática através de cursos, palestras, exposições e curadoria. Disponível em: Renata Porto.

⁴⁹ "Corva", de Andressa Cantergiani, com curadoria de Daniela Labra, marca o lançamento de Cantergiani como artista representada Galeria Mamute e apresenta obras inéditas criadas especialmente para a mostra. Tendo como ponto de partida a performance "Raven" executada pela artista pela primeira vez na Feira Internacional de Arte de São Paulo, SP-ARTE/2019, "Corva" apresenta-se de forma instalativa, reunindo performance, esculturas-joias, produzidas em colaboração com a joalheira contemporânea Alice Floriano, fotografias, objetos e uma instalação propositiva. Disponível em: Galeria Mamute.

⁵⁰ A Galeria de Arte Mamute foi criada em 2012 com o objetivo de destacar a pesquisa poética em arte contemporânea e lançar jovens artistas em formação de carreira. Priorizando representar artistas gaúchos emergentes, a Mamute configura-se como uma plataforma de visibilidade para seus representados, auxiliando na circulação de suas produções, bem como na projeção de suas carreiras em âmbito nacional e internacional.

⁵¹ Mari Ishikawa nasceu no Japão e estudou joalheria e fotografia na Academia de Belas Artes de Munique. Desde então, vive e trabalha em Munique. É representada por importantes galerias internacionalmente. Ganhou prêmios como: *Bayerischer StaatPreise* e *Herbet Hofmann*, entre muitos outros. Seu trabalho está presente em coleções públicas pelo mundo, como no: *Victoria & Albert Museum*, de Londres; Museu de Arte e Design, de Nova Iorque; *Museo degli Argenti*, Florença; *Die Neue Sammlung*, Munique; *Schmuckmuseum*, Pforzheim, na Alemanha. Disponível em: A Casa.

⁵² Idealizada pela joalheira brasileira Chrissie Barban, com curadoria de Miriam Mirna Korolkovas, a primeira edição da *Brasil Jewelry Weekend* aconteceu na Casa do Parque. Como define Chrissie Barban: "A proposta é mostrar ao público obras que utilizam o corpo como suporte de manifestações artísticas, e que criam diálogos experimentais para renovar, reinventar e experimentar novos materiais, técnicas e conceitos no ato de se adornar". No que se refere à curadoria, "o principal objetivo é selecionar joalheiros que se expressem de forma original e ao mesmo tempo pessoal. Joalheiros preocupados em surpreender, desafiar contextos e ideias usando o corpo como suporte", comenta Miriam Mirna Korolkovas em entrevista. Disponível em: <https://www.braziljewelryweek.com/>; Flertai.

⁵³ A Casa de Cultura do Parque – localizada em frente ao Parque Villa-Lobos, em São Paulo – foi idealizada pela colecionadora Regina Pinho de Almeida, teve sua inauguração no dia 23 de março de 2019 e abriga eventos culturais de todos os gêneros artísticos.

em joalheria, bem como estreitar as relações entre colecionadores e artistas joalheiros, a partir de exposições, palestras, rodas de conversas e performances que reinventaram os conceitos das obras de arte portáteis. Conforme o formato das grandes feiras internacionais, cada joalheiro teve um móvel padrão para compor e expor suas criações. Na América Latina, relevantes movimentos vêm acontecendo em diferentes países na área da joalheria contemporânea. O México organizou um grande encontro em 2010 chamado *Gray Area*⁵⁴, a Argentina organiza um simpósio itinerante, chamado *En Construcción*, que já está em sua 3ª edição, percorrendo diferentes países da América do Sul, além de organizar uma Bienal – *Bienal Latino-americana de Joalheria Contemporânea* – que, em 2020, completou sua terceira edição.

Em nível internacional, entre 24 e 27 de outubro de 2019, a Galeria Alice Floriano esteve presente na *Milano Jewelry Week*⁵⁵, apresentando a exposição coletiva *WITCH (2019)*⁵⁶ que foi sediada pela Galeria VS Arte⁵⁷, da *Via Ciovasso*, em Milão. A exposição relacionava joias de sete coleções aparentemente distintas – produzidas por mulheres – as quais foram unidas, a partir de pontos de encontro e contrastes pelo olhar da galerista Alice Floriano, em prol da proposta de conjugar peças envoltas de mistério, sincretismo e ritualismo para encontrar respostas ao questionamento: "*How to resist somber times? [Como resistir a tempos sombrios?]*". Da mesma forma, a galeria esteve presente, de forma *online*, na *Athens Jewelry Week*⁵⁸ de 26 a 31 de maio de 2020, com a proposta *Vermillus (2020)*⁵⁹, a qual trazia reflexões acerca da cor “vermelho” – suas utilizações para fins terapêuticos, como pigmento para pinturas corporais e celebrações ritualísticas dos povos originários brasileiros –, assim

⁵⁴ Disponível em: <http://www.grayareasymposium.org/es/>.

⁵⁵ É o epicentro de uma qualificada “rede joalheira” no puro estilo milanês: real, glamorosa, rápida, agradável, eficiente e eficaz. Capaz de aproximar o produto de quem o compra por meio de quem o produz. A *Milano Jewelry Week* se desenvolve em locais exclusivos e sugestivos da cidade: edifícios históricos, ateliês de alta joalheria, oficinas de ourives, academias, galerias de arte, butiques de moda e showrooms de design. Disponível: <https://www.milanojewelryweek.com/en/about/>.

⁵⁶As artistas presentes na exposição eram Alice Floriano (Brasil), Aisegul Telli (Turquia), Kika Alvarenga (Brasil), Marina Sheetikoff (Brasil), Marta Mattsson (Brasil), Sofia Bjorkmann (Suécia) e Thais Costa (Brasil). Fonte e texto de parede: *WITCH*.

⁵⁷A VS Arte foi fundada em 2017 pela forte paixão pela Arte Contemporânea de Vincenzo Panza e Samantha Ceccardi. Um empresário e uma organizadora de eventos que se uniram para oferecer seleções de obras inéditas contemporâneas com um olhar atento às necessidades do público da arte e dos colecionadores.

⁵⁸A organização iniciou em 2016 e já está em sua 4ª edição, a *Athens Jewelry Week* é um festival. Uma instituição que cria espaço para artistas e públicos da área da Joalheria Contemporânea se encontrarem e trocarem ideias, a fim de desenvolver um networking e futuras colaborações. As obras expostas durante a AJW, não são apenas peças de arte que expressam estados de ser, provocam discussões e comentam as estruturas e tendências sociológicas atuais, mas também um meio para um fim. Disponível em: AJW.

⁵⁹ A mostra contava com as obras dos seguintes artistas joalheiros: Alice Floriano; Clau Senna; Floriana Breyer; Joana Gabos; Lisia Barbieri; Luisa Velludo; Marina Sheetikoff; Marcos Rosenberg; Mariah Rovey; Marcela Sardas; Miriam Pappalardo; Nami Wakabayashi; Nina Lima; Paula Didario; Renata Meirelles; Thais Costa; Virgilio Bahde. O texto curatorial e as fotos das obras selecionadas estão disponíveis em: AJW.

como suas aproximações com a polarização política atual do país – de um lado os "patriotas" que se apropriaram das cores da bandeira nacional, e de outro, os que se opunham ao autoritarismo, apoiando-se na cor vermelha.

Em 2021, a Galeria também terá participação na 1º Bienal de Joalheria Contemporânea de Lisboa, a qual prevê uma programação tendo início em julho e estendendo-se até novembro, envolvendo colóquios, exposições, *masterclasses*, e outras propostas. No segmento da *Jewellery Room* – espaço destinado às galerias internacionais especializadas em joalheria contemporânea, as quais irão estimular o mercado e darão a conhecer o panorama internacional –, estará presente a Galeria Alice Floriano, juntamente com outras galerias internacionais, são elas: a *Galerie Door*, a *Galery S O* e *Galerie Viceversa*, garantido um espaço expositivo na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa⁶⁰, a partir da curadoria de Marta Costa Reis⁶¹. Sob o título *SUOR FRIO*, a primeira Bienal de Joalheria de Lisboa põe em pauta a situação pandêmica atual, propondo discutir um aspecto importante da história da joalheria – a proteção física e espiritual – debatendo sobre o seu sentido no século XXI⁶².

A partir desse histórico de participações em exposições, feiras, bienais e outros eventos, procura-se evidenciar e tornar claro o percurso de inserção de Alice Floriano dentro do sistema da arte. Em um primeiro momento, a atuação inicial de Alice em Portugal – e também em outros países Europeus – serviu para a construção de uma forte e potencial rede de relações e contatos que vieram a lhe propiciar certo acúmulo de capital simbólico e de consagração dentro do subcampo da joalheria. Isso, conforme visto anteriormente, implica um poder ao agente principal de consagrar objetos e também pessoas. Sendo assim, toda a sua trajetória individual foi o que lhe possibilitou atuar à frente como fundadora e galerista de um empreendimento como a Galeria Alice Floriano. A consistência de seus projetos, a sua repercussão e circulação dentro de contextos artísticos e culturais, seja pelo cunho temático

⁶⁰ A Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA) é uma associação cultural portuguesa, fundada em 16 de março de 1901, que tem como principal objetivo "promover e auxiliar o progresso da arte em todas as suas manifestações, defender os interesses dos artistas e, em especial dos seus associados, procurando auxiliá-los, tanto moral como materialmente; cooperar com o Estado e com as demais entidades competentes em tudo que interesse à arte nacional e ao desenvolvimento da cultura artística". Disponível em: Wikipédia.

⁶¹ Marta Costa Reis começou a estudar joalheria em 2004, como hobby, em paralelo com outras atividades profissionais. Completou o curso de joalheria do ArCo - Centro de Arte e Comunicação Visual, e o Curso Avançado de Artes Plásticas na mesma escola. Para além de artista-joalheira, ensina história da joalheria no Ar.co, escreve sobre joalheria para algumas revistas e faz curadoria de exposições. Expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro e possui peças em algumas das grandes coleções de joalheria contemporânea. Disponível em: <http://www.martacostareis.pt/>.

⁶² O tema emerge com o projeto expositivo que a PIN (Associação Portuguesa de Joalheria Contemporânea) lançou em março de 2020, no início do confinamento: desenvolver uma joia/objeto de proteção para o século XXI, com apresentação numa exposição online patente no MUDE – Museu do Design e da Moda desde julho de 2020. Disponível em: <https://jewellerybiennale.pin.pt/>.

dos eventos, seja por simplesmente estar dentro de ambientes de legitimação institucional do sistema da arte, tanto como Galeria quanto como agente individual, que lhe consagraram como detentora de um forte capital cultural.

Outro fato interessante é notar que a atuação de Alice Floriano perpassa por uma multiplicidade de papéis dentro do próprio campo artístico – um fenômeno recorrente dentro do sistema da arte contemporânea. De acordo com Lipovetsky e Serroy (2015), essa interpenetração de papéis é entendida como um processo que decorre do capitalismo artista, que por sua vez, é pelos autores caracterizado como um novo estado da economia mercantil liberal fruto da era transestética⁶³ atual. Este novo estado da economia, por eles denominado capitalismo artista ou capitalismo transestético, é o que transformou a elaboração dos objetos e dos serviços, as formas de comunicação, distribuição e consumo por meio dos imperativos do estilo, da beleza e do espetáculo, criando assim, um "modo de produção estético" (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 25). O novo universo econômico que se estabelece dilui as fronteiras das hierarquias dos gêneros artísticos, tornando-as mais permeáveis. Atualmente, na sociedade hipermoderna o que ocorre é uma mistura dos gêneros ocasionando transversalidades criativas. Os produtos de consumo se confundem com a moda, a moda imita a arte, a publicidade reivindica seu espaço como esfera de criatividade artista e a arte se aproxima do produto moda e luxo. O modo de funcionamento do capitalismo artista é transestético, transgênero, trans-hierárquico (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 49), nesse sentido.

Esse processo de hibridização e mixagem dos gêneros característico do capitalismo artista prolonga-se e acaba por compreender até mesmo a atuação dos atores principais do mundo da arte, pois segundo os autores:

Na era hipermoderna, os grandes colecionadores podem desempenhar ao mesmo tempo um papel de mecenas, de *Marchand*, de criador de exposição, de diretor de galeria, de promotor e de comunicador de arte. [...] É a época da interpenetração dos papéis artísticos e comerciais, midiáticos e financeiros” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 53).

Outra provável causa da intercambialidade de papéis, especificamente no caso da joalheria contemporânea, é devido ao fato de que este subcampo, ainda hoje, é um subcampo de pouca profissionalização no Brasil – isto é, uma área que não possui tantos profissionais

⁶³ A era transestética é definida pelos autores como o modelo de vida atual – edificado a partir da época hipermoderna – centrado nos prazeres dos sentidos, nas fruções da beleza e no universo da inflação estética onde a arte se infiltra nas indústrias, no comércio e na vida comum. Ou seja, uma sociedade superestetizada no qual há uma generalização das estratégias estéticas voltadas a fins mercantis em todos os setores das indústrias de consumo (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 17).

qualificados para ocupar cargos nos vários segmentos de atuação do sistema – os mesmos agentes, por vezes, acabam por ocupar distintos papéis ao mesmo tempo dentro do circuito.

Alice Floriano iniciou sua trajetória sendo joalheira, ao perceber que tratar apenas de seu trabalho em joalheria era estar presa em um monólogo, resolveu aplicar seu capital simbólico adquirido no empreendimento da Galeria, tornando-se assim, uma galerista que representa, hoje, cerca de 93 artistas nacionais e internacionais. Para além de joalheira e galerista, Alice também é responsável pela curadoria de várias exposições que ocorrem no espaço e fora dele, conjuntamente acaba por exercer uma função educativa e de mediação ao oferecer grupos de estudos e organizar pesquisas na área. Atua também como promotora e comunicadora de arte, através da administração das mídias sociais da Galeria Alice Floriano, e por fim, também se aproxima da figura do *marchand* de arte. Pois, segundo Moulin (2007, p. 27) o *marchand* é a pedra angular do sistema desde o século XIX, na medida em que ele "é intermediário exclusivo entre o criador e seus clientes potenciais".

Dessa forma, a figura do *marchand* caracteriza-se como um negociante que difere dos galeristas, por ela denominados empreendedores, pois os *marchands* "limitam sua atividade à revenda de obras já reconhecidas" (MOULIN, 2007, p. 27). Entretanto, a autora não desconsidera a existência de tipos "mistos", ou seja, galeristas que propõem "conjugam a difusão de artistas consagrados com a promoção de artistas iniciantes" (MOULIN, 2007, p. 27), como verifica-se que é o caso da agente em questão. Trata-se de uma atuação que diz respeito a duas concepções do mercado de arte, segundo a autora, "uma fundamentada na eternidade da arte e a outra no 'turbilhão inovador perpétuo', a oposição entre a estratégia do tempo longo e de eventos retardados de uma parte, e a do tempo curto e da renovação contínua de outra parte" (MOULIN, 2007, p. 27). Isso acaba por abranger um ciclo curto de produção que diminui os riscos, pois está associado a uma demanda de compradores já pré-existente e a um retorno rápido, e por outro lado, um ciclo longo de produção que pressupõe maiores riscos visto que, não havendo demanda no mercado, torna-se uma produção voltada para o futuro.

3 GALERIA ALICE FLORIANO: ESPAÇO EXPOSITIVO E DE ARTICULAÇÃO MERCADOLÓGICA

3.1 A joalheria através da História da Arte

A Galeria Alice Floriano abriu as portas no dia 24 de setembro de 2015, com o propósito de disseminar e promover a joalheria contemporânea como movimento artístico e de expressão cultural, na cidade de Porto Alegre, Brasil. Conforme citado no capítulo anterior, em março de 2017, foi inaugurada uma nova sede em São Paulo, com duração de 6 meses. E, posteriormente, a partir de 2018, a Galeria passou a atuar de forma itinerante em São Paulo, no Rio de Janeiro, e em outras cidades brasileiras, inclusive ampliando sua participação para exposições e eventos de renome internacional, difundindo cada vez mais suas propostas e ações e, portanto, consagrando sua atuação dentro do circuito artístico. Todavia, apesar dessa imensa presença e visibilidade dentro de instituições artísticas e em eventos culturais do campo, ainda assim, o segmento da joalheria contemporânea depende muito de validações que lhe legitimem dentro dos contextos de Arte.

Atualmente, parece não bastar o fato de diversos museus do mundo possuírem acervos exclusivos e específicos em joalheria ou joias de artista, mesmo assim, o processo de inserção dessas obras no sistema continua complexo. A título de exemplo, entre alguns dos museus que possuem coleções de joias e investem para dar visibilidade a elas, encontram-se⁶⁴: *The Metropolitan Museum Of Art*, de Nova York, que em 2018 exibiu a mostra *Jewelry: The Body Transformed*⁶⁵ e, em 2019, a *Jewelry for America*⁶⁶; o *Pforzheim Jewellery Museum*, localizado na Alemanha reunindo cerca de 2.000 peças de joalheria valiosas em sua coleção; *The Victoria and Albert Museum* possuindo 145 galerias em 7 andares, mais de 35.000 peças de joias contemporâneas, além de 22 galerias de ourives; o *Dastkari Haat Samiti*, na Índia,

⁶⁴ Disponível em: <https://www.farfetch.com/br/stories/exposicoes-joias-acervo-museu-do-isolamento.aspx>.

⁶⁵ Percorrendo o tempo e o espaço, essa exposição explorou como a joia age e ativa o corpo que adorna. Trata-se de uma exposição que reuniu cerca de 230 objetos retirados – com algumas exceções – exclusivamente da coleção do MET. A mostra foi organizada a partir de cinco áreas temáticas, são elas: *The Divine Body*; *The Regal Body*; *The Transcendent Body*; *The Alluring Body*; *The Resplendent Body*. Fonte: MET – Jewelry: The Body Transformed.

⁶⁶ Essa instalação, retirada inteiramente da coleção MET, narra a evolução das joias pertencentes e feitas por americanos desde o início do século XVIII até os dias atuais. A joalheria foi adquirida pela primeira vez pelo Museu em 1883 e foi o foco de uma pequena exposição na primavera de 1926. Desde então, por meio de doações e compras criteriosas, o acervo do MET cresceu para abranger uma ampla variedade de adornos. Organizada em cinco seções amplamente cronológicas, esta mostra começa com pequenos objetos sentimentais – tesouros de família transportados por imigrantes para a América Colonial –. Mais tarde, os americanos importaram peças do exterior ou procuraram ourives locais. No início do século XIX, em um cenário de prosperidade financeira e progresso tecnológico, os empresários estabeleceram uma indústria nacional que se tornaria uma grande produtora de joias nobres e artísticas. Disponível em: MET – Jewelry for America.

uma organização sem fins lucrativos que exibiu a exposição *The Jewellery of Rajasthan*⁶⁷ mostrando a alta joalheria da realeza indiana; o Museu do Arsenal do Kremlin que resguarda os tesouros reais mais importantes da dinastia russa; o MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal, localizado em Belo Horizonte, que possui mais de 4.000 peças entre pedras raras e peças feitas; o *Museo del Oro*, em Bogotá, com sua coleção de joias e objetos de ouro pré-hispânica; o *Kaiserliche Schatzkammer Wien*, na Áustria, o qual oferece um panorama de objetos reais medievais como joias e utensílios do antigo Império Romano. E isso apenas para citar algumas das mais renomadas instituições ao redor do mundo que reservam um olhar atento à joalheria.

E para além dessas grandes instituições, há cada vez mais galerias de porte menor – principalmente fora do país –, eventos, feiras e bienais a tratar do assunto, a partir de um viés mais contemporâneo para entender o que vem sendo a joalheria atualmente. É o caso da Galeria Alice Floriano, precursora no Brasil e especializada em arte-joalheria contemporânea. Mas o que seria arte-joalheria contemporânea? E de que forma essa Galeria se difere das lojas tradicionais de comércio em joalheria? Como se configura em espaço artístico? Por que e como as obras lá expostas são consideradas objetos de arte? Como o espaço conjuga articulação mercadológica juntamente com uma proposta expositiva e educativa? Através de quais iniciativas a galeria se mantém ativa e como se dá a sua programação? São algumas das questões que movem a construção deste capítulo.

A joalheria contemporânea – também denominada arte-joalheria – teve seu início como um movimento europeu e vem crescendo desde os anos 1960. No exterior, essa área já é inserida em universidades, galerias e outras instituições, sendo possível acompanhar o *boom* de artistas que se expressam através desse segmento. Todavia, antes mesmo de ser "joalheria contemporânea", a fabricação de peças e objetos como adornos corporais já existia, mesmo que atribuídos de sentidos diferentes dos atuais através do tempo. O que acaba por tornar a joalheria uma das formas de arte mais antigas do mundo. Apesar da proposta da presente pesquisa não ser dissertar sobre a história da joalheria, torna-se importante realizar um breve adendo para esclarecer as transformações deste subcampo artístico ao longo da história da arte.

Há registros que apontam a realização de joias desde a pré-história, entretanto, é complexo identificar um ponto exato de partida e origem. De início, as joias eram realizadas a partir de materiais como pedras, ossos, sementes e dentes de animais lapidados de forma

⁶⁷ Imagens da coleção <https://artsandculture.google.com/exhibit/the-jewellery-of-rajasthan/vgKCHCL5vYprJQ>.

rústica, para posteriormente, os metais serem introduzidos. Com o apoio teórico de Zugliani e Benutti⁶⁸ (2011 pp. 161-162) evidencia-se que desde o antigo Egito, a joalheria era uma arte repleta de simbolismos, visto que os homens utilizavam as joias como amuletos a fim de exprimir suas crenças, servirem como objetos de proteção, bem como insígnias de distinção social. Mais tarde, já na Grécia, a princípio, a produção de joias seguiu o uso de formas geométricas e a simplicidade, pois as leis gregas eram contra o luxo, em seguida os gregos passaram a inserir finas folhas de ouro na realização de guirlandas, e, durante o período Helenístico introduziram a técnica dos camafeus⁶⁹ na execução de suas joias.

Na civilização romana a ourivesaria ganhou muito reconhecimento, o que acarretou um certo controle do estado para regulamentar a quantidade de ouro que um indivíduo poderia usar. Durante a Idade Média, observou-se uma forte influência da religião cristã sobre as peças produzidas. Hoje em dia classificadas como "joalheria medieval", as obras desse período são joias eclesiásticas, escapulários, crucifixos, relicários, etc; que inclusive, eram fabricadas nas guildas – nas primeiras corporações de ourives –, estes, produziam peças para a igreja, para a nobreza e para a nova burguesia. A técnica da esmaltação⁷⁰ foi destaque na joalheria medieval, usada em broches, fivelas, cintos, ornamentos de cabeça, entre outras peças, pois nesse período o vestuário – e peças relacionadas a ele – era frequentemente adornado com materiais nobres. Os anéis eclesiásticos, muito valorizados pela igreja nessa altura, são usados atualmente por cardeais, bispos e pelo papa em importantes cerimônias (MARQUES, 2014. p. 16). E diversas peças desse período estão em exposições ou fazem parte de acervos de instituições como O Tesouro–Museu da Sé de Braga, em Portugal, a título de exemplo.

No império bizantino as joias também possuíram relações estreitas com a religião e as gemas, a filigrana⁷¹ e a granulação⁷² foram frequentemente aplicadas às peças. Nesse período,

⁶⁸ Giovana Mara Zugliani, Graduanda em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Bauru – Faculdade de Artes; e Maria Antonia Benutti, Professora Doutora da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Campus Bauru – Departamento de Artes e Representações Gráficas. Ambas autoras do artigo denominado *Arte & Joia: Uma análise entre as joias como objeto de arte e arte contemporânea*.

⁶⁹ O camafeu é uma técnica de escultura usada em joias de modo a formar uma figura em relevo tirando partido da existência de camadas sobrepostas de cores diferentes. Tradicionalmente essa técnica é feita em broches e pingentes.

⁷⁰ A esmaltação é feita a partir da aplicação dos esmaltes vítreos em pó sobre a superfície do metal nas áreas desejadas. Após a parte criativa, é feita a fusão dos dois materiais através de exposição a altas temperaturas através de maçarico ou fornos de alta temperatura. Conhecida na joalheria como “Esmaltação a Fogo”, é uma técnica decorativa aplicada à superfície das peças com o objetivo de colori-las. Por se tratar de um material vítreo, algumas das características do esmalte são: forte brilho e cores vibrantes e intensas. O esmalte pode ser aplicado em cobra, prata e ouro.

⁷¹ A Filigrana é uma das técnicas mais antigas de ourivesaria do mundo e consiste em trançar e curvar fios de ouro ou prata no preenchimento de detalhes.

a joia também era considerada um símbolo de *status* e religiosidade. O aparecimento dos primeiros "joalheiros especializados", segundo as autoras, se dá no período gótico, no qual a técnica de lapidação em pedras foi bastante desenvolvida, em razão da elaboração de peças diversificadas e com grande riqueza de detalhes (ZUGLIANI; BENUTTI, 2011, p. 162). Mas, é apenas no período do Renascimento que a joalheria alcança um nível artístico tão elevado quanto as Belas-Artes. Através do abastecimento de matérias primas como o ouro, a prata e as pedras preciosas extraídas de regiões recém descobertas – como as Américas –, o aperfeiçoamento das técnicas em joalheria foram cada vez mais desenvolvidos, e as joias continuaram a ser consideradas sinais de riqueza e investimento. No Barroco⁷³, mais do que nunca, as joias serviram para ostentar riqueza, perdendo, até certo ponto, sua importância artística (ZUGLIANI; BENUTTI, 2011, p. 162).

Na sequência, durante o movimento Rococó, a importância artística dedicada à joia retorna, e cria-se uma divisão entre joias para uso diurno (leves e despreocupadas) e para uso noturno (carregadas e brilhantes). O período Neoclássico, por sua vez, impôs a simplificação das linhas e das formas na joalheria, inspirada nos modelos greco-romanos. E, com a chegada do século XIX, as inovações tornam-se constantes devido à Revolução Industrial na Europa. Nesse momento, a produção começou a ser muito pautada no viés industrial e do design, o que acarretou a possibilidade de produzir em série o que antes eram peças únicas⁷⁴. Em contrapartida, o *Arts and Crafts* foi um movimento artístico que priorizava em sua produção a simplicidade do bom artesanato e do design, rejeitando, assim, os processos de industrialização. Os artistas realizavam suas peças manualmente – dando importância ao fazer artístico, e não ao valor dos metais –, contribuindo, dessa forma, com uma produção mais sofisticada e exclusivamente pautada no refinamento e no bom gosto⁷⁵. Infelizmente, esse movimento não perdurou por muito tempo, visto que o preço dessas joias exclusivas não conseguia competir contra a joalheria industrial que visava um maior número de peças com preços relativamente moderados.

⁷²A granulação em joia é uma técnica que permite adicionar grãos ao metal, normalmente com objetivo estético para adorná-lo. É uma forma de decoração onde pequenas esferas de metal são adicionadas a uma base, também de metal, resultando em uma mistura de textura e delicados detalhes.

⁷³ Segundo as autoras, "As gemas como safiras, rubis e diamantes foram protagonistas das joias que eram usadas para ostentar riqueza. Um dos modelos mais característicos eram as jóias com uma grande gema central rodeadas por diamantes, pérolas ou ouro (ZUGLIANI; BENUTTI, 2011, p. 162).

⁷⁴ O impacto da tecnologia sobre as técnicas de produção e a vulgarização própria do consumismo contribuíram para descaracterizar a joia como obra de arte. O tradicional ourives cedeu lugar às modernas máquinas de fundição; a peça única perdeu espaço para a massificação. E diante deste quadro, ressurgiu a preocupação de se resgatar o valor artístico na joalheria.

⁷⁵ Zugliani e Benutti (2011, p. 162) afirmam que durante o movimento *Arts and Crafts*: "As joias eram inspiradas na natureza, nas pinturas pré-rafaelitas, no Renascimento e temas etruscos; e desenvolvidas em formas abstratas e simbólicas".

Já adentrando no século XX, um movimento ressaltado pelas autoras é o *Art Nouveau*, o qual inspirou artistas como René Lalique (1860 – 1945) e Georges Fouquet (1862 – 1957) a realizarem joias de modelo abstratos, com leveza e assimetria, a partir de formas da natureza, porém que, muitas vezes, não eram confortáveis. Lalique também quebrou paradigmas ao introduzir materiais não tão nobres em suas produções, como, por exemplo, o bronze, o vidro, a madrepérola e o marfim, com a condição de que esses materiais contribuíssem para o efeito desejado. A joalheria deixa de ter, assim, necessariamente e unicamente a função de adorno, de distinção social e de suprir e satisfazer os gostos superficiais de sua clientela, para passar a representar uma ideia e um conceito proposto por seu autor. Dessa forma, a joalheria começa a adentrar nos museus e galerias de arte como objeto artístico, pois a partir de observações criativas, do domínio das técnicas e da experiência de artistas joalheiros a joia se transforma em uma expressão artística.

Percebe-se, portanto, que ao longo da história e através das culturas, a joalheria serviu para ser uma extensão e uma ampliação do corpo humano, acentuando-o, aprimorando-o, distorcendo-o e transformando-o. De acordo com as autoras:

Após a Segunda Guerra Mundial, a jóia passa a caminhar juntamente com a moda. É dada grande importância às gemas perfeitamente lapidadas e montadas em peças de design; o que torna a joalheria uma opção de investimento e não só para uso pessoal. Isso provavelmente estimulou a produção de jóias de aspecto inovador e com a utilização de novos materiais, características principais da joalheria contemporânea (ZUGLIANI; BENUTTI, 2011, p. 163).

A joia passa a ser vista como uma arte independente, sendo sua forma e conceito mais relevante que sua materialidade em si. Apesar da joalheria contemporânea desconstruir a ideia de que a obra final precisa ser feita a partir de materiais nobres, isso não significa que qualquer objeto realizado com materiais alternativos pode ser considerado joia contemporânea. A utilização de materiais alternativos é apenas uma das ferramentas usadas com base na desconstrução poética de seus autores. Desse modo, a joalheria contemporânea insere-se no debate das práticas artísticas, assim como outros subcampos não tão reconhecidos, através de suas concepções, construções e questionamentos. O conceito, o processo de pesquisa, a intenção e o contexto em que cada projeto é concebido, são os referenciais que a torna diferente das outras práticas da joalheria. As obras que surgem a partir de pesquisa, reflexão e diálogo entre autor, matéria e pensamento são consideradas artísticas.

3.2 Joalheria contemporânea: nomenclaturas, definições e a passagem pelo processo de artificialização

Os artistas joalheiros, por conseguinte, são os responsáveis por essa produção pautada nos processos de pesquisa que abrangem investigação, conceitos e poética pessoal. As suas produções se diferem das "joias de artista", pois a joalheria de artista diz respeito a produtores que possuem suas obras em outros suportes, como, por exemplo, a pintura, a escultura, a fotografia, entre outros diversos; mas que, porventura, em alguma altura de suas trajetórias experimentaram realizar joias. Enquanto os artistas joalheiros, *a priori*, focam suas produções na joalheria, e dessa forma, precisam saber o básico das técnicas tradicionais, apesar de também ser possível transitar por outros suportes artísticos.

Para autores como Serroy e Lipovetsky, a denominação "artista" joalheiro – e não somente esta denominação, como também outras nomenclaturas frequentemente usadas, por exemplo: quando os jardineiros são chamados de "paisagistas"; os cabeleireiros, "*hair designers*"; os floristas, "artistas florais"; os cozinheiros, "criadores gastronômicos"; os tatuadores, "artistas tatuadores"; os costureiros, "diretores artísticos"; os fabricantes de automóveis, "criadores de automóveis", e assim por diante – é consequência direta do capitalismo artista, pois este, "trabalha para construir e difundir uma imagem artista de seus atores, ou seja, para 'arterializar' as atividades econômicas fazendo da arte um instrumento de legitimação de marcas e empresas" (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 18). E não há como negar que sim, isto é algo frequente na atualidade. Todavia, no caso da joalheria, também não há como negar que existe uma distinção entre os profissionais, e que, artistas joalheiros realmente existem, diferenciando-se de designers e ourives, por exemplo, através de seu processo criativo e de outras instâncias que legitimam suas produções.

Dentro da área da joalheria, a partir do século XX, houve algumas subdivisões entre as designações e atuações desse subcampo. A joalheria contemporânea possui como premissa essencial que as suas obras se relacionem com o corpo, mesmo que não sejam, necessariamente, para o uso. Os seus produtores são denominados "artistas joalheiros". A joalheria de autor, por sua vez, é muito similar à joalheria contemporânea, pois trata-se de uma denominação que surgiu na década de 1950, quando a joia começou a mesclar-se com a arte. Nessa altura apareceu o termo inglês *Studio Jewelry*, utilizado nos EUA, para distinguir o trabalho de artistas que realizavam joias meramente comerciais dos que realizavam obras artísticas em joalheria, ou *Contemporary Jewellery* como era utilizado na Inglaterra. Da mesma forma, surgiu a versão italiana *Gioielli d'autore*, que deu origem ao termo português

"Joalheria de Autor". Tanto na joalheria de autor quanto na joalheria contemporânea o criador participa de todas as etapas de produção, pois as peças são feitas à mão pelo mesmo, e não necessariamente são oriundas de projetos. Frequentemente as joias são determinadas por ensaios ou fatalidades que vem a ocorrer durante sua própria execução. Portanto, esses produtores precisam ter conhecimento das variadas técnicas da joalheria, para serem capazes de produzir suas peças, explorar materiais e formas alternativas de utilizá-los.



Figura 5 – Christine Jalio (Lapua, Finlândia)
 Broche da série: *Past, Loss, Future*⁷⁶ (2015)
 Argila de seda e prata, 13cm
 Fonte: Galeria Alice Floriano (2021).

O "autor de joias" designa, portanto, o artista que cria e executa peças únicas desvinculado das tendências da joalheria convencional. Ao invés de se preocupar com o valor intrínseco dos materiais e matérias-primas, o artista os supera, o que lhe permite maior liberdade na combinação de metais nobres e gemas com materiais alternativos como vidro, resina, borracha, etc.; sendo seu objetivo final o nivelamento da arte-joalheira às demais formas de manifestação artística. A joalheria de artista – como seu próprio nome já induz e

⁷⁶ A artista joalheira Christine Jalio comenta sobre seus interesses de pesquisa: "Eu sou extremamente fascinada pela psique humana, intrigada pelo passado, a velhice e a perda. Fico entusiasmada com os elementos velhos e desgastados, aspereza e decadência. Minhas joias contam histórias de envelhecimento e perda pessoal, histórias da vida humana e as transições, escolhas e reviravoltas disso. Meu método de trabalho é buscar e questionar, meu ponto de partida é sempre uma emoção. Tenho grande respeito por bons acabamentos, habilidade e destreza. Com meu trabalho espero evocar emoções em outras pessoas, mover algo dentro delas. Para mim, a joalheria contemporânea é uma arte rebelde, sem regras reais ou limites reais." (tradução nossa) Disponível em :<http://www.mellefinellijewelry.com/events-1/christine-jalio-past-loss-future>.

conforme apontado anteriormente – refere-se a artistas que possuem suas produções em suportes mais comuns como a pintura, a escultura, a fotografia e outros; mas que, em algum momento de suas produções realizaram joias, é o caso de nomes consagrados como Pablo Picasso (1881 – 1973), Alexander Calder (1898 – 1976) e Jesús Rafael Soto (1904 –1989), entre incontáveis outros. Nota-se, muitas vezes, que a linguagem poética do autor se mantém, entretanto, em outro suporte artístico.



Figura 6 – Pablo Picasso (1881 – 1973),
Visage Rond, 1972
Broche – Ouro, 5cm.
Edição: François Hugo 16/20
Fonte: Coleção Diane Venet (2021).

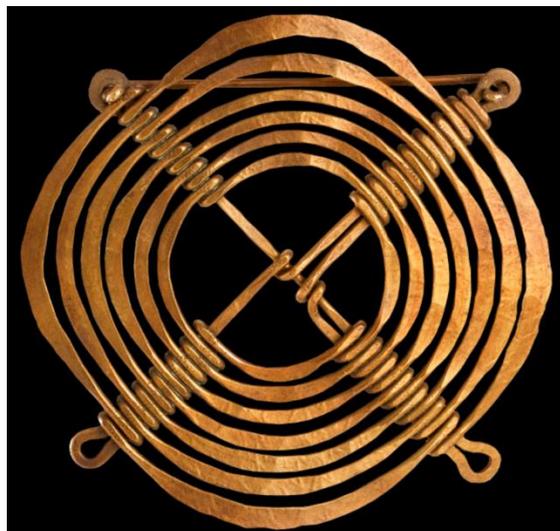


Figura 7 – Alexander Calder (1898 – 1976)
Sem título, por volta de 1940
Pendente/Fivela de cinto, Bronze com folha de ouro 11,7 x 11,4cm
Peça única
Fonte: Coleção Diane Venet (2021).



Figura 8 – Jesús Rafael Soto (1881 – 1973)
Sem título, 1968

Brincos – banhados a prata e ouro, 9 x 6,8cm
Edição Gem Gian Carlo Montebello, 11/25
Fonte: Coleção Diane Venet (2021).



Figura 9 – Designer de joias: Patrícia Pesco; Designer 3D: Paula Barreto; Ourives: Ezequiel 1
Pulseira Modular *Amor e Abelha*, 2019 – Peça de coleção para Minha Maison de Joias.
Esculpida à mão, mesclada com a técnica de desenvolvimento em 3D – Ouro champagne 18k, abelha em ouro amarelo 18k com 23 diamantes brancos, pedra central de pérola barroca natural (aproximadamente 22x16mm) com opção de troca da gema central de quartzo rosa ou jade nefrita verde
Peso: 49,00 g
Fonte: Minha Maison de Joias (2021)



Figura 10 – Designer de joias: Patrícia Pesco; Designer 3D: Paula Barreto; Ourives: Ezequiel 2
 Desenho técnico para pulseira modular *Amor e Abelha*, 2019
 Fonte: Minha Maison de Joias (2021)

O designer de joias possui o foco em desenhar os projetos e coleções, e eventualmente, pode até executá-los, mas à princípio são peças feitas para uma produção em grande escala ou em série, geralmente com vista comercial. A *fashion jewelry* são peças que têm a moda e o design aliados ao produto final, e que, portanto, acompanham calendários de moda, tendências da estação e cartelas de cores. Já o ourives, por sua vez, configura-se como o operário que realiza os projetos ou cópias, sendo assim, é o especialista nas técnicas de joalheria e destaca-se como o profissional que executa as peças desenhadas pelo designer. O ourives não tem o papel de criar peças – ocasionalmente, até pode –, mas sim colocar em prática os desejos do cliente e também os projetos para coleções. É uma função dedicada à execução. E a alta joalheria, por fim, é diretamente ligada à produção de peças de luxo a partir de materiais nobres.



Figura 11 – Joias Tiffany & Co. Jean Schlumberger (1907 – 1987)
 Pulseira 36 Stone – Pulseira em ouro 18k com diamantes com lapidação brilhante em platina
 Dimensões não informadas
 Fonte: Tiffany (2021).

Na Galeria Alice Floriano, são hoje 93 artistas joalheiros⁷⁷ representados. Dentre eles, suas atuações variam, ou seja, alguns também expandem suas práticas a outros suportes – performance, artes visuais, cenografia, instalações – mas, em comum carregam o fato de serem artistas joalheiros, pois possuem uma pesquisa consolidada e focada na área, além de dominarem as técnicas da joalheria. Os artistas são escolhidos a partir dos critérios de seleção de Alice Floriano, os quais levam em consideração a coerência entre a proposta do trabalho – o *statement* – e as peças resultantes, a qualidade técnica, o currículo do artista e sua

⁷⁷ Os artistas representados pela Galeria Alice Floriano, listados a partir de suas nacionalidades: **Alemanha:** Gina Melosi; Jil Koehn; Julia Obermaier; Katharina Kraus; Iris Merkle; **Argentina:** Agustina Ros; Andrea Vaggione; Luz Arias; Eva Burton; **Austrália:** Anna Vlahos; Inari Kiuru; Teresa Lee; **África do Sul:** Helen Clara Hemsley; Geraldine Fenn; **Brasil:** Alice Floriano; Nicole Uurbanus; Claudia Senna; Marina Sheetikoff; Kika Alvarenga; Nina Lima; Marcia Cirne Lima; Renata Porto; Tissa Berwanger; Thais Costa; Mariah Rovey; Vera Monfort; Virgilio Bahde; **Bulgária:** Simeon Shomov; **Colômbia:** Paola Pérez; **Coréia do Sul:** Hee-ang Kim; Jina Seo; Jeong Hwa Lee; **Dinamarca:** Malene Kastalje; **Estados Unidos:** Anna Johnsson; Maria Louise High; Nikki Couppee; Steve Alexis; **Estônia:** Claudia Lepik; Tanel Veenre; **Finlândia:** Christine Jalio; Mia Maljojoki; Helmi Lindblom; **Grécia:** Anastasia Agglopoulou; Anastasia Kandaraki; Angelos Konstantakatos; Anna Pervolaraki; Chrysa Chatzikonstantinidou; Elena Simou; Evangelia Dimitriou; Hara Kourtali; Myrto Prokopiou; Yakinthi Oikonomou; **Holanda:** Ruudt Peters; **Hungria:** Anna Zeibig; **Itália:** Giulia Savino; Laura Forte; Ilaria De Lorenzi; **Japão:** Mari Ishikawa; Akiko Kurihara; **Malásia:** Joanne T; **México:** Jorge Manilla; **Nova Zelândia:** Lisa Walker; **Polônia:** Hanna Kowalska; **Portugal:** Ana Pina; Carlos Silva; Catarina Salavisa; Catarina Silva; Cristina Filipe; Diana Silva; Inês Nunes; Inês Telles; Juliana Bezerra; Miriam Costa Reis; Miriam Castro; Nininha Guimarães; Tereza Seabra; Teresa Milheiro; Telma Simões; Áurea Praga; Vera Pinto; Sara Leme; **República Tcheca:** Petra Mohylova; **Rússia:** Yura Bylkov; Alisa Letsius; **Suécia:** Helena Johansson Lindell; Jelizaveta Suska; Linnea Eriksson; Sofia Björkman; Pernilla Qvist; Sofia Bankestrom; Märta Mattsson; **Turquia:** Aisegul Telli; Gözde Erdogan.

representatividade em instituições do circuito, assim como a originalidade de seu projeto. Por exemplo, Märta Mattsson (1982) – artista joalheira sueca representada pela Galeria – recebeu o título de mestre pela *Royal College of Art*, em Londres, 2010. Também recebeu o diploma de bacharel em arte-joalheria da *Academy of Design and Crafts*, de Gotemburgo, e foi aluna de intercâmbio na *Hiko Mizuno College of Jewelry*, em Tóquio, na *Rhode Island School of Design*, em Providence, e na *Hawaii Pacific University*⁷⁸. Em 2014, recebeu o Prêmio de Excelência *Pushing Boundaries & Chasing Challenges*, em Pequim, na *International Contemporary Metal Art Exhibition*, já em 2016, Märta também recebeu o prêmio *Young Applied Artists*⁷⁹, do *Nationalmuseum*, na Suécia. As suas peças podem ser encontradas em coleções de museus de prestígio como o *Museum of Art and Design*, em Nova York e no *Nationalmuseum*, em Estocolmo.

Da mesma forma, o artista joalheiro Yura Bylkov (1984), também representado pela Galeria. As suas obras estão na coleção do *State Hermitage Museum*, de São Petersburgo, e no *Schmuckmuseum Pforzheim – (Pforzheim Jewellery Museum)*, na Alemanha, bem como em outras coleções particulares na Rússia, Alemanha, Espanha, Suécia e Finlândia⁸⁰. A artista joalheira finlandesa Christine Jalio também representada pela Galeria, em 2015 foi premiada com o segundo lugar no *Enjoia't Contemporary Jewellery Awards*, de Barcelona, na Espanha, e seu trabalho pode ser encontrado em publicações de arte e joalheria como a *Artistar Jewels* (2016) e a *Who's Who in Visual Art* (2016)⁸¹. O artista joalheiro Jorge Manilla, mexicano residente na Bélgica e na Noruega, estudou artes visuais – desenho e escultura – na *Academia de San Carlos*, no México, e joalheria e ourivesaria na INBA – *Escuela de Diseño y Artesanías*. Em 2003, recebeu o título de Bacharel em escultura pela KASK – *Royal Academy of Fine Arts*, de Ghent, na Bélgica e, em 2006, de mestre em joalheria e ourivesaria, pela *St. Lucas University College of Art and Design*, da Antuérpia, Bélgica. Atualmente, Manilla é professor titular na *Oslo National Academy of the Arts* e possui um currículo muito extenso⁸².

Todavia, de que forma as obras realizadas por esses nomes citados – e de outros que compõem a lista de representados pela Galeria Alice Floriano – se caracterizam como obras de arte? O que é levando em consideração – pelo sistema – ao considerar uma peça como obra de arte? A partir do artigo *Quando há artificalização?* (2013) as autoras Roberta Shapiro e

⁷⁸ Programa de intercâmbio durante 1 semestre em Design de joias, design têxtil e desenho. Disponível em: <http://www.martamattsson.com/CV>.

⁷⁹ Prêmio Jovem Artista Aplicado 2016 do Fundo Bengt Julins, administrado pelos Amigos do Nationalmuseum.

⁸⁰ As informações foram retiradas do currículo do artista que pode ser acessado em seu site oficial: CV do Artista

⁸¹ Disponível em: <https://www.alicefloriano.com/christinejalio>.

⁸² As informações foram retiradas do currículo do artista que pode ser acessado em seu site oficial: <https://www.jorgemanilla.com/about>.

Nathalie Heinich procuram teorizar esse processo⁸³. Segundo elas, a resposta da pergunta tem a ver com a soma total de atividades institucionais, interações cotidianas, implementações técnicas e atribuições de significado. A partir de um olhar materialista, Shapiro e Heinich (2013, pp. 14-15) observam o que as pessoas fazem e como o fazem, as coisas que utilizam, os locais onde vão, as pessoas com quem interagem, as coisas que falam e as normas que seguem. Para então se questionarem: Como, por meio desse nexo de ação e discurso, indivíduos fazem ou criam coisas que gradativamente passam a ser definidas como obras de arte? O processo de artificação, perante suas visões, não é o mesmo processo de legitimação, pois, apesar das semelhanças, a artificação é um avanço teórico e empírico em relação à legitimação, sendo, portanto, a legitimação uma consequência da artificação. Conforme a situação, esses fatores podem se inverter, visto que, a iniciativa de garantir a legitimidade para uma prática considerada subvalorizada pode, por sua vez, impulsionar um processo de artificação.

Assim, a artificação é por elas definida como composta por outros dez procedimentos, são eles: deslocamento, renomeação, recategorização, mudança institucional e organizacional, patrocínio, consolidação jurídica, redefinição do tempo, individualização do trabalho, disseminação e intelectualização. Serão melhor explicitados neste trabalho os métodos que possuem maiores relações com o processo de artificação da joalheria. Em primeiro lugar, o deslocamento é um pré-requisito, pois diz respeito ao fato de extrair ou deslocar uma produção de seu contexto inicial, isto é, trata-se do momento em que a joalheria ultrapassa os limites das oficinas – do "fazer" – e adentra em contextos de exposição e de contemplação, portanto, para além da comercialização. Conforme as palavras de Goldenfum (2019, p. 40) "as joias, antes desenvolvidas para o consumo como fim, passaram a se inserir em ambientes destinados à fruição, abandonando suas posições exclusivamente nos ateliers dos criadores ou em lojas especializadas".

As peças produzidas pelos artistas joalheiros citados acima – Märta Mattsson (1982) e Yura Bylkov (1984), por exemplo ao fazerem parte do acervo de instituições como o *Museum of Art and Design*, de Nova York, e o *Nationalmuseum* de Estocolmo – no caso da primeira artista –, e do *State Hermitage Museum*, de São Petersburgo, e do *Schmuckmuseum*

⁸³ Esse esforço de trazer uma discussão sobre o processo de artificação a partir de Shapiro e Heinich, com enfoque no campo da joalheria foi realizado anteriormente pela bacharel e hoje mestranda em História da Arte Débora Goldenfum, no seu trabalho de conclusão de curso denominado *Objetos portáteis: A joia como suporte artístico na obra de Maria Ivone dos Santos* (2019). À exemplo de seu trabalho – o qual focava na legitimação da produção em joalheria da artista Maria Ivone dos Santos (1958) – no presente caso, emprega-se e transpõe-se a mesma dinâmica de análise, entretanto, em um nível institucional abordando a Galeria Alice Floriano e a série de artistas por essa instituição representados.

Pforzheim, na Alemanha – no caso do segundo artista –, passam por esse processo de deslocamento. Antes mesmo de serem inseridas nos acervos das instituições, apenas por estarem presentes em exposições do circuito, essas obras já estão a passar pelo processo de deslocamento. Aliás, o próprio fato de estarem à mostra nas exposições da Galeria Alice Floriano, ou sob sua salvaguarda, já se configura como um processo de deslocamento, visto que a galeria se caracteriza como um espaço de fruição. O segundo aspecto do processo de artificação é a renomeação e diz respeito a uma mudança terminológica, ou seja, uma alteração de nomenclatura⁸⁴. Portanto, quando a joalheria no século XX é subdividida em campos – já descritos e pormenorizados neste trabalho –, ou seja, alta joalheria, *fashion jewelry*, joalheria contemporânea – ou arte-joalheria –, joalheria de artista, design de joias, entre outros, acontece o processo de renomeação. Conforme Goldenfum:

A joalheria, de modo geral, sofreu ao longo dos anos duas grandes recategorizações, já mencionadas anteriormente. A primeira delas, após a Primeira Guerra Mundial, com a divisão entre joalheria comercial, *costume jewelry*, joalheria artesanal e joia de artista, e a segunda, após a Segunda Guerra Mundial, com a joia de design e a joia de arte ou arte-joalheria (GOLDENFUM, 2019, p. 51).

No momento em que a joalheria contemporânea passa por essa renomeação para ser equivalente a "arte-joalheria", também é o momento em que sofre uma recategorização, que é o terceiro processo de artificação identificado pelas autoras. Ambos os processos renomeação e recategorização, na artificação da joalheria, ocorrem ao aproximar e inserir essa área dentro dos procedimentos artísticos e do campo da arte, ou seja, ao denominar um joalheiro como "artista joalheiro" – termo já esclarecido anteriormente –, promove-se sua atuação e pesquisa como análoga à de um artista que utiliza outro suporte para se expressar. Da mesma forma a joalheria de artista, apesar de sua diferenciação se comparada a joalheria contemporânea, pois "a joia, ao receber o complemento 'de artista', muda, não somente a indicação de seu criador, como o seu significado, o qual recebe a carga conceitual da poética daquele que a produz" (GOLDENFUM, 2019, p. 51).

O quarto processo de artificação diz respeito à mudança institucional e organizacional. O exemplo citado pelas autoras é a transição das guildas para as Academias Reais, e também o fim da divisão entre as artes mecânicas e artes liberais, a qual acabou por dissolver as hierarquias entre os gêneros pictóricos. No caso da joalheria, é possível citar a transição da produção e pesquisa dos ateliês independentes para a produção e pesquisa dentro das

⁸⁴ O exemplo utilizado pelas autoras Shapiro e Heinich (2013, p. 18) é a mudança terminológica, na França, para designar os produtores no âmbito da pintura, a palavra *imagiers* (criadores de imagens) designava os artesãos, e progressivamente foi substituída durante o século XVIII pela palavra *artistes*.

universidades. Entretanto, no Brasil, o estudo acadêmico teórico e prático específico na área da joalheria ainda não é tão explorado – salvo exceções⁸⁵ – pelas instituições públicas de ensino. Esse fato faz com que os interessados tenham que procurar esse embasamento em instituições – FAAP, ESPMIX, SENAI, entre outras – e ateliês privados ou em outros lugares do mundo como em países da Europa e nos Estados Unidos⁸⁶, por exemplo. Esse quarto item, portanto, diz respeito a um processo de institucionalização e legitimação do ensino de uma prática.

O quinto, sexto e sétimo item – respectivamente: patrocínio, consolidação jurídica e redefinição do tempo – talvez sejam os processos mais complexos e que a joalheria ainda não passou por completo, pelo menos no Brasil. O patrocínio diz respeito aos sistemas de apoio financeiro governamental aos artistas – antigamente denominado mecenato – como, por exemplo, bolsas e editais. Os exemplos que as autoras trazem para exemplificar a consolidação jurídica dizem respeito à propriedade intelectual das obras adquiridas pelos escritores e compositores perante a justiça no século XIX, bem como o fim das restrições de censura nas produções e filmes dos anos 1960, nos Estados Unidos, através de decisões jurídicas que favoreceram a artificação do cinema (SHAPIRO; HEINICH, 2013, p. 19). A redefinição do tempo não é um processo especificado pelas autoras, apenas citado. E por fim, os últimos processos da artificação considerados, são: a individualização do trabalho, a disseminação e a intelectualização. Em relação a individualização, o exemplo referido é através da pintura, ou seja, quando os artistas saíram dos ateliês de seus mestres e iniciaram suas produções em estúdios e ateliês individuais. Mais uma vez, ao transferir a análise para a área da joalheria contemporânea percebe-se que "o artista, atuando de maneira individual, afasta-se do ofício de ourives da joalheria comercial, cujo propósito é produzir, na maioria das vezes em conjunto, uma determinada peça projetada por outra pessoa e destinada a uma terceira" (GOLDENFUM, 2019, p. 51).

A disseminação é o processo que leva as obras a um alcance e, conseqüentemente, a um acesso mais amplo, isto é, o fato de um objeto transitar pelo circuito, estar em exposições

⁸⁵ É importante ressaltar que a UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) possui um curso de pós-graduação em Design de Gemas e Joias. Ainda assim é voltado para a área do Design. Disponível em: <http://ed.uemg.br/ensino/pos-graduacao-lato-sensu/pos-em-design-de-gemas-e-joias/>.

⁸⁶ Fora do país são diversas as instituições que possuem cursos de graduação, pós-graduação e especializações em arte-joalheria, algumas instituições foram citadas ao descrever o percurso acadêmico de alguns dos artistas representados pela Galeria Alice Floriano, para além destas, também podem ser citadas a *University of Oregon – Department of Art*, nos EUA, a Escola Massana – Pós Graduação em Artes Aplicadas Contemporâneas em que o aluno pode escolher atividades que acontecem nas oficinas de Arte Têxtil, Joalheria e Arte do Fogo (Cerâmica e Vidro) –, em Barcelona, a ESAD – *École Supérieure des Arts Décoratifs*, em Estrasburgo, e a *Academy of Arts – PhD in Jewellery and Blacksmithing*, na Estônia.

em museus e galerias, catálogos e publicações, concursos, feiras, e que dessa forma, passa a ser retirado de um ambiente privado – ateliês ou coleções – para ser exposto em um ambiente público, acaba por expandir seu usufruto e sua potência como sendo uma obra que induz maiores reflexões a um maior número de pessoas. Sendo assim, as diversas obras presentes no acervo da Galeria Alice Floriano, ao serem expostas nas mostras organizadas, ou levadas para exposições itinerantes nos vários locais e eventos onde a galeria já esteve adquirem uma fortuna crítica cada vez maior. A intelectualização, por fim, é o reforço discursivo essencial para a conclusão do processo de artificação, visto que, todos os esforços teóricos também são meios de legitimação. É devido a isso a importância da institucionalização da produção prática e também teórica em joalheria contemporânea, a partir da criação de cursos superiores na área oferecidos por universidades e outros centros artísticos, tal qual o incentivo à crítica de arte nesse âmbito. Este trabalho, inclusive, configura-se como um processo de intelectualização em joalheria contemporânea.

3.3 Galeria Alice Floriano: propostas e estratégias de funcionamento

Após o esforço em pormenorizar cada fase do processo de artificação, nota-se que a joalheria contemporânea já atingiu diversos pré-requisitos para ser considerada como arte⁸⁷. E a Galeria Alice Floriano, por ser responsável pela difusão desse gênero de produção, configura-se também como um espaço de arte. Porém, não só por isso. As diferenças entre um estabelecimento puramente comercial em joalheria e a Galeria Alice Floriano são notórios, apesar de que, a galeria também sobrevive de sua articulação mercadológica e comercial. O interessante é que esse espaço consegue articular uma proposta expositiva e educativa juntamente com o quesito mercadológico. Por exemplo, um estabelecimento puramente comercial em joalheria não se preocupa com questões expositivas e educativas, também não há uma preocupação em identificar quem produziu cada peça – ênfase na autoria –, e frequentemente são peças feitas com materiais nobres como ouro e prata – alta joalheria –, que portanto, também precisam de um cuidado em relação à segurança. Devido a isso, geralmente – porém, não necessariamente – um espaço do gênero está localizado dentro de outro centro comercial maior, como por exemplo, um *shopping*.

A Galeria Alice Floriano está localizada em um bairro abastado de Porto Alegre, nesse caso, o bairro Moinhos de Vento e isso lhe garante uma circulação de público consumidor que

⁸⁷ Entretanto, os processos de artificação da joalheria ainda são incompletos, significa que não são permanentes, ou seja, fazem e se desfazem continuamente. O artista joalheiro, eventualmente, atinge essa posição de artista.

desfruta de um alto poder aquisitivo. Já as vendas realizadas por *e-commerce* garantem um alcance de público maior – inclusive internacional – que “democratiza”, de certa forma, as vendas, ainda que, obviamente, trata-se de um público seletivo e instruído que as realiza. O ano de 2020, segundo Alice, caracterizou-se como o ano em que mais se vendeu para outros países. Inclusive, a maioria das vendas da Galeria durante o ano passado foram via *e-commerce*, em grande parte para os Estados Unidos, Itália, Alemanha, e também uma primeira venda para os Emirados Árabes Unidos, mais especificamente para Dubai. As peças geralmente são enviadas via correios, entretanto, em alguns casos específicos, a Galeria arca com o valor e envia via DHL quando se trata de um trabalho de alto valor.

Em relação ao espaço físico da Galeria, observa-se que este remete mais a um ambiente artístico do que a um ambiente meramente comercial. E de início essa foi uma preocupação, ou seja, não soar comercial, apesar de hoje já não ser, segundo a galerista. O espaço expositivo, juntamente com o acervo, está localizado no primeiro andar do edifício e configura-se como um espaço "cubo branco"⁸⁸, o qual muda sua expografia de acordo com as mostras organizadas. Logo acima, no segundo piso, está localizado o *Gabinete de Curiosidades*, um anexo da Galeria que teve sua inauguração no dia 24 de setembro de 2021. Trata-se de um projeto pensado por Alice Floriano, Lúcia Reis e Letícia Remião que visa apresentar artistas, designers, estilistas e garimpos das próprias organizadoras. Mas, talvez o mais interessante seja a expografia desse espaço que realmente lembra um gabinete de curiosidades dos entre-séculos XVI e XVII. Dividindo o mesmo andar, ao lado, está a sala da *Sall e Comphy Wear*, uma marca de roupas que atua independente da Galeria, apesar de dividirem o mesmo espaço físico. Também neste andar, há o espaço *Helena Tzovenos*, ocupado pela mesma e destinado à maquiagem e beleza para fotos, vídeos e eventos.

⁸⁸ O Cubo Branco designa um conceito geral de espaço neutro onde obras de arte indeterminadas encontrariam seu lugar natural. Esse conceito é trabalhado por Brian O’Doherty, ao discutir sobre os espaços modernos de arte em sua coletânea de textos agrupados que resultaram no livro *No interior do cubo branco: a ideologia do Espaço da Arte*. Nessa produção teórica, o autor considera que no espaço cubo branco a obra é isolada de tudo que possa “prejudicar” a sua apreciação, a partir da transcendência da forma pura espacial que procura expurgar a consciência do mundo exterior. Dessa forma, o ambiente se configura como asséptico e atemporal, a obra de arte é individualizada e apresentada em um ambiente homogêneo, destacando-se como uma coisa em si mesma e contracenando com outros trabalhos de arte dispostos no mesmo local, tomando uma composição balanceada espacialmente. Nas palavras do autor, nesse lugar “a arte é livre, como se dizia, ‘para assumir vida própria’.” (O’DOHERTY, 2002, p. 4).



Figura 12 – Sala de exposição e escritório de Alice Floriano
Fonte: Registro da autora.



Figura 13 – Sala de exposição e gavetas para armazenamento de obras
Fonte: Registro da autora.



Figura 14 – Gavetas e prateleiras para acondicionamento de obras
Fonte: Registro da autora.



Figura 15 – Gavetas para acondicionamento de obras
Fonte: Registro da autora.



Figura 16 – Outras iniciativas que dividem espaço físico com a Galeria Alice Floriano: *O gabinete de curiosidades* e *Sall + Comphy Wear*.

Fonte: Registro da autora.

Para além do fato do espaço físico possuir características similares a outros espaços artísticos, é através de sua programação que a Galeria Alice Floriano se diferencia de um

estabelecimento meramente comercial, pois sua atuação vai além das vendas. Desde a abertura da Galeria, em 2015, foram realizadas diversas exposições, não só em Porto Alegre como em outras cidades do país e do mundo. No *site* oficial da Galeria, mais especificamente na aba dedicada às exposições, é possível contabilizar 25 mostras realizadas, tanto exposições individuais quanto coletivas, são elas: *What has the bird done?* (2015); *Is this Jewelry?* (2015); *Felicitas* (2016); *On my way to the record shop* (2016); *Synthetic Fruits and Transmuted Circles* (2016); *Dádiva* (2016); *Inauguração Galeria Aura Arte + Galeria Alice Floriano* (2017); *Rizoma* (2017); *Por Esse Lado* (2017); *Anéis* (2017); *Um – Exposição e Catálogo* (2018); *Re-trato 3x4* (2018); *Ação de Dia das Mães Galeria Alice Floriano + Ceacri* (2018); *Homesick* (2018); *Insects* (2018); *The Television Necklace* (2018); *Quaquaversal* (2018); *Transe* (2018); *Antes que tudo acabe* (2019); *Nau* (2019); *Border* (2019); *Witch* (2019); *200 Brincos* (2019); *Corva* (2020); *Mask* (2020)⁸⁹. Outras iniciativas de gênero expositivo também ocorreram, mas não estão citadas no *site*.

Além das exposições, as quais são marcas distintivas entre um estabelecimento puramente comercial e um estabelecimento parcialmente comercial, que, nesse caso, também possui uma preocupação no âmbito artístico e educativo, a Galeria Alice Floriano também já esteve presente em feiras de joalheria contemporânea internacionais – conforme citado no primeiro capítulo – e, ademais, esteve envolvida na organização de *workshops*, grupos de estudo, um leilão, tal qual um concurso, que, atualmente já está em sua segunda edição. O "Abaeté!"⁹⁰ foi um leilão virtual de joias, realizado em junho de 2020, e organizado pela Galeria Alice Floriano, juntamente com a designer gráfica Fernanda Toniuzzi, a Joy Model Management, o grupo BROCA Joalheria Contemporânea, em prol de amenizar o avanço da COVID-19 entre as populações indígenas brasileiras. As peças leiloadas foram doadas por artistas, joalheiros, designers brasileiros e estrangeiros e todo valor arrecadado foi destinado à APIB – Articulação dos Povos Indígenas Brasileiros e à COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira.

Já as propostas educativas e os *workshops*, alguns além de serem projetos de formação de público, também são iniciativas que mantêm a Galeria ativa, divulgam a sua atuação e incentivam novos produtores na área. Entre 6 a 10 de setembro de 2018, ocorreu o *Workshop com Lisa Walker*, no Atelier Miriam Pappalardo, em São Paulo, a partir da organização da

⁸⁹ Exposições Galeria Alice Floriano. Disponível em: <https://www.alicefloriano.com/exposicoes>.

⁹⁰ Este é o sétimo Leilão de Joalheria Contemporânea que ocorre no mundo com o foco de amenizar o avanço da pandemia do Covid-19, que iniciou na Itália, em março de 2020, tendo como pioneiros os joalheiros János Gabor Varga, Valentina Barella e Elena Martinelli. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/806291193111232/>.

Galeria Alice Floriano, o qual foi destinado, mais especificamente, a indivíduos que pretendiam produzir de forma prática peças em joalheria a partir de materiais cotidianos⁹¹. Já em 2020, durante a pandemia, a Galeria organizou um grupo de estudos *online*, via Zoom, sobre Amuletos⁹². Foram 3 meses de encontros, de 4 de agosto a 27 de outubro, uma vez por semana nas terças feiras, às 14h. O grupo foi planejado por Alice Floriano e Nicole Uurbanus e após os três meses de discussões e seminários as organizadoras propuseram, aos que possuíam interesse em continuar a realizar seus próprios amuletos, uma monitoria para a realização desses projetos que perdura até hoje. Nos encontros foram convidados diversos profissionais de várias áreas relacionadas ao tema – arqueólogos, artistas visuais e joalheiros, antropólogos, museólogos, curadores, historiadores, colecionadores, críticos e filósofos especificados em nota de rodapé⁹³ – para compartilhar seus conhecimentos, e qualquer pessoa que tivesse interesse estava apta a participar.

Após o fim dos encontros do grupo de estudos de Amuletos, a Galeria Alice Floriano organizou durante o mês de novembro de 2020, também via plataformas virtuais, o curso denominado "*A estética do Sagrado – A Etnoarte de Matriz Africana*", ministrado por Raul Lody (1952)⁹⁴ com o propósito de discutir a heterogeneidade das manifestações artísticas que fazem parte da produção material africana no Brasil e o quanto seu consumo é amplo e está integrado à vida nacional, visto que muitas dessas expressões vivenciadas cotidianamente

⁹¹ Conforme descrição: "O workshop será uma investigação sobre os materiais que temos em nosso ambiente e o potencial desses materiais para serem transformados em joias. Este workshop aborda nossa natureza intrínseca de "fazer". Estaremos pesquisando e investigando a história, associações e estética desses materiais coletados, e experimentando uma grande variedade de técnicas e possibilidades para permitir a expressão desta pesquisa. Estaremos desafiando a ideia de "conceito", o que isso significa e como escolhemos trabalhar. Vamos nos reunir regularmente, individualmente e em grupos, para discutir o progresso." Disponível em: <https://www.alicefloriano.com/product-page/workshop-com-lisa-walker>.

⁹² Inscrições e pagamento podiam ser realizados através do site: <https://www.alicefloriano.com>.

⁹³ A programação de setembro foi a seguinte: (01/09) – *Jóias da Señora de Cao*, com Régulo Franco Jordán, diretor da PACEB – Museo Cao, e arqueólogo da *Fundación Wiese*; (08/09) – Dr. Vanessa Boschloos, arqueóloga do *Metropolitan Museum of Art* e Vice-presidente da *International Association for Archeological Research in Western and Central Asia*; (15/09) – "Amuletos Populares Mexicanos", com Jorge Manilla, artista joalheiro; (22/09) – Encontro com Raul Lody, antropólogo, museólogo e professor responsável por estudos na área das religiões afro-brasileiras; (29/09) – "A história das figas" com Christian Larsen, historiador e curador do MAD – Museum of Arts and Design, de Nova York. E, a programação de outubro contou com: (06/10) – Encontro com Marie Brett, artista visual irlandesa; (13/10) – Encontro com Manuel Gandra, colecionador de amuletos, licenciado em Filosofia e investigador da História e Geografia Míticas de Portugal, bem como a iconologia da Arte Portuguesa e da circunstância Mafrense; (20/10) – Encontro com Matthew Rarey, historiador da arte e da cultura visual do Atlântico Negro; (27/10) – Encontro com Bianca Dias, psicanalista, crítica de arte e escritora autora do livro "Névoa e Assobio". Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEXv0P4pDBS/>; https://www.instagram.com/p/CF0X_ZLHZcE/;

⁹⁴ Raul Geovanni da Motta Lody (Rio de Janeiro, 1952), é antropólogo, museólogo e professor brasileiro, responsável por vários estudos na área das religiões afro-brasileiras, sobretudo na Bahia. É curador do Museu do Folclore, de São José dos Campos, foi o idealizador do Museu de Gastronomia Baiana, é curador da Fundação Gilberto Freyre, no Recife, da Fundação Pierre Verger, em Salvador, e do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza, também é pesquisador do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Raul_Lody.

estão imbuídas de funções simbólicas e retratam uma estética de matriz africana que, muitas vezes, é acompanhada do sagrado⁹⁵.

Já em 2021, até então, foram dois *workshops* ambos em março, o primeiro chamado "*Autobiografia de um Joalheiro: a experiência da escrita*"⁹⁶ foi ministrado por Ana Passos⁹⁷ e possuía como finalidade estimular o exercício autobiográfico dos autores em joalheria, a fim de auxiliá-los a construir um discurso conciso e uma reflexão poética sobre suas próprias produções. Algo que deveria ser propiciado e incentivado por instituições de ensino superior no país. O segundo, ministrado pela própria Alice Floriano, foi denominado "*Nem tudo que reluz é ouro: Introdução à joalheria contemporânea*" e pretendia, justamente, ser um *workshop* introdutório sobre o assunto para joalheiros de outras vertentes, simpatizantes e curiosos pelo tema. Os *workshops* e propostas deste gênero geralmente possuem taxas de inscrição, portanto, se configuram também como fontes alternativas de renda para a Galeria.

Outra fonte alternativa, ou seja, para além das vendas, é o clube de amigos constituído por membros associados que contribuem mensalmente para usufruir de conteúdos exclusivos, grupos de estudos, *lives* semanais com joalheiros que a galeria representa – ou não –, e descontos especiais. Durante 2021, até então foram sete encontros *online*, respectivamente nesta ordem de convidados: Gijs Bakker⁹⁸, Valentim Quaresma⁹⁹, Chloé Valorso¹⁰⁰, Catarina

⁹⁵ De acordo com a descrição do curso “[...] a estética do sagrado pode ser entendida de diferentes maneiras dentro da cultura, como, por exemplo, na interpretação da natureza por meio de representações simbólicas. Ainda, nesses contextos históricos, de civilizações e de culturas, destacam-se os ofícios que se dedicam aos objetos, aos instrumentos musicais, às danças; e às representações artísticas que são aplicadas ao corpo: indumentária, joalheria, entre outras. O sentimento atribuído ao que se considera como sagrado, nas muitas linguagens artísticas, mostram diferentes conceitos de beleza que traduzem as relações do homem com a natureza. Por tudo isso, o curso – “A Estética do Sagrado: a etnoarte de matriz africana” – quer mostrar, analisar e apontar, essa ampla produção da arte/artesanato de base multiétnica que singulariza o Brasil; e, assim, instrumentalizar as pessoas para o entendimento dessa rica cultura material.” O curso possuía como público alvo artistas, designers, comunicadores, professores, curadores, produtores culturais, empreendedores “afro”, e demais interessados. Disponível em: <https://www.alicefloriano.com>.

⁹⁶ Disponível em: <https://www.alicefloriano.com/product-page/workshop-com-ana-passos-autobiografia-de-um-joalheiro>.

⁹⁷ Ana Passos é joalheira, fotógrafa, pesquisadora e blogueira. Nascida em Salvador, foi criada no Rio de Janeiro e mora em São Paulo desde 1999. Começou seus estudos de ourivesaria e história da joalheria em 1987. Foi aluna dos artistas e joalheiros Caio Mourão, Marcio Mattar e dos fotógrafos Monique Cabral, Inaê Coutinho e Walter Firmo. Já em São Paulo, estudou na Escola Arte Metal, no Califórnia 120 Ateliê de Joias – com Michael Striemer e Rudolf Ruthner – e no Atelier Mirla Fernandes. Desde 2002, participa de exposições coletivas. Em 2008, inaugurou seu ateliê, onde cria e executa joias, pesquisa e escreve sobre joalheria. Em 2015, publicou o livro *As Joias de Reny Golcman* e, em 2017, foi a vez do livro *As Joias na Bahia dos séculos XVIII e XIX*, ambos com José Terra. É doutora em Educação, Arte e História da Cultura pela Mackenzie e mestre em Memória Social e Documento pela UniRio. Pesquisa as relações entre joia, memória e identidade. O seu trabalho na bancada de ourivesaria inclui a criação e execução de peças autorais, peças realizadas sob encomenda e, seu trabalho preferido: a renovação e conservação de joias. Disponível em: <http://anapassos.com/quem-sou/>.

⁹⁸ Gijs Bakker (*Amersfoort*, Holanda, 1942) é um designer de joias e industrial holandês, formando na *Gerrit Rietveld Academie* em Amsterdã, Holanda e na *Konstfackskolan* em Estocolmo, Suécia. Seus designs abrangem joias, acessórios para a casa e eletrodomésticos, móveis, interiores, espaços públicos e exposições. Ele trabalhou e trabalha para várias empresas, incluindo *Polaroid*, *Artifort*, *Droog Design*, *Castelijm*, *HEMA*, *Royal VKB*, *ENO Studio* e recentemente como diretor criativo para *Yii*, Taiwan. Bakker lecionou em várias escolas, entre as quais

Silva¹⁰¹, Lisa Walker, Marina Sheetikoff¹⁰² e Mari Ishikawa. Outros ainda estão por vir. Os encontros já acontecem desde 2020 e contaram com a presença de diversos nomes da joalheria contemporânea. Dentre essas ações da Galeria, outro evento importante é a realização do concurso FIO, uma iniciativa organizada por Alice Floriano e Nina Lima que iniciou em 2020, e atualmente já está em sua segunda edição.

A primeira edição do concurso contou com um júri internacional – Mari Ishikawa, Nano Pulgar¹⁰³, Paulo Ribeiro¹⁰⁴, Alice Floriano e Nina Lima – apesar de serem aceitos, nesta primeira edição, apenas trabalhos de artistas nacionais. O propósito principal do projeto era difundir e divulgar a arte da joalheria contemporânea brasileira, estimular a produção e criar um panorama dessa atividade no país, e conseqüentemente, consagrar novos nomes. As

o *ArtEZ – Institute of the Arts*, em Arnhem, a *Delft University of Technology* e a *Design Academy Eindhoven*, onde trabalhou de 1987 a 2012. Em 2016, Bakker ingressou como membro da *Akademie van Kunsten*. Disponível em: <http://www.gijsbakker.com/about-gijs-bakker>.

⁹⁹Valentim Quaresma estudou na Escola Artística António Arroio e no departamento de Joalheria do Ar.Co. Trabalhou com Ana Salazar, a pioneira da moda portuguesa, criando joalheria e acessórios para as suas colecções de 1990 a 2010. Valentim tem apresentado suas próprias colecções internacionalmente em eventos como *Bread and Butter*, em Barcelona, *080 Barcelona Fashion*, *Fashionclash Maastricht* na Holanda, *Cesis fashion art festival* na Letônia, *Bijorhca* em Paris, *MoBa13 "Fetishism in Fashion"* em Arnhem, na Holanda, e *Manipulating Surface – Portuguese Craftmanship*, em Londres. Disponível em: <https://valentimquaresma.wixsite.com/valentimquaresma/about>.

¹⁰⁰Chloé Valorso formou-se na *Central Saint Martins* e no *Royal College of Art*. É também professora de Respiração Xamânica e de Yoga. Originária de Paris, Chloé é uma joalheira nômade, que costuma viajar para descobrir novos artesanatos e aventuras. Usando joias como uma linguagem xamânica, suas peças agem como amuletos, capacitando o usuário por meio de suas qualidades simbólicas convincentes e profundo senso de história - um componente essencial nesta interpretação inovadora da mitologia. Suas peças incentivam uma abordagem contemplativa e espiritual do nosso ambiente. Ela tem como objetivo inspirar uma reconexão com nós mesmos, uns com os outros e a natureza. Seu trabalho é definido na liminaridade, fundindo orgânicos / artificiais, falsos / imaginários, matérias-primas com associações digitais contemporâneas. Disponível em: <https://iwasborninazoo.com/contact>.

¹⁰¹Catarina Silva é portuguesa, nascida em Lisboa e estudou joalheria no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual entre 2000 e 2005. Trabalha na Galeria Reverso e desde 2013 na Galeria Tereza Seabra. Atualmente é professora e chefe do Departamento de Joalheria do Ar.Co. Fonte: <https://klimt02.net/jewellers/catarina-silva>

¹⁰² Marina Sheetikoff é brasileira, nascida em São Paulo. É formada em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, SP, Brasil. Possui especialização em design de móveis na Escola Nacional de Artes Decorativas, Paris, França. Todavia, possui grande parte de sua produção na área da joalheria, tendo participado de diversas exposições individuais e coletivas, inclusive esteve presente na II Bienal Latinoamericana de Joyeria Contemporanea e na Bienal Internacional de Arte em Joalheria de Pequim, no Pequim Instituto de Tecnologia da Moda, na China. Disponível em: <https://www.marinashetikoff.com/cv-1>.

¹⁰³ Nano Pulgar é artista joalheiro e designer chileno. Professor da *WALKA Escuela*. Claudia Betancourt e Nano Pulgar são os designers-artistas por trás do WALKA, um estúdio de joalheria contemporânea fundado em 2003 e que hoje permanece na vanguarda da América Latina nesta linguagem particular da arte e design contemporâneo. A *El Area de Diseño del Consejo de la Cultura y las Artes* os declarou, no ano de 2014, como o mais importante ateliê de joalheria contemporânea do Chile. Ambos foram reconhecidos como os “*Embajadores de la Joyería Chilena*” com experiência internacional de ensino em países como EUA, Inglaterra, Suécia, Itália e Chile. Suas peças foram expostas no MAD – Museu de Arte e Desenho, de NY; SCHMUCK_Café Clara, na Alemanha; Trienal de Joias de Arte, de Pequim; Museu de Arte Contemporânea do Chile; Trienal de joias de arte *KORU5*, na Finlândia; Semana de Design, de Milão; e em Nova York, estão representados pela galeria de artes *Charon Kransen*; Também foram selecionados nas Bienais de Design do Chile e da Espanha. Disponível em: <http://www.walka.cl/somos/>.

¹⁰⁴ Paulo Ribeiro é fundador e diretor da feira internacional *JOYA Barcelona Art Jewellery & Objects*.

inscrições¹⁰⁵ foram divididas em duas categorias: estudante e profissional, e para ambas foram selecionados os três melhores trabalhos, de acordo com o júri e seus critérios de avaliação – originalidade, coerência com o tema escolhido pelo artista e técnica. Cada participante deveria apresentar uma série de cinco peças, com tipologias e temas livres. Não foram aceitos projetos inconclusos, as peças deveriam estar finalizadas. Além das cinco obras, deveria ser anexado o *Curriculum Vitae*, o *Statement* do trabalho participante e uma lista das peças contendo ficha técnica completa¹⁰⁶.

Na categoria profissional, o primeiro lugar foi designado a Miriam Pappalardo, que recebeu como prêmio uma exposição individual, uma participação na *Joya Barcelona*, e também em um *workshop* internacional – será realizado em São Paulo, ainda a definir devido à pandemia. A partir de técnicas mistas e da utilização de uma máquina de tricô Lanofix, Miriam cria a série "Fora de Forma" composta por quatro broches e um colar feitos de fios de nylon e prata oxidada¹⁰⁷. O segundo lugar na mesma categoria foi atribuído a Joana Gabos¹⁰⁸ que recebeu como premiação a participação na exposição coletiva e no catálogo dos vencedores do concurso, bem como, um ano de inscrição no clube de amigos da Galeria Alice Floriano. A sua proposta contou com uma série de broches denominados "Em demolição I, II e III", um colar intitulado "Peso da desigualdade" e um anel nomeado "Resistência" feitos

¹⁰⁵ O prazo para inscrições foi de 15 de outubro de 2020 até 15 de dezembro de 2020. O valor das inscrições eram, respectivamente: R\$25,00 para a categoria estudante e R\$50,00 para a categoria profissional. Foram aceitos apenas trabalhos inéditos, que nunca foram expostos em eventos anteriores ou divulgados em qualquer meio, impresso ou digital. Os selecionados foram anunciados no dia 31 de janeiro de 2021 pelas mídias sociais da Galeria Alice Floriano e do Estúdio Escambo.

¹⁰⁶ Todas as informações sobre os trabalhos dos vencedores estão disponíveis para acesso através do link: https://drive.google.com/drive/folders/1uapd-P_k3wWU0B_KgU8DcT8UeSHr7zBs?usp=sharing.

¹⁰⁷ A partir do título da série "Fora de Forma", o statement do trabalho de Miriam era descrito da seguinte forma: "Inspirada literalmente pelo tema do concurso, resolvi transformar experimentos recentes em peças especialmente pensadas para esta premiação. Aos quinze anos, ganhei uma máquina de tricô Lanofix de meus pais, por ocasião de uma epidemia de meningite. Durante duas semanas, enquanto escolas permaneciam fechadas, aprendi como trabalhar com a máquina: aumentos, diminuições, arremates e acabamentos, tecendo também uma meia (era listrada, azul claro e branco). Passados mais de 45 anos, esta preciosidade permaneceu hibernando durante décadas, no máximo fez 1 pulôver nos tempos de faculdade para um amigo e um casaquinho para uma filha bebê que já tem quase 30 anos. Justamente em 2020, foi resgatada como objeto de investigação, preciosidade operacional que talvez pudesse gerar construções interessantes. Veio a pandemia e, desde então, ela vive em frente a porta de entrada, cada hora tecendo algo diferente, uma alegria pensante, que nem sempre realiza o que imaginamos. Embora seja uma "máquina", é totalmente mecânica, um dispositivo operado de forma completamente manual, uma maravilha, para quem gosta de engenhocas, desfruta um pensamento algorítmico e também a possibilidade de incorporar erros como preciosidades." Disponível em: Página Oficial do Facebook da Galeria Alice Floriano; Anexo 2 – Arquivos Concurso *FIO*: Categoria Estudante e Profissional.

¹⁰⁸ Joana Gabos mora em São Paulo, é formada em Arquitetura e Urbanismo e, desde a faculdade, se dedicou a trabalhos relacionados com políticas públicas no campo do Urbanismo e do Planejamento Urbano. Iniciou os estudos em joalheria no ano de 2010. Inicialmente através de técnicas tradicionais e, há cerca de quatro anos, dedica-se à joalheria contemporânea. Como arquiteta e urbanista, exerce um trabalho prioritariamente com urbanização de favelas e assessoria a movimentos sociais que lutam pelo direito à moradia. De alguma forma, este repertório visual e social, trabalhando em comunidades sem acesso a direitos básicos mínimos, reflete-se em parte de seu trabalho como joalheira.

com materiais diversos como concreto, aço, ímãs, tijolos e borrachas a partir de técnicas de moldagem e de soldagem¹⁰⁹. O *statement* de seu trabalho era imbuído de questionamentos, debates e problematizações acerca da história do país. Para finalizar a categoria profissional, o terceiro lugar foi concedido a Renata Meirelles¹¹⁰ que recebeu como premiação a participação na exposição coletiva e no catálogo dos vencedores do FIO. Ao utilizar materiais têxteis – fibras sintéticas e fios de poliéster –, Renata explorou as conexões através dos fios por meio de técnicas de recorte a laser e montagens manuais, com o intuito de criar joias que extrapolam a materialidade das tramas e apontem um processo experimental que mescla técnicas artesanais e industriais¹¹¹.

Na categoria estudante, Miguel Muniz Martins¹¹² foi quem garantiu o primeiro lugar e como prêmio também fará parte da exposição coletiva dos vencedores do FIO, que acompanhará um catálogo, da mesma forma também terá participação garantida na *Joya Barcelona*. E como bônus recebeu uma vaga no workshop "Autobiografia de um Joalheiro: a experiência da escrita", ministrado por Ana Passos. O seu trabalho traz como proposta uma experimentação a partir da criação de peças que dependendo de suas combinações podem gerar outras novas peças, portanto, um trabalho que dá espaço para montagens bidimensionais

¹⁰⁹ A partir do título da série "Em Demolição", o *statement* do trabalho de Joana era descrito da seguinte forma: Somos um país em demolição. Um país que nasceu da necropolítica. Até quando permitiremos que direitos sejam roubados? Somos um país em demolição. Um país assassino. Qual o peso da desigualdade? Somos um país em resistência. Resistência de todo povo oprimido. Quem são os verdadeiros heróis? Somos um país em demolição. Até quando? Fonte: Página Oficial do Facebook da Galeria Alice Floriano; Anexo 2 – Arquivos Concurso FIO: Categoria Estudante e Profissional.

¹¹⁰ Renata Meirelles é paulista, artista plástica que transita entre a arte, o design e a joalheria e que criou um sistema construtivo combinando técnicas artesanais, industriais e digitais, abrangendo o tear, o crochê, o corte a laser e a impressão 3D. Em suas joias, experimenta constantemente diferentes maneiras de cortar, juntar e dar formas inusitadas ao tecido, utilizando o corte a laser e montagens que garantem o aproveitamento total do positivo e negativo das matérias-primas. Para além das joias, sua obra contempla painéis têxteis, cenários, objetos de design e instalações artísticas. Recebeu prêmios do MCB – Museu da Casa Brasileira, do Idea Brasil e do A Casa – Museu do Objeto Brasileiro. Expôs sua obra em museus ao redor do mundo e participou de Bienais de Joalheria e Design, tais como a Bienal Iberoamericana de Design, a WTA - Bienal Internacional de Arte Têxtil Contemporânea, em Montevideo. É atualmente curadora da Exposição TraMares: Um recorte do Têxtil do Brasileiro em Madrid. Disponível em: <https://joiacomtom.com/collections/renata-meirelles>.

¹¹¹ A partir do título da série "Afectos", o *statement* do trabalho de Renata era descrito da seguinte forma: Há muito tempo me conecto com o têxtil. Sou movida pelo processo a partir de um gatilho, onde se inicia um mergulho para trabalhar a materialidade do fio e da trama, explorando as possibilidades construtivas e seus desdobramentos. Desenvolvi uma linguagem que incorpora e resgata técnicas artesanais, combinadas com o uso de processos industriais. Neste processo que dá vida e forma a um corpo, realizasse um diálogo entre mão, mente e matéria, lidando simultaneamente com a realidade, o acaso e o desejo. Nesta série exploro as conexões através dos fios. Da mesma matriz surgem iguais, que se diferenciam ao longo da construção. A dinâmica das relações é expandida na medida que se interage com as peças. O indivíduo que afecta e é afectado pelo outro, construindo novas percepções, identidades e pertencimentos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CK2WTwtBhJU/>; Anexo 2 – Arquivos Concurso FIO: Categoria Estudante e Profissional.

¹¹² Miguel Martins estuda Design de Mídia Digital na PUC-RJ bem como joalheria com Tissa Berwanger e possui produção em ourivesaria realizando joias de bancada. Está por trás da empresa Donster cadastrada em seu nome. Instagram oficial: https://www.instagram.com/donster_mm/.

e tridimensionais de acordo com a criatividade do usuário¹¹³. Em segundo lugar na categoria estudante, Lorena Baggio¹¹⁴ foi selecionada e contemplada com a participação na exposição coletiva e no catálogo do concurso. Lorena decidiu realizar uma série de cinco anéis, por meio da técnica da cera perdida, trazendo como conceito a importância do significado da forma cíclica dessas peças e buscando também conjugar os sentidos que levam em consideração razões externas – o que é visível do objeto – e razões internas – o invisível –, que diz respeito a intenção do artista em fabricá-lo¹¹⁵. Por fim, em terceiro lugar, Lívia Volpato¹¹⁶ também recebeu a mesma premiação designada ao segundo lugar. A sua série de peças é bem diversificada entre si, há obras feitas a partir de materiais orgânicos como algodão e feijão, bem como papelão, tinta acrílica, carvão, tecido, cola, arame e ouro. A proposta configura-se

¹¹³ A partir do título da série "TAN", o *statement* do trabalho de Miguel foi descrito da seguinte forma: TAN foi inspirado no Tangram, antigo jogo chinês em que um quadrado é formado por 7 pequenas peças, as tans. De acordo com a sua combinação, formam diferentes silhuetas de objetos, animais e personagens. Essa premissa, de poder criar livremente a partir da combinação das peças, foi o meu objetivo ao desenvolver o Tan. Conta a lenda, que o Tangram surgiu a partir de um espelho quadrado, presente de um mestre a seu discípulo para levá-lo na sua viagem pelo mundo. O espelho serviria para registro de tudo que visse e na volta pudesse assim mostrar ao mestre. Porém, o discípulo deixou o espelho cair, quebrando em 7 peças pequenas. O mestre então disse a ele - Agora você poderá, com essas sete peças, construir figuras para ilustrar o que viu durante a viagem. Com a lenda em mente e uma chapa de latão de 20x20cm na mão, criei a minha releitura do jogo chinês. As 38 peças, que formam um quadrado perfeito, foram serradas a mão, criando um grande quebra-cabeça. Diferente do original, Tan possui peças vazadas e com entradas para que elas possam entrar umas nas outras. Abrindo assim, espaço para montagens tridimensionais além das bidimensionais. Figuras geométricas que podem ser livremente combinadas, com o auxílio de 2 pinos para brinco e uma corrente, formam joias únicas. Brincos, colares, pulseiras, tiaras, cintos e o que mais a criatividade do usuário proporcionar. Brincando e montando livremente, são inúmeras as possibilidades. Tan permite a liberdade de inventar e ousar, transformando o usuário no próprio criador das suas peças. Fonte: Página Oficial do Facebook da Galeria Alice Floriano; Anexo 2 – Arquivos Concurso *FIO*: Categoria Estudante e Profissional.

¹¹⁴ Lorena Baggio é formada em arquitetura, mas encontrou na joalheria a possibilidade de se expressar. Junto com Jessica Volpato criaram a marca DESI que busca resgatar a ancestralidade dos minerais e o processo artesanal intuitivo através de uma joalheria orgânica e escultural. Site oficial: <https://www.desiunique.co/p/sobre#nos>.

¹¹⁵ O *statement* do trabalho de Lorena, em parte, era descrito da seguinte forma: Para este concurso, escolhi produzir anéis. Essa joia tão popular representa o ciclo das coisas, o Alfa e Ômega, o princípio e o fim. É um símbolo de proteção, e também de compromisso. Quando observamos um anel, nos fixamos nos materiais que o compõem, nas pedras, adornos e em suas formas, mas em essência, assim como a DESI, um anel também é um símbolo composto de dois elementos: o visível, que é o objeto físico em si e outro transcendente, a conexão com a razão pela qual a joia foi criada. O Sopro – “E formou o Eterno D’us, o homem do pó do solo, e soprou em suas narinas um sopro de vida. O homem tornou-se assim uma criatura viva”. (Gênesis 2:7-8). Obra das próprias Mãos Divinas, Adão foi criado à paridade e simetria de Deus. A Bíblia diz que Adão foi o primeiro humano, que ganhou vida através do “sopro divino”. Em termos de ciência, essa pode ser uma metáfora para a aquisição neural que deu ao homem a capacidade de refletir. Já para as linhas mais iniciáticas, esse "sopro" é a sabedoria que permitiu ao homem adquirir consciência de si mesmo e do mundo. Aqui, Adão e Eva precedem a criação do espaço 3D. A partir deles, são criadas as direções, os quatro ventos. E assim, o campo material se expande. Em Adão e Eva, os opostos se uniram. O material e o espiritual. Mortal e Imortal. Água e Terra. Seco e Molhado. Norte e Sul. Leste e Oeste. Aquilon, Austro, Qadiym e Yam. Fonte: Página Oficial do Facebook da Galeria Alice Floriano; Anexo 2 – Arquivos Concurso *FIO*: Categoria Estudante e Profissional.

¹¹⁶ Lívia Volpato é joalheira por trás da Besouro Joias e realiza joias em prata e produções autorais. Cursa atualmente a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Escola da Cidade (2016 – 2021). Realizou estágio com o Designer brasileiro Nido Campolongo (2019). Realiza estágio atual com a Joalheira brasileira Renata Porto (2019 – 2020). Realizou o curso livre de Joalheria Contemporânea promovido pela Faculdade FAAP (2019) e foi participante do Grupo de Estudos sobre Joalheria Contemporânea com Renata Porto (2020). Instagram: <https://www.instagram.com/besouro.joias/>

como uma tentativa de materializar nos objetos "lados ocultos" e questões que surgiram ao longo do processo criativo da artista¹¹⁷. A segunda edição do concurso FIO já está em andamento, e dessa vez, serão aceitos trabalhos de artistas internacionais. Os selecionados serão divulgados no dia 15 de maio de 2021.

Após a apresentação que diz respeito às iniciativas já propostas pela Galeria Alice Floriano, torna-se evidente que, apesar dessa instituição ser um empreendimento ainda incipiente dentro do campo artístico – devido ao fato de sua inauguração ter se dado relativamente há pouco tempo se comparado à atuação de galerias mais antigas em outros subcampos. Através desta pesquisa se realiza um esforço em demonstrar que a Galeria Alice Floriano tem proporcionado diversos debates teóricos e colocado em prática estratégias para reforçar a importância que a área da joalheria contemporânea vem adquirindo no Brasil. E, com isso, tem elevado essa produção – frequentemente negada pelo sistema da arte – ao patamar de produção artística, por meio de seus projetos, parcerias e outras elaborações, dentro de um circuito artístico e cultural tão provinciano quanto o de Porto Alegre.

¹¹⁷ A partir do título da série "Lado Oculto", o *statement* do trabalho de Lívia foi descrito da seguinte forma: Em tempos de reclusão, dialogar com o silêncio pode despertar lados então latentes do indivíduo, lados que facilmente são ocultados pela mente e de difícil visualização. O "lado oculto da Lua", assim conhecido o lado não visto pela Terra, foi ao longo dos anos pouco explorado pela humanidade, decorrendo a um simbolismo místico, desconhecido e obscuro dessa faceta. Não ter a capacidade de observar a superfície, independe da quantidade de iluminação recebida, mostrando que seu oculto desconhece a escuridão. Desenvolvendo uma pesquisa inicial sobre o assunto, o projeto pretendeu ao longo de seu curso propor uma leitura relacional, a fim de dialogar com as manifestações ocultas nos corpos físicos, questionando algo presente no inconsciente e consciente de todos, mas pouco desejado, sendo facilmente escondido ou negado. Cada peça percorre manifestações levantadas durante o processo, e procuram no objeto a materialização desses plurais lados ocultos, construindo assim, uma ligação experimental em busca do tocar o não palpável. Fonte: Anexo 2 – Arquivos Concurso FIO: Categoria Estudante e Profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista da tentativa de propor uma reflexão no que concerne a trajetória e o processo de acúmulo de capital simbólico de Alice Floriano como agente relevante em sua área de atuação – a joalheria contemporânea –, foi necessário delimitar de que forma esse capital foi adquirido, na medida em que este lhe permitiu fundar e atuar à frente da Galeria Alice Floriano, exemplo da discussão de inserção no sistema aqui examinado. Esse empenho foi realizado durante a construção do primeiro capítulo, no qual se buscou articular definições teóricas acerca do *modus operandi* do sistema da arte conjuntamente com o percurso de atuação de Alice, a fim de provar sua relevância dentro de um contexto artístico frequentemente deslocado na história da arte.

Como a agente em questão não possui formação superior acadêmica que lhe atribua o título de "artista", foi por intermédio de sua bagagem teórica e prática obtida em cursos técnicos, em especializações dentro da área da joalheria contemporânea – em nível internacional e nacional –, e também como consequência de suas relações estreitas com outros agentes já consagrados desse subcampo, somado às suas ações e esforços individuais; que se comprovou como Alice atingiu relevância dentro do circuito artístico e cultural. Nesse sentido, a questão inicial levantada foi concluída demonstrando que esse processo de obtenção de capital cultural se deu a partir de uma trajetória autônoma e excêntrica que fugiu dos padrões mais comuns e previsíveis, fora do eixo do sistema da arte mais tradicional, principalmente no Brasil.

Isso posto, pretendeu-se explicitar como esse capital simbólico foi aplicado em prol da abertura do empreendimento da Galeria Alice Floriano – precursora no país dentro desse segmento – e que se propõe como um espaço diferente de outras iniciativas meramente comerciais. Pois, como demonstrado durante o segundo capítulo, dá importância e sugere de acordo com suas propostas e intervenções um constante debate teórico, e por vezes prático, do que vem ou pode vir a ser a arte-joalheria contemporânea. No entanto, antes de debater sobre as propostas e estratégias de funcionamento da Galeria, algo que não estava previsto no projeto precisou ser discutido e apontado: o que de fato é a joalheria contemporânea?

Mesmo que a intenção nunca tenha sido realizar uma "história da joalheria" de forma cronológica com o propósito de inseri-la ou aproximá-la da história da arte, os percursos da pesquisa caminharam para este debate. De forma que, esclarecendo – de maneira introdutória – um pouco do percurso da joia desde a antiguidade fosse finalmente possível definir o que é a joia atualmente. Com o suporte dessa discussão outras portas foram abertas para adentrar em

definições próprias desse subcampo, como, por exemplo, trazer as diferenciações entre as subdivisões existentes dentro das áreas de atuação da joalheria, questões acerca dessas nomenclaturas próprias e específicas, bem como a possibilidade de explicitar através de exemplos práticos o porquê as produções resultantes desse fazer artístico devem ser consideradas obras de arte, a partir do apoio teórico de Heinich, Shapiro (2013) e Goldenfum (2019).

O último subcapítulo foi reservado para salientar as propostas e estratégias de funcionamento colocadas em prática pela Galeria ao longo de sua atuação, com o objetivo de entender de que forma esse empreendimento dissemina e promove a joalheria contemporânea como movimento artístico e cultural, da mesma maneira que também se configura como um espaço artístico que articula funções educativas, expositivas, midiáticas e mercadológicas. E, apesar de acreditar que as intenções iniciais desta dissertação tenham sido atingidas, é importante realçar que alguns percalços levaram certas questões a serem reconsideradas e repensadas neste trabalho, como a ideia inicial que previa uma análise sobre três exposições já realizadas na Galeria, o desejo de adentrar em discussões tangentes a simbologia da joia e o interesse em discorrer sobre outras argumentações teóricas que acabaram não sendo possíveis. Este último devido a conjuntura pandêmica atual, que impossibilitou o acesso a fontes primárias e secundárias que poderiam ajudar a aprofundar alguns dos debates levantados.

Levando isso em consideração, é preciso admitir que o tema não se esgota por aqui. Há diversos pontos pendentes que ainda podem ser desdobrados em pesquisas futuras. Talvez, em algum momento futuro da minha trajetória acadêmica, possa ser interessante abordar especificamente a produção poética de Alice Floriano – ou até mesmo de algum dos 93 artistas representados pela Galeria –, e a partir disso focar em uma metodologia que proponha realizar leituras de imagens de obras, por exemplo. Ou então, até mesmo priorizar uma análise mais aprofundada sobre exposições selecionadas da Galeria para adentrar em tópicos como expografia, curadoria, recepção crítica, entre outros.

Para finalmente terminar, gostaria de fazer uma reflexão. Desde o início da presente pesquisa, mesmo ainda na construção do projeto, estive em constante embate com comentários provenientes do corpo acadêmico, os quais afirmavam que não entendiam minha proposta ou que não seria cabível a realização deste trabalho. Inúmeras foram as vezes que precisei reafirmar que era possível tratar de joalheria contemporânea dentro de um trabalho de conclusão de curso na área da história da arte – e não no design, por exemplo –, sem necessariamente, tratar da produção poética em joalheria de Alice Floriano. Mas a partir de questões e discussões sistêmicas, justamente por acreditar que o problema está nessa

constante recusa do sistema em aceitar que essa produção deve ser considerada como obra de arte. Felizmente, também encontrei nesse caminho profissionais docentes que acreditavam ser importante essa reflexão a partir de questões sistêmicas e não meramente de questões poéticas. E quanto a isso, sinto-me indescritivelmente grata.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras, [1995] 2010.
- BULHÕES, Maria Amélia et al. **As novas regras do jogo**: o sistema da arte no Brasil. Porto Alegre: Zouk, 2014. 144 p.
- CAMPOS, Ana Paula de. **Arte-joalheria**: uma cartografia pessoal. 2011. 241 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284376>. Acesso em: 13 maio 2021.
- CAMPOS, Ana Paula de. **Pensando a joalheria contemporânea com Deleuze e Guattari**. Revista Trama Interdisciplinar, v. 2, n. 2, 2011. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/4429>. Acesso em: 17 maio 2021.
- CAMPOS, Cesar. **Arte e Mercado no Brasil** = Art and Market in Brazil. Rio de Janeiro: FGV Projetos, 2016. 375p.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea**: uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FETTER, Bruna Wulff. **Das reconfigurações contemporâneas do (s) sistema (s) da arte**. MODOS: Revista de História da Arte, v. 2, n. 3, p. 102-119, 2018. Disponível em: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/1077>. Aesso em: 10 maio 2021.
- GOLDENFUM, Debora. **Objetos portáteis**: a joia como suporte artístico na obra de Maria Ivone dos Santos. 2019. 112f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, RS, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204560>. Acesso em: 14 maio 2021.
- GRIPPA, Carolina Bouvie; BOSAK, Joana Figueiredo. **Jóias Artísticas: o caso da Bienal de São Paulo**. Visualidades, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/48203/26596>. Acesso em: 3 maio 2021.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: Viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **O luxo eterno**: da idade do sagrado ao tempo das marcas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MAGTAZ, Mariana. **Joalheria Brasileira**. Do descobrimento ao século XX. São Paulo: Mariana Magtaz, 2008.

MALTA, Marize; DE OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes; COUTO, Maria de Fátima Morethy. MODOS. Revista de História da Arte. **MODOS**, v. 4, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8663299>. Acesso em: 3 maio 2021.

MARQUES, Iolanda Vanessa Lopes Ribeiros Alves. **Estudo para aplicações de filigrana portuguesa em acessórios de moda**. 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Design) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2014. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/13187?mode=full>. Acesso em: 14 maio 2021.

MOULIN, Raymonde. **O mercado da arte: mundialização e novas tecnologias**. Trad. Daniela Kern. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007, 128p.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do Espaço da Arte**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

OLIVEIRA FERREIRA, Marcia. **Perfil e processo criativo de autores de joias em Porto Alegre**. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Engenharia, Programa de Pós-Graduação em Design, Porto Alegre, RS, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/142730>. Acesso em: 10 maio 2021.

SHAPIRO, Roberta; HEINICH, Nathalie. **Quando há artificação?**. Sociedade e estado, v. 28, n. 1, p. 14-28, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922013000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 maio 2021

SKODA, Sonia. **Evolução da Arte da Joalheria e a tendência da joia contemporânea brasileira**. 2012. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-27012016-134500/publico/2012_SoniaMariaDeOliveiraGoncalvesSkoda_VCorr.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

ZUGLIANI, Giovana Mara; BENUTTI, Maria Antonia. **Arte & jóia: uma análise entre as jóias como objeto de arte e a arte contemporânea**. In: Proceedings of World Congress on Communication and Arts. 2011. p. 161-165. Anais eletrônicos. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/134670>. Acesso em: 10 maio 2021.

ANEXO 1 – CURRICULUM ALICE FLORIANO

ALICE FLORIANO

1983, Porto Alegre | Brazil

CONTACT DETAILS

Félix da Cunha 1181
Porto Alegre, RS,
Brazil 90570.001

+55 51 980383905

galeriaalicefloriano@gmail.com

WORK

2010-2011 Assistent of Tereza Seabra
Gallery | Lisbon

2015 Founder and manager of Alice Floriano
Gallery

EDUCATION

- 2007-2010 Art Jewellery, Contacto Directo | Lisbon
- 2010 Organic Form In Jewellery, Paul Wells, Central St. Martins | London
- 2012 2000 Milimeter of Uncertainty, Cristoph Zellweger, Alchimia | Firenze
- 2014 Objects Reloaded, Bettina Speckner | San Paolo, Brazil
- 2016 Face, Ruudt Peters | San Paolo, Brazil
- 2017 Iris Eichenberg workshop | San Paolo, Brazil

TEACHING EXPERIENCE

- 2012 introduction to contemporary jewelry | Maria Rita Caminhos Culturais , Porto Alegre , Brazil
- 2017 Amulets For The Future Workshop | Ling Institute , Porto Alegre ,Brazil
- 2018 Projetando uma Joia | Escola Criativitá , Porto Alegre, Brazil
- 2019 Amuletos Para o Futuro | Atelier Mourão, RJ
- 2020 Amuletos | Grupo de Estudos
- 2020 Workshop Nem Tudo o que Reluz é Ouro

SOLO EXHIBITION

- 2012 Primera, MMConteúdo | Porto Alegre, Brazil

ALICE FLORIANO

EXHIBITIONS AND TALKS

- 2008 A Joalheria em Contacto Directo | Lisbon, Portugal
- 2008 20 Anos da Joalheria em Contacto Directo | Lisbon, Portugal
- 2009 9º Forum de Educação de Silves | Algarve , Portugal
- 2009 Porto Joia | Porto, Portugal
- 2009 A Joalheria em Contacto Directo | Lisbon, Portugal
- 2010 A Joalheria e Contacto Directo | Porto, Portugal
- 2011 Agenda Pin 2011 | Lisbon, Portugal
- 2011 Exposição de Natal | Galeria Tereza Seabra, Lisbon, Portugal
- 2011 Joia Arte | Museu A Casa, Sao Paolo, Brazil
- 2012 JOYA Barcelona | Spain
- 2012 Brazil Now | Alchimia , Firezne, Italy
- 2012 Bienal Brasileira de Design
- 2013 Bienal Brasileira de Design
- 2015 Matéria Madeira | Museu A Casa , Sao Paolo, Brazil
- 2018 REFLEXÕES _ COLARES | Museu a Casa , San Paolo, Brazil
- 2018 REFLEXÕES _ COLARES Koru 6 | helsinki, Finland
- 2018 Tanto Mar | MUDE, Lisbon, Portugal
- 2019 Witch | Milan Jewelry Week
- 2019 Bienal de Joalheria Contemporanea de Portalegre | Portugal
- 2019 Bienal Beijing International Art Jewelry .
- Reconexão da Moda com a Arte | A criação artística como estímulo ao design contemporâneo | Farol Santander
- 2019 | De Costas para o Mundo , curadoria de Luisa Kiefer | Galeria Alice Floriano
- 2019 | Confiar, curadoria de Paula Ramos | Galeria Alice Floriano
- Além
- 2019 Colaboração com Romy Pocztaruk com joias para o filme Antes do Azul | Instituto Ling
- 2020 Vermelho | Vermillus, Athens Jewelry Week

ALICE FLORIANO

EXHIBITIONS AND TALKS

- 2020 Polaridades | Brasil_Finlândia |
Museu A Casa, São Paulo
- 2020 Joias para Performance CORVA , de
Andressa Cantergiani | SP Arte e Galeria
Mamute

**ANEXO 2 – ARQUIVOS CONCURSO *FIO*: CATEGORIA ESTUDANTE E
PROFISSIONAL**

1ª EDIÇÃO

F I O

**CONCURSO BRASILEIRO DE
JOALHERIA CONTEMPORÂNEA**

CATEGORIA

E S T U
D A N
T E



LORENA BAGGIO

Website ou Instagram

<https://www.desiunique.co> | IG: @desiunique.co

CURRICULUM VITAE

LORENA BAGGIO Arquiteta, Designer e Artesã

APRESENTAÇÃO Escolhi arquitetura numa busca interna de me expressar, me encontrei na joalheria, é ela o canal que manifesta tudo que vive dentro de mim.

Acredito na conexão entre quem faz, o que é feito e para quem é feito. Acredito em um mundo feito à mão. HISTÓRICO PROFISSIONAL Fundadora, Designer e Artesã

DESI <https://desiunique.co> (2019) Estagiário Joalheria Ricardo Curi de Aguiar (2020)

Arquitetura e Urbanismo Elke Bernardelli Fadel (2018) Estagiário Arquitetura e Urbanismo Adriana Lima (2017) Arquitetura e Urbanismo Unicesumar (2013 - 2017)

EDUCAÇÃO AutoCAD: Software de projetos 2D e 3D Senac (2014) SketchUp:

Software de modelagem 3D Senac (2015) Revit: Software de BIM multidisciplinar

Vecchi Arquitetura (2016) Lumion: Software de renderização Vecchi Arquitetura

(2017) Joalheria básica Fernanda Spilborghs e Tais Francelli (2019) Joalheria

intermediário Fernanda Spilborghs e Tais Francelli (2019) Modelagem em cera

básico Ricardo Curi de Aguiar (2019) Modelagem em cera intermediário Ricardo Curi

de Aguiar (2020) Modelagem em cera avançado Ricardo Curi de Aguiar (2020)

Fundição completa Ricardo Curi de Aguiar (2020) IDIOMA Português (Nativo) Inglês

(Intermediário) Espanhol (Básico)

TÍTULO E STATEMENT DO TRABALHO

Pedras e metais são formados em ciclos milenares. É o magma vulcânico que se derrama em abundância. A água que, aos poucos, carrega os sedimentos. A magia do vento, que dia após dia esculpe a beleza única das rochas. Beleza que não se repete.

Nas minhas criações resgato a ancestralidade dos minerais e o processo artesanal intuitivo.

A gema, quando presente, é envolvida por esculturas metálicas e orgânicas - e em cada curva, reverencio o trabalho da natureza. Costumo dizer que a joia DESI carrega a beleza material da gema e do metal, unidos pelo design autoral, mais aquilo que os olhos não vêem.

Para este concurso, escolhi produzir anéis. Essa joia tão popular representa o ciclo das coisas, o Alfa e Ômega, o princípio e o fim. É um símbolo de proteção, e também de compromisso. Quando observamos um anel, nos fixamos nos materiais que o compõem, nas pedras, adornos e em suas formas, mas em essência, assim como a DESI, um anel também é um símbolo composto de dois elementos: o visível, que é o objeto físico em si e outro transcendente, a conexão com a razão pela qual a joia foi criada.

O.



LORENA BAGGIO

O Sopro

“E formou o Eterno D’us, o homem do pó do solo, e soprou em suas narinas um sopro de vida. O homem tornou-se assim uma criatura viva”. (Gênesis 2:7-8)

Obra das próprias Mãos Divinas, Adão foi criado à paridade e simetria de Deus. A Bíblia diz que Adão foi o primeiro humano, que ganhou vida através do “sopro divino”. Em termos de ciência, essa pode ser uma metáfora para a aquisição neural que deu ao homem a capacidade de refletir. Já para as linhas mais iniciáticas, esse “sopro” é a sabedoria que permitiu ao homem adquirir consciência de si mesmo e do mundo.

Aqui, Adão e Eva precedem a criação do espaço 3D. A partir deles, são criadas as direções, os quatro ventos. E assim, o campo material se expande.

Em Adão e Eva, os opostos se uniram. O material e o espiritual. Mortal e Imortal.

Água e Terra. Seco e Molhado. Norte e Sul. Leste e Oeste.

Aquilon, Austro, Qadiym e Yam. A união dos quatro ventos constrói um redemoinho, um vendaval, um tufão, passando pela nossa vida elevando o nosso nível de fé, nos levando a viver o sobrenatural.

Os Quatro Ventos

QADIYM

(L)Característica: Seco.

Céu aberto.

“Esse vento que se levanta do deserto, sopra tão forte que nos empurra e direciona ao nosso destino.”

YAM(O)

Característica: Molhado.

Céu nublado.

“Contrário ao vento do Oriente, que queima e seca, o vento do Ocidente lava e refresca.”

AQUILON(N)

Característica: Frio.

Céu entre nuvens.

“Esse é o vento que clareia a nossa visão, ele faz com que os céus se abram, retira as nuvens e traz o Sol.”

AUSTRO(S)

Característica: Quente.

Céu entre nuvens.

“Esse vento é favorável, de temperatura agradável, pois já foi tocado pelas provações dos ventos anteriores. Quando cedemos, nos deixamos levar.”O.

6

Trabalho 1

Adão e Eva - Anel de Dedinho - Técnica de Cera Perdida - Fundição em Prata

Dimensão Número 7.5 - 10.8g



6

Trabalho 2

Anel QADIYM - Técnica de Cera perdida - Fundição em Prata - Banho de Ouro

Dimensão: Número 16.5 - 10.8g



6

Trabalho 3

Anel YAM - Técnica de Cera Perdida - Fundição em Prata - Banho em Prata

Dimensão: Número 17.5 - 13.4g



6

Trabalho 4:

Anel AQUILON - Técnica de Cera Perdida - Fundição em Prata - Banho de
Ouro - Esemralda

Dimensão: Número 20.5 - 6.9g



6

Trabalho 5
Anel AUSTRO - Técnica de Cera Perdida - Fundição em Prata - Banho de Prata -
Esmeralda
Dimensão: Número 17.5 - 12.1



9 MIGUEL MUNIZ MARTINS

Website ou Instagram

https://www.instagram.com/donster_mm/

CURRICULUM VITAE

Miguel Muniz Martins mmunizmartins@gmail.com +55 21 996456797 Formação Acadêmica Design de Mídia Digital Pontifícia Universidade Católica-RJ - Incompleto Ensino Médio CEAT Centro Educacional Anísio Teixeira-RJ - 2012 Profissional Coleção de Jóias para o Festival Anima Mundi 2018. Freelancer - Setembro de 2012 - Atual "O Traíçoeiro Contra-filé" - Construção de esqueletos de ball joint Colônia de Férias do Lunáticos de animação - Professor assistente Dimatex - Desenvolvimento de estampas "Doutor meu filho é Animador"- Marcos Magalhães - Pintura e clean up Cursos Curso de Ourivesaria – Tissa Berwanger – 2018 -Atual Curso de bonecos para stop motion - Puppets in Prague - 2019 Curso de Ourivesaria - Leonardo Aguiar - 2017 Curso de Xilogravura - Parque Lage - 2015 Curso de Inglês - Cultura Inglesa – 2013 Qualificações Avançado: Inglês Médio: Modelagem 3D, Illustrator, InDesign Básico: Photoshop, Premier Pro, After Effects, Rhinoceros

TÍTULO E STATEMENT DO TRABALHO

TAN

TAN foi inspirado no Tangram, antigo jogo chinês em que um quadrado é formado por 7 pequenas peças, as tans. De acordo com a sua combinação, formam diferentes silhuetas de objetos, animais e personagens. Essa premissa, de poder criar livremente a partir da combinação das peças, foi o meu objetivo ao desenvolver o Tan.

Conta a lenda, que o Tangram surgiu a partir de um espelho quadrado, presente de um mestre a seu discípulo para levá-lo na sua viagem pelo mundo. O espelho serviria para registro de tudo que visse e na volta pudesse assim mostrar ao mestre. Porém, o discípulo deixou o espelho cair, quebrando em 7 peças pequenas. O mestre então disse a ele - Agora você poderá, com essas sete peças, construir figuras para ilustrar o que viu durante a viagem.

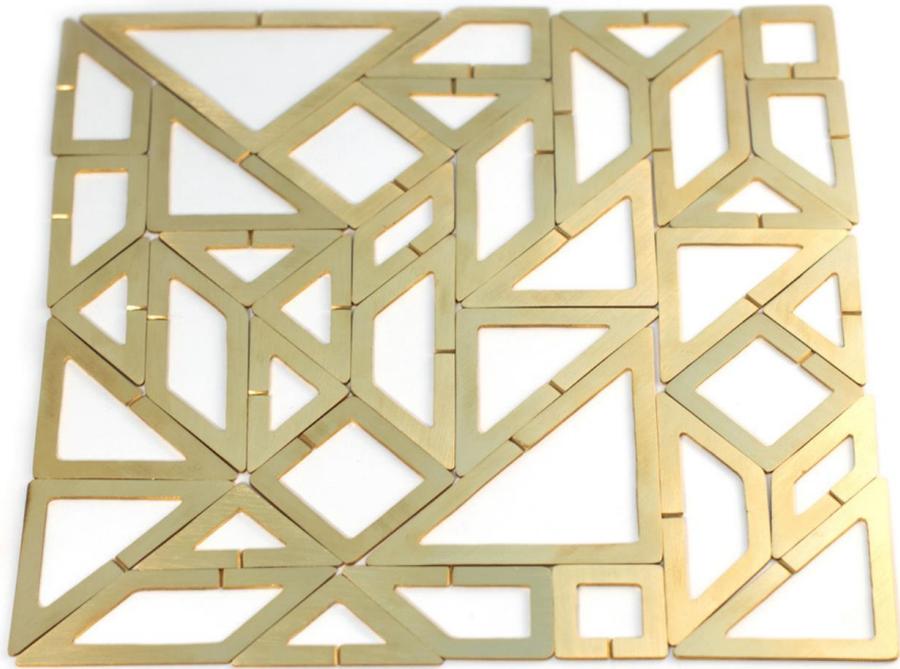
Com a lenda em mente e uma chapa de latão de 20x20cm na mão, criei a minha releitura do jogo chinês. As 38 peças, que formam um quadrado perfeito, foram serradas a mão, criando um grande quebra-cabeça.

Diferente do original, Tan possui peças vazadas e com entradas para que elas possam entrar umas nas outras. Abrindo assim, espaço para montagens tridimensionais além das bidimensionais.

Figuras geométricas que podem ser livremente combinadas, com o auxílio de 2 pinos para brinco e uma corrente, formam jóias únicas. Brincos, colares, pulseiras, tiaras, cintos e o que mais a criatividade do usuário proporcionar. Brincando e montando livremente, são inúmeras as possibilidades. Tan permite a liberdade de inventar e ousar, transformando o usuário no próprio criador das suas peças.

9

Trabalho 1
Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão
Dimensão 20x20x0,125



9

Trabalho 1
Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão
Dimensão 20x20x0,125

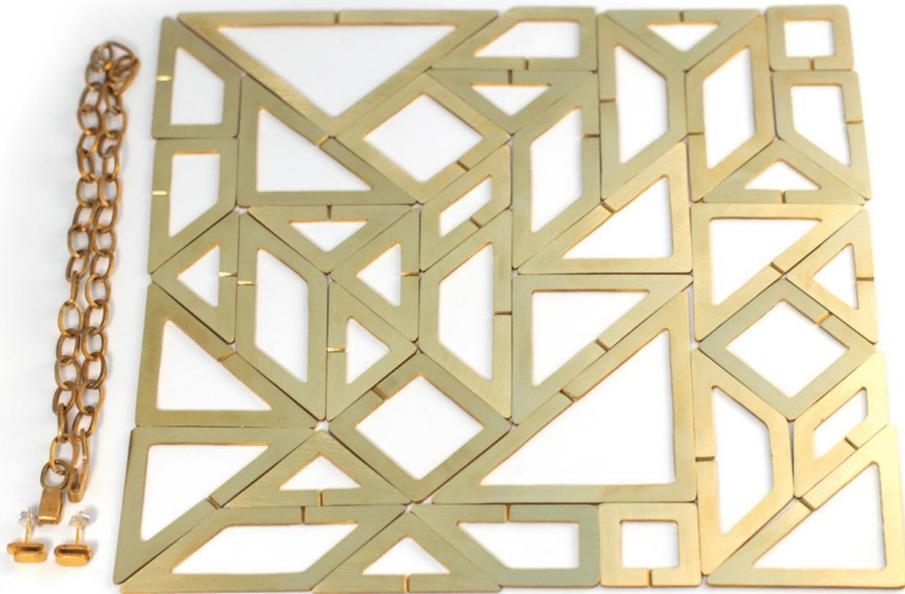


9

Trabalho 2

Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão, corrente e banho
ouro
amarelo..

Dimensão 20x20x0,125



9

Trabalho 2

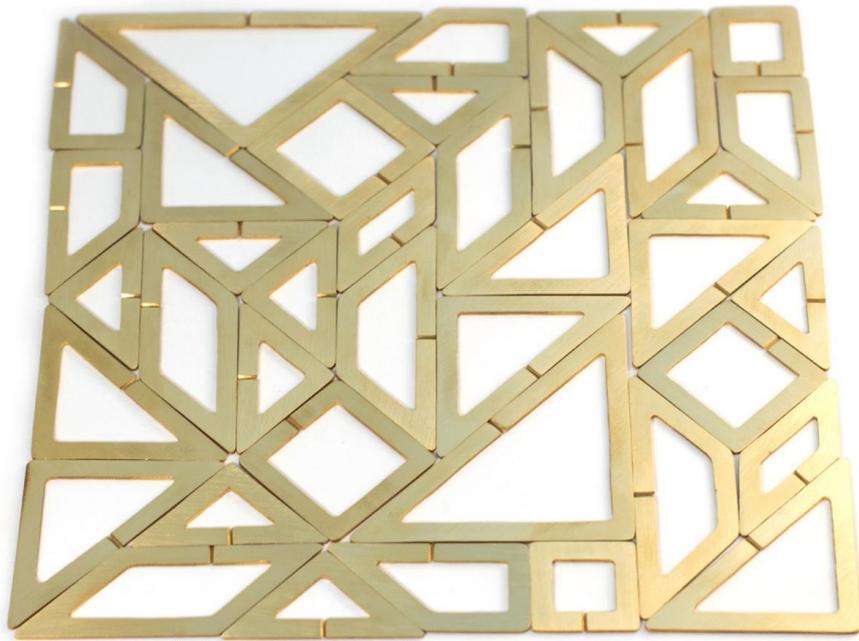
Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão, corrente e banho
ouro
amarelo..

Dimensão 20x20x0,125



9

Trabalho 3:
Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão.
Dimensão 20x20x0,125



9

Trabalho 3:
Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão.
Dimensão 20x20x0,125

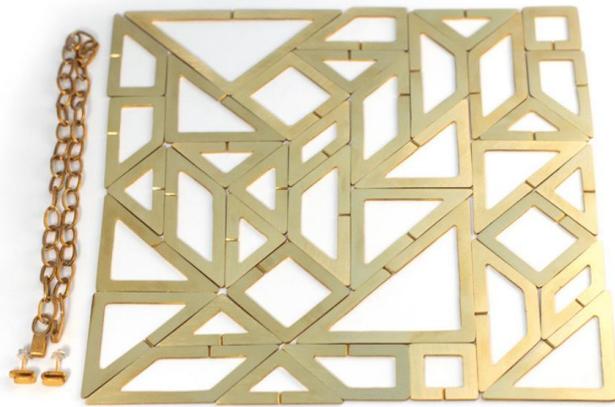


9

Trabalho 4

:Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão, corrente e banho ouro amarelo.

Dimensão:20x20x0,125



9

Trabalho 4

:Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão, corrente e banho ouro amarelo.

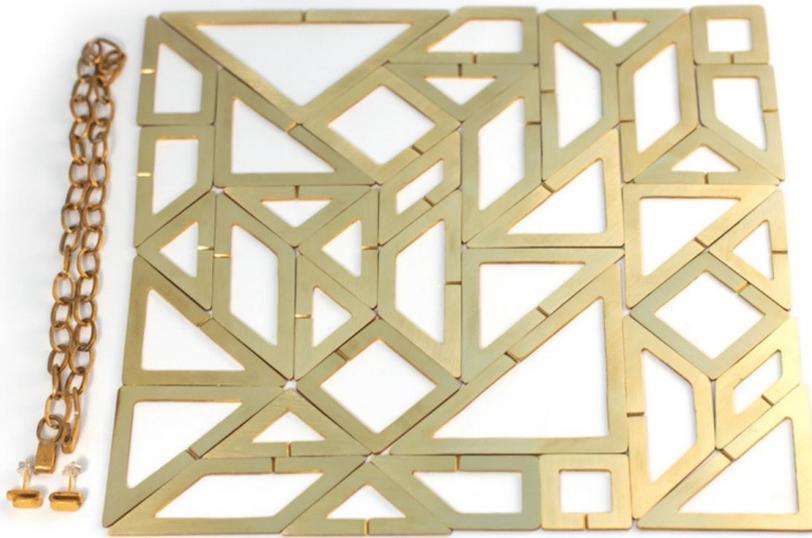
Dimensão:20x20x0,125



9

Trabalho 5:

Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão, corrente, pino e banho ouro amarelo. Dimensão: 20x20x0,125



9

Trabalho 5

:Latão acabamento fosco, precisão, encaixe, serrado a mão, corrente e banho ouro amarelo.

Dimensão:20x20x0,125



5

LÍVIA VOLPATO

Website ou Instagram

CURRICULUM VITAE

Cursando a faculdade de Arquitetura e Urbanismo Escola da Cidade 2016- 2021 • Estágio com o Design brasileiro Nido Campolongo 2019 • Estágio atual com a Joalheira brasileira Renata Porto 2019- 2020 • Curso livre de Joalheria Contemporânea promovido pela Faculdade FAAP 2019 • Participante do Grupo de Estudos sobre Joalheria Contemporânea com Renata Porto 2020

TÍTULO E STATEMENT DO TRABALHO

Lado Oculto

Em tempos de reclusão, dialogar com o silêncio pode despertar lados então latentes do indivíduo, lados que facilmente são ocultados pela mente e de difícil visualização. O “lado oculto da Lua”, assim conhecida o lado não visto pela Terra, foi ao longo dos anos pouco explorado pela humanidade, decorrendo a um simbolismo místico, desconhecido e obscuro dessa faceta. Não ter a capacidade de observar a superfície, independe da quantidade de iluminação recebida, mostrando que seu oculto desconhece a escuridão. Desenvolvendo uma pesquisa inicial sobre o assunto, o projeto pretendeu ao longo de seu curso propor uma leitura relacional,

afim de dialogar com as manifestações ocultas nos corpos físicos, questionando algo presente no inconsciente e consciente de todos, mas pouco desejado, sendo facilmente escondido ou negado. Cada peça percorre manifestações levantadas durante o processo, e procuram no objeto a materialização desses plurais lados ocultos, construindo assim, uma ligação experimental em busca do tocar o não palpável.

5

Trabalho 1

Peça Esconder: papelão, tinta acrílica, carvão, tecido. Técnica livre

Dimensão: 102 cm de circunferência



5

Trabalho 1

Peça Esconder: papelão, tinta acrílica, carvão, tecido. Técnica livre

Dimensão: 102 cm de circunferência



5

Trabalho 2

peça Dimensões: pulseira infantil de ouro, arame encapado. Técnica livre

Dimensão 14 cm x 1,5 cm

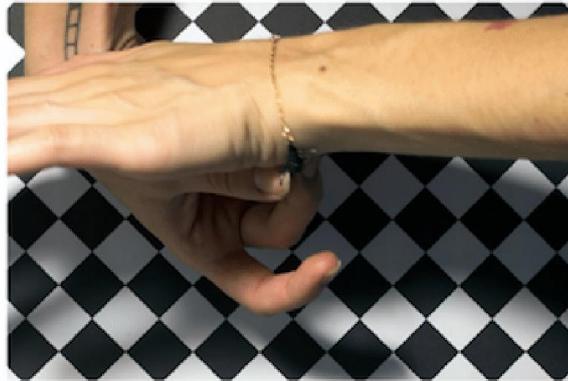


5

Trabalho 2

peça Dimensões: pulseira infantil de ouro, arame encapado. Técnica livre

Dimensão 14 cm x 1,5 cm



5

Trabalho 3:peça Fertilidade: algodão, feijão e água. Técnica livre
Dimensão:15 cm de circunferência



5

Trabalho 3:peça Fertilidade: algodão, feijão e água. Técnica livre
Dimensão:15 cm de circunferência



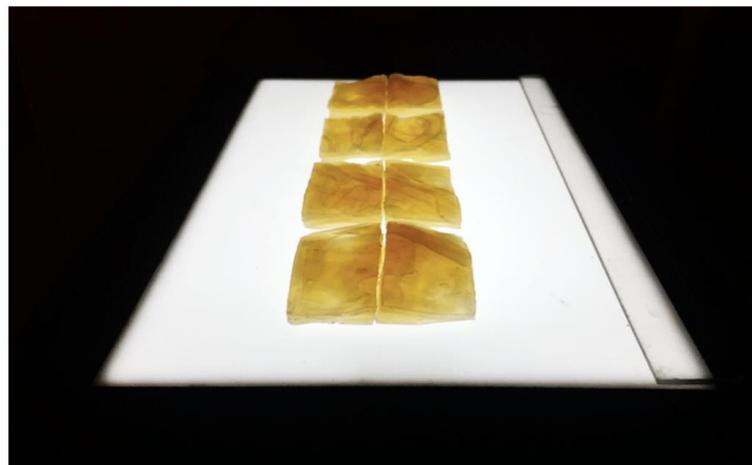
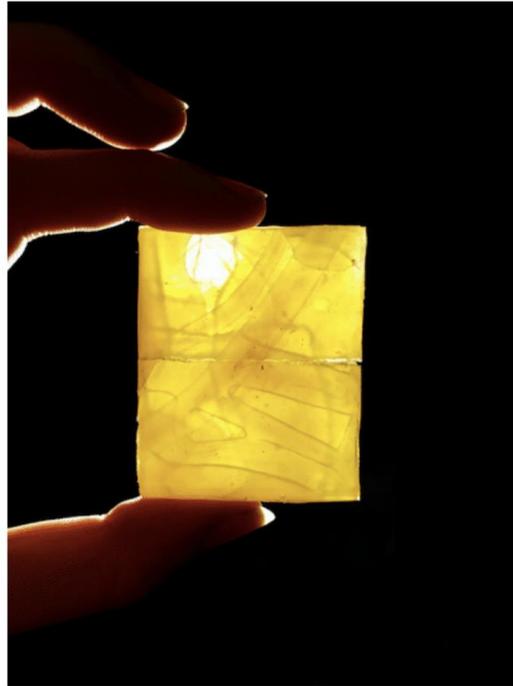
5

Trabalho 4:
peça Fragmentos: Cola. Técnica livre
Dimensão:4 cm x 5 cm



5

Trabalho 4:
peça Fragmentos: Cola. Técnica livre
Dimensão:4 cm x 5 cm



5

Trabalho 5:
peça Elixir: frasco de vidro, spirulina, sabonete neutro, fotografia. Técnica livre
Dimensão: 4 cm x 4 cm x 9 cm





MARCELA SARDAS

Website ou Instagram

<https://www.instagram.com/marcelasardas/>

CURRICULUM VITAE

Marcela Sardas é carioca, estudante de joalheria desde 2017, tendo feito cursos técnicos e teóricos no Ateliê Livia Canuto, Escola Rita Santos e Atelier Mourão, onde estuda atualmente. É integrante do grupo Orbe de Joalheria Contemporânea, sob a direção artística de Miriam Mirna Korolkovas. Participa de diversos grupos de estudo, dentre eles o Discutindo a Joalheria Contemporânea com as professoras Nicole Urbanus e Renata Porto e Clube da Alice, organizado pela Galeria Alice Floriano. Integrou algumas exposições coletivas, dentre elas a Aquilo Que Abraça com curadoria de Renata Porto e Miriam Pappalardo (evento paralelo à Bienal de Joyeria Contemporanea de Buenos Aires, 2018), Broches (com organização do Atelier Mourão – Rio de Janeiro, 2019), Águas (com o grupo Orbe em São Paulo, 2019), Mask (com curadoria da Galeria Alice Floriano em 2020) e Vermillus (exposição organizada pela Galeria Alice Floriano para a Athens Jewelry Week, 2020)

TÍTULO E STATEMENT DO TRABALHO

Título da série: A Dama e o Unicórnio / La Dame à la Licorne

STATEMENT:

Vemos joias (ou fotos de joias) e dizemos que são belas como se a beleza residisse exclusivamente na visão. No entanto, ainda que não racionalizemos, entendemos um objeto de modo muito mais complexo. Sentimos o peso, textura e temperatura de uma joia. Ouvimos seu tilintar. Conhecemos seu cheiro e intuimos seu gosto. O sexto sentido existe: é a percepção mais ampla que resulta de combinação dos demais sentidos. Joia não é apenas para ser vista.

We see pieces of jewelry (or pictures of jewelry) and we say they are beautiful as if beauty depended exclusively on what can be seen. However, we apprehend jewelry in a much more complex way. We feel its temperature, weight and texture. We hear its jingling and tinkling. We know its smell and guess its taste. A sixth sense does exist: it is the perception formed by the combination of the other five senses. Jewelry is not meant to be merely seen.

7

Trabalho 1

Nome da peça: -5,5 / Materiais e técnica: Cobre forjado e soldado e fio de algodão (64 cm)

Dimensão do pingente: 12 cm x 4,5 cm x 2 cm



7

Trabalho 1

Nome da peça: -5,5 / Materiais e técnica: Cobre forjado e soldado e fio de algodão
(64 cm)

Dimensão do pingente: 12 cm x 4,5 cm x 2 cm



7

Trabalho 2

Nome da peça: Gema / Materiais e técnica: Fio de cobre,
fio de algodão (64 cm) e
sal gema (culinário) cortado e lixado manualmente
Dimensão do pingente: 10,5 cm x 4 cm x 1,5 cm



7

Trabalho 2

Nome da peça: Gema / Materiais e técnica: Fio de cobre,
fio de algodão (64 cm) e

sal gema (culinário) cortado e lixado manualmente

Dimensão do pingente: 10,5 cm x 4 cm x 1,5 cm



7

Trabalho 3

Nome da peça: Bells and whistles / Materiais e técnica: Cobre forjado e soldado e fio de algodão (64 cm)

Dimensão do pingente: 9cm x 5 cm x 2 cm



7

Trabalho 4

Nome da peça: Pele / Materiais e técnica: Cobre forjado e soldado, vidro,
couro
animal e fio de algodão (64 cm)
Dimensão do pingente: 14 cm x 6 cm x 0,5 cm



7

Trabalho 5

Nome da peça: Respire / Materiais e técnica: Cobre forjado e soldado, fio de algodão

(64 cm), alecrim, manjerição e orégano

Dimensão

Dimensão do pingente: 16 cm x 3 cm x 1 cm



7

A Dama e o Unicórnio / La Dame à la Licorne





FIO | Concurso Brasileiro de Joalheria Contemporânea | 1ª Edição

Inscrição para o concurso FIO.

É obrigatório preencher TODOS os campos abaixo.

O prazo para inscrição será de 15 de outubro de 2020 até 15 de dezembro de 2020. Os selecionados serão anunciados dia 31 de janeiro de 2021 pelas nossas mídias sociais

NOME COMPLETO

Miriam Andraus Pappalardo

Email

mpappalardo1@yahoo.com.br

Endereço

Rua Xupé, 50 São Paulo SP 05447-090

Website ou Instagram

CATEGORIA

JOALHEIRO

CURRICULUM VITAE

Formada em Arquitetura e Urbanismo e Mestre em Design pela FAU USP, curso técnico em vestuário pelo Senai SP, especialização em design gráfico pelo Centro Universitário Maria Antônia USP, estudou joalheria no Senai SP, participando de workshops, exposições e simpósios em diversos países. Recebeu vários prêmios, entre eles o "Public Award" na Athens Jewelry Week 2020. Desenvolve projetos na área de moda, joalheria e têxteis, pesquisando procedimentos e materiais. Organiza workshops com artistas joalheiros vindos de diferentes países e ministra oficinas de Joalheria experimental no Sesc Pompeia. Curadora da exposição "Aquilo que Abraça: Joalheria Contemporânea Brasileira", a convite da II Bienal Latinoamericana de Joyería Contemporânea, em Buenos Aires, Galeria Virgílio e MADE, em São Paulo; Curadora convidada para exposição retrospectiva de 10 anos de JoyaBrava, Chile - ambos projetos em parceria com Renata Porto. Faz parte do Grupo Broca de joalheria contemporânea.

TÍTULO E STATEMENT DO TRABALHO

"Fora de Forma"

Inspirada literalmente pelo tema do concurso, resolvi transformar experimentos recentes em peças especialmente pensadas para esta premiação. Aos quinze anos, ganhei uma máquina de tricô Lanofix de meus pais, por ocasião de uma epidemia de meningite. Durante duas semanas, enquanto escolas permaneciam fechadas, aprendi como trabalhar com a máquina: aumentos, diminuições, arremates e acabamentos, tecendo também uma meia (era listrada, azul claro e branco). Passados mais de 45 anos, esta preciosidade permaneceu hibernando durante décadas, no máximo fez 1 pulôver nos tempos de faculdade para um amigo e um casquinho para uma filha bebê que já tem quase 30 anos. Justamente em 2020, foi resgatada como objeto de investigação, preciosidade operacional que talvez pudesse gerar construções interessantes. Veio a pandemia e, desde então, ela vive em frente a porta de entrada, cada hora tecendo algo diferente, uma alegria pensante, que nem sempre realiza o que imaginamos. Embora seja uma "máquina", é totalmente mecânica, um dispositivo operado de forma completamente manual, uma maravilha, para quem gosta de engenhocas, desfruta um pensamento algorítmico e também a possibilidade de incorporar erros como preciosidades.

Trabalho 1

Série: Série: "Fora de Forma" - Superfície 1 / Broche, 2020 / Materiais: fio de nylon e prata oxidada / Técnica: técnica mista

Upload de fotos







Dimensão

9 x 8 x 4 cm

Trabalho 2

Série: Série: "Fora de Forma" - Superfície 2 / Broche, 2020 / Materiais: fio de nylon e prata oxidada / Técnica: técnica mista

Upload de fotos





Dimensão

7 x 7 x 3 cm

Trabalho 3

Série: Série: "Fora de Forma" - Superfície 3 / Broche, 2020 / Materiais: fio de nylon e prata oxidada / Técnica: técnica mista

Upload de fotos





Dimensão

13 x 6,5 x 2,5 cm

Trabalho 4

Série: Série: "Fora de Forma" - Superfície 4 / Broche, 2020 / Materiais: fio de nylon e prata oxidada / Técnica: técnica mista

Upload de fotos







Dimensão

9,3 x 6,7 x 8,5 cm

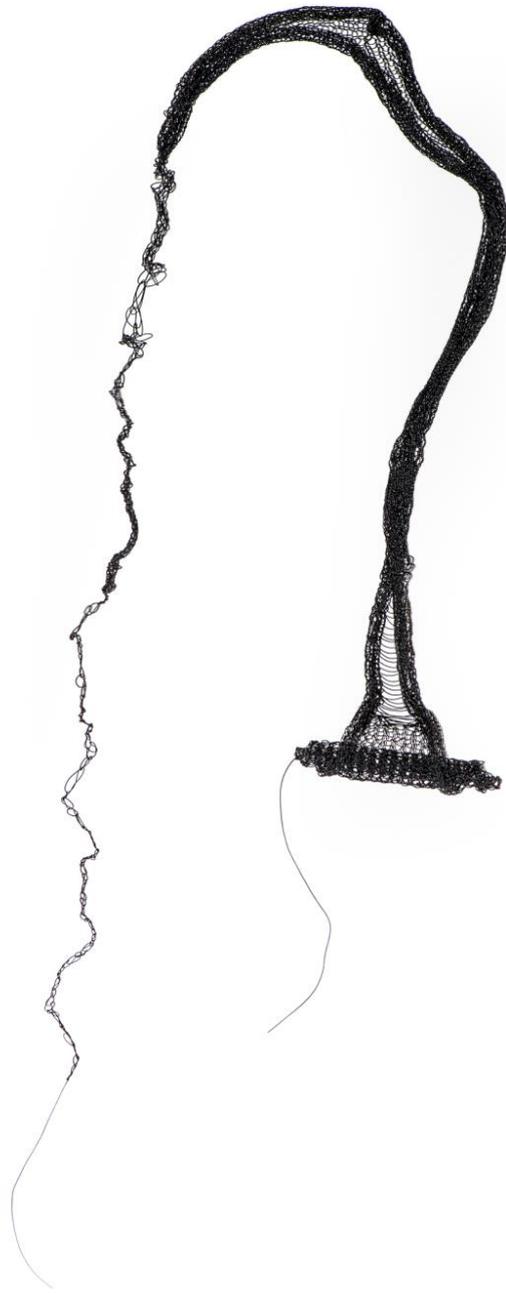
Trabalho 5

Série: Série: "Fora de Forma" - Superfície 5 / Colar, 2020 / Materiais: fio de nylon /

Técnica: tricô à máquina

Upload de fotos







Dimensão

19 x 76 x 2,5 cm

Pagamento | JOALHEIRO PROFISSIONAL R\$50 para pagar com cartão de crédito copie e cole o link abaixo no navegador . <https://www.alicefloriano.com/product-page/fio-joalheiro-profissional> . Para depósito ou transferência bancária o faça na conta abaixo: Banco Santander Agência 4170 Cc 01077831-5 Regina Célia Martins Leite Lima CPF 129.067.118.45

Pagamento | ESTUDANTE DE JOALHERIA R\$25 para pagar com cartão de crédito copie e cole o link abaixo no navegador . <https://www.alicefloriano.com/product-page/fio-estudante-de-joalheria> . Para depósito ou transferência bancária o faça na conta abaixo: Banco Santander Agência 4170 Cc 01077831-5 Regina Célia Martins Leite Lima CPF 129.067.118.45

Declaro que todas as informações aqui contidas são verdadeiras, e que estou de acordo com a utilização do material para possível divulgação do Concurso.

Concordo com os termos acima

FIO | Concurso Brasileiro de Joalheria Contemporânea | 1ª Edição

Inscrição para o concurso FIO.

É obrigatório preencher TODOS os campos abaixo.

O prazo para inscrição será de 15 de outubro de 2020 até 15 de dezembro de 2020. Os selecionados serão anunciados dia 31 de janeiro de 2021 pelas nossas mídias sociais

NOME COMPLETO

Joana Gabos

Email

joanagabos@gmail.com

Endereço

Rua Coriolano,649 São Paulo São Paulo 05047000

Website ou Instagram

<https://instragram.com/joanagabos>

CATEGORIA

JOALHEIRO

CURRICULUM VITAE

Formada em Arquitetura e Urbanismo, iniciou os estudos em joalheria em 2010. Inicialmente através de técnicas tradicionais e, há cerca de quatro anos, dedica-se à joalheria contemporânea. Como arquiteta e urbanista, exerce um trabalho prioritariamente com urbanização de favelas e assessoria a movimentos sociais que lutam pelo direito a moradia. De alguma forma, este repertório visual e social, trabalhando em comunidades sem acesso a direitos básicos mínimos, reflete-se em parte de seu trabalho como joalheira. Formação: Arquitetura e Urbanismo pela PUC de Campinas - Brasil - 2002 - 2006 Técnicas de joalheria de bancada com o joalheiro Yusuf Ali Júnior - 2010-2017 Desenho de Joias - SENAC - São Paulo Brasil - 2013 RHINOCEROS SENAC - São Paulo Brasil - 2015 Workshop FACE com Ruudt Peters - São Paulo Brasil - 2016 Workshop com Iris Eichenberg - São Paulo Brasil - 2017 Workshop Touching the Stillness com Jorge Manilla - São Paulo Brasil - 2018 Workshop com Lisa Walker - São Paulo Brasil - 2018 Exposições: II Bienal Latinoamericana de Joalheria Contemporânea, Coletiva. Buenos Aires, Argentina,

2018. Vermelho – Galeria Alice Floriano, Coletiva. Online durante a Athens Jewelry Week, 2020.

TÍTULO E STATEMENT DO TRABALHO

Título: Em demolição

Statement:

Somos um país em demolição.
Um país que nasceu da necropolítica.
Até quando permitiremos que direitos sejam roubados?

Somos um país em demolição
Um país assassino
Qual o peso da desigualdade?

Somos um país em resistência.
Resistência de todo povo oprimido.
Quem são os verdadeiros heróis?

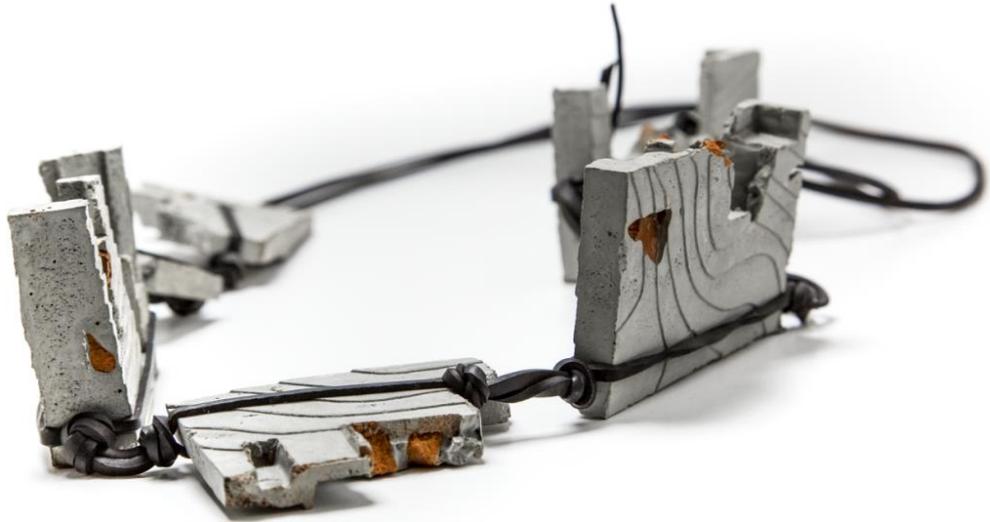
Somos um país em demolição
Até quando?

Fotógrafo: Ygor Carozzi

Trabalho 1

Peso da desigualdade, colar. Moldes e amarrações. Concreto, tijolo e borracha

Upload de fotos









Dimensão

15cm x 2,5cm x 55cm

Trabalho 2

Em demolição I, broche. Molde e solda. Concreto e aço

Upload de fotos





Dimensão

8cm x 1cm x 8cm

Trabalho 3

Em demolição II, broche. Molde e solda. Concreto, aço e imã

Upload de fotos







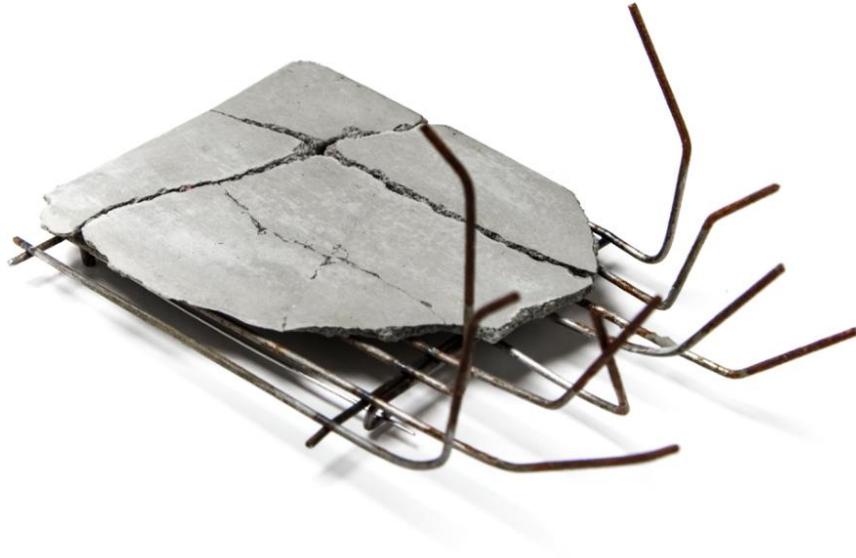
Dimensão

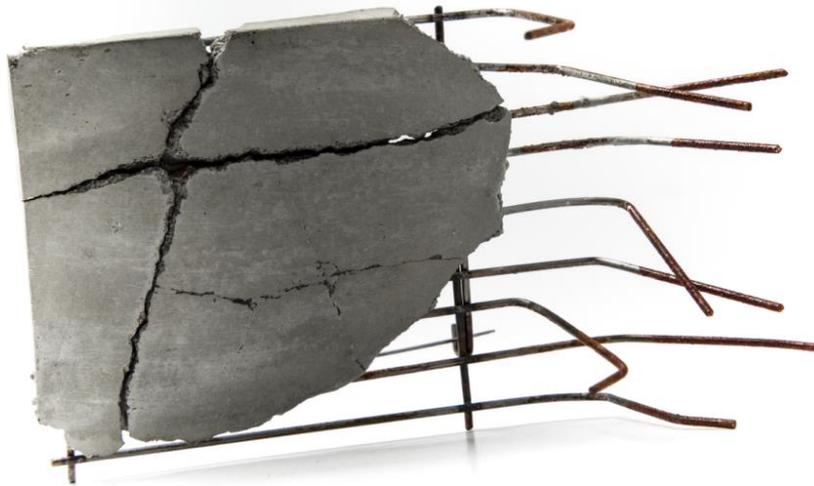
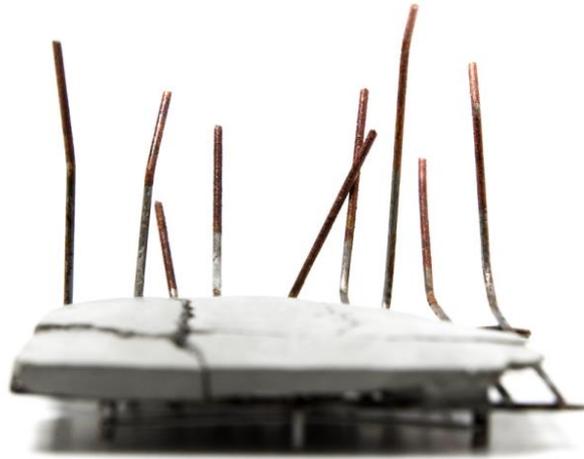
12cm x 10cm x 8,5cm

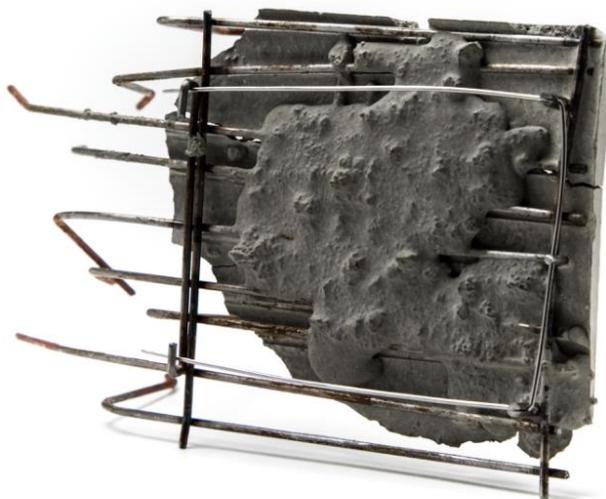
Trabalho 4

Em demolição III, broche. Molde e solda. Concreto e aço.

Upload de fotos







Dimensão

8cm x 6cm x 15cm

Trabalho 5

Resistência, anel. Molde e roscas. Concreto, aço e borracha

Upload de fotos





Dimensão

6cm x 7cm x 4cm

Pagamento | JOALHEIRO PROFISSIONAL R\$50 para pagar com cartão de crédito copie e cole o link abaixo no navegador . <https://www.alicefloriano.com/product-page/fio-joalheiro-profissional> . Para depósito ou transferência bancária o faça na conta abaixo: Banco Santander Agência 4170 Cc 01077831-5 Regina Célia Martins Leite Lima CPF 129.067.118.45

transferência para conta bancária. Enviado comprovante por email

Pagamento | ESTUDANTE DE JOALHERIA R\$25 para pagar com cartão de crédito copie e cole o link abaixo no navegador . <https://www.alicefloriano.com/product-page/fio-estudante-de-joalheria> . Para depósito ou transferência bancária o faça na conta abaixo: Banco Santander Agência 4170 Cc 01077831-5 Regina Célia Martins Leite Lima CPF 129.067.118.45

Declaro que todas as informações aqui contidas são verdadeiras, e que estou de acordo com a utilização do material para possível divulgação do Concurso.

Concordo com os termos acima

FIO | Concurso Brasileiro de Joalheria Contemporânea | 1ª Edição

Inscrição para o concurso FIO.

É obrigatório preencher TODOS os campos abaixo.

O prazo para inscrição será de 15 de outubro de 2020 até 15 de dezembro de 2020. Os selecionados serão anunciados dia 31 de janeiro de 2021 pelas nossas mídias sociais

NOME COMPLETO

Renata Meirelles

Email

contato@renatameirellesatelie.com.br

Endereço

Rua Epeira, 317 São Paulo SP 05447-020

Website ou Instagram

<https://www.renatameirellesatelie.com.br>

CATEGORIA

JOALHEIRO

CURRICULUM VITAE

□ Palestra de abertura da exposição Modern Art Jewellery from Brazil and Denmark — Museu Koldinghus - Kolding, Dinamarca 2012 □ Processo Criativo dos integrantes da exposição Joias Contemporâneas Brasil e Dinamarca - Instituto Goethe — São Paulo, Brasil Participação em Workshops e Cursos 2020 □ Joalheria Contemporânea com Marta Costa Reis - Lisboa, Portugal □ Forma e Energia com Jorge Manilla - Oslo, Noruega 2019 □ "Técnicas Têxteis Japonesas" com Reiko Sudo - São Paulo, Brasil 2018 □ "Insígnias do Cotidiano" com Peter Vermandere — São Paulo, Brasil □ "Arte Contemporânea: Fins e princípios" com Danilo Oliveira - São Paulo, Brasil □ Fundação com Carlos Brito - São Paulo, Brasil □ "It's a Jewellery Thing" com Lin Cheung - Santa Fe de Antioquia, Colômbia □ Filigrana com John Fredy Puerta Molina — Santa Fe de Antioquia, Colômbia □ "TouchingtheStillnes" com Jorge Manilla - São Paulo, Brasil 2017 □ "Cestería Contemporânea" com Doreen Bayley - Montevidéu, Uruguai □ "Fieltro - Cáscara y Caparazón" com Esther Weber - Montevidéu, Uruguai □ "Como preenchemos páginas em branco... Obcecados pelo fetiche... pelo mundano...?" com

Iris Eichenberg — São Paulo, Brasil 2016 □ "Fall in Love with your own work" com Mia Maljojoki - São Paulo, Brasil □ "Face" com Ruudt Peters - São Paulo, Brasil □ "Electroformação e Gravação Eletrolítica" com Rafael Luiz Alvarez — São Paulo, Brasil 2015 □ "Selvagem, mais Selvagem, Selvagíssimo" com joalheira Sofia Björkman - São Paulo, Brasil □ "Contando Histórias Story Telling Contando Histórias" com Tanel Veenre - São Paulo, Brasil □ "Simposio de Joyería Contemporánea En Construcción II" com Lisa Walker - Valparaíso, Chile □ "Fundição Osso de Choco" com Renata Porto - São Paulo, Brasil 2014 □ "The Everyday: Diseñar desde la Emocionalidad Joyería + Fashion" com Mia Maljojoki - Santiago, Chile □ "Transitividade do Olhar" com Edith Dedyrk - São Paulo, Brasil □ "História da Arte" com Rodrigo Naves - São Paulo, Brasil □ "Vestígios e Memórias: Traçando o Corpo" com Dionea Rocha Watt - Unicamp - Campinas, Brasil □ "Projetos Pérolas e Alianças" com Mirla Fernandes — São Paulo, Brasil □ "Objects Reloaded" com Betina Specner - Galeria Garage — São Paulo, Brasil 2013 □ "A Piece of Reality: Contemporary Jewelry as Memory System" com Jiro Kamata - Santiago, Chile 2012 □ "Simposio de Joyería Contemporánea En Construcción I" com Estela Saez - Buenos Aires, Argentina □ "Casa Corpo" com artista joalheira Francisca Kweitel - São Paulo, Brasil
 contato@renatameirellesatelie.com.br www.renatameirellesatelie.com.br

TÍTULO E STATEMENT DO TRABALHO

SÉRIE Afectos

Há muito tempo me conecto com o têxtil. Sou movida pelo processo a partir de um gatilho, onde se inicia um mergulho para trabalhar a materialidade do fio e da trama, explorando as possibilidades construtivas e seus desdobramentos.

Desenvolvi uma linguagem que incorpora e resgata técnicas artesanais, combinadas com o uso de processos industriais. Neste processo que dá vida e forma a um corpo, realizasse um diálogo entre mão, mente e matéria, lidando simultaneamente com a realidade, o acaso e o desejo.

Nesta série exploro as conexões através dos fios. Da mesma matriz surgem iguais, que se diferenciam ao longo da construção. A dinâmica das relações é expandida na medida que se interage com as peças.

O indivíduo que afecta e é afectado pelo outro, construindo novas percepções, identidades e pertencimentos .

Trabalho 1

Título peça 1: Afectos 1 Material: Tecido de Fibra Sintética, Fio Poliéster, Aço
 Técnica: Recorte a laser, montagem manual

Upload de fotos





Dimensão

Dimensão: 15 x 9 x 8 cm

Trabalho 2

Título peça 2: Afectos 2 Material: Tecido de Fibra Sintética, Tafetá, Fio de poliéster,
Aço Técnica: Recorte a laser, termo adesivagem, montagem manual

Upload de fotos





Dimensão

Dimensão: 12 x 7 x 6 cm

Trabalho 3

Título peça 3: Afectos 3 Material: Tecido de Fibra Sintética, Fio de poliéster Técnica: Recorte a laser, montagem manual

Upload de fotos





Dimensão

Dimensão: tamanho linear: 69 x 35 x 8 cm

Trabalho 4

Título peça 4: Afectos 4 Material: Tecido de Fibra Sintética, Fio de poliéster Técnica: Recorte a laser, montagem manual

Upload de fotos





Dimensão

Dimensão: tamanho linear: 65 x 30 x 11 cm

Trabalho 5

Material: Tecido de Fibra Sintética, Fio de poliéster Técnica: Recorte a laser, montagem manual

Upload de fotos





Dimensão

Dimensão: tamanho linear: 175 x 27 x 9 cm

Pagamento | JOALHEIRO PROFISSIONAL R\$50 para pagar com cartão de crédito copie e cole o link abaixo no navegador . <https://www.alicefloriano.com/product-page/fio-joalheiro-profissional> . Para depósito ou transferência bancária o faça na conta abaixo: Banco Santander Agência 4170 Cc 01077831-5 Regina Célia Martins Leite Lima CPF 129.067.118.45

Pagamento | ESTUDANTE DE JOALHERIA R\$25 para pagar com cartão de crédito copie e cole o link abaixo no navegador . <https://www.alicefloriano.com/product-page/fio-estudante-de-joalheria> . Para depósito ou transferência bancária o faça na conta abaixo: Banco Santander Agência 4170 Cc 01077831-5 Regina Célia Martins Leite Lima CPF 129.067.118.45

Declaro que todas as informações aqui contidas são verdadeiras, e que estou de acordo com a utilização do material para possível divulgação do Concurso.

Concordo com os termos acima

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM ALICE BALESTRO FLORIANO

Entrevista I – 10 de fevereiro de 2021

Entrevista realizada via plataforma virtual Zoom, no dia 10 de fevereiro de 2021, em vista da realização do trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em História da Arte da UFRGS. Na presente transcrição foram suprimidos cacofonias de linguagem, bem como algumas das redundâncias próprias da oralidade e eventuais paralelismos. Foram realizados poucos acréscimos quando necessário, em nome da clareza discursiva, mas sempre visando condizer com as intenções e afirmações da entrevistada. Foram mantidas as conjugações verbais na segunda pessoa do singular. As letras "LV" identificam as questões e as letras "AF" indicam as respostas da entrevistada.

LV: Alice, já que essa é a nossa conversa inicial e eu ainda sei pouco sobre a tua trajetória, gostaria de saber sobre a tua trajetória antes de abrir a Galeria? Como é que aconteceu a tua aproximação com a joalheria? Onde se deu a tua formação? E enfim, qual era o teu intuito em adentrar neste campo?

AF: Vou começar bem mais para trás. Mas é algo que talvez não seja importante, posteriormente, quando tu fores escrever. Eu sempre fiz acessórios, praticamente desde criança, eu ia aprendendo técnicas e macramê¹¹⁸, fazia até colarzinhos e vendia na escola. Na adolescência eu comecei a fazer mais coisas com alpaca¹¹⁹ e alicate, então comecei a dominar vários pontos e várias técnicas, mas em um clima bem mais *hippie*, porém eu já tinha esse cuidado bem forte com a questão técnica e isso virou algo que os meus verões, inclusive, eram mantidos com a venda desses trabalhos que eu fazia. Isso na adolescência. E aí, eu sempre fui meio desajustada no sistema educacional, digamos. Eu fui expulsa do colégio, meu

¹¹⁸ O macramê (do árabe *makrama* "guardanapo" ou "toalha") é uma técnica de tecelagem manual que consiste no uso de nós originalmente usada para criar franjas e barrados em lençóis, cortinas, toalhas etc. É mais do que provável que tenha surgido com a evolução natural dos nós básicos para um trabalho mais elaborado por ser uma técnica, muito boa para diversas atividades. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Macram%C3%A9>

¹¹⁹ A alpaca (liga metálica) é uma liga de cobre, níquel e zinco. As ligas que contêm mais de 60% de cobre são monofásicas e são caracterizadas pela sua ductibilidade e pela facilidade com que podem ser trabalhadas a temperatura ambiente. A adição de níquel confere-lhe uma boa resistência nos meios corrosivos. Sua composição mais usual na indústria é de 65% de cobre, 18% de níquel e 17% de zinco. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alpaca_\(liga_met%C3%A1lica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alpaca_(liga_met%C3%A1lica))

primeiro e segundo grau foram cursados em supletivo. Então, assim, os meios formais eu nunca me adaptei.

LV: A Academia não é muito a tua praia, diríamos...

[Risos]

AF: E aí eu comecei a estudar Moda, fiz três anos, e também isso não era o caminho. Me sentia um pouco como um peixe fora d'água. Não era muito a minha praia. Eu fazia quase todas as cadeiras optativas, nunca fazia as obrigatórias. A diretora ia me liberando... Então eu tinha um currículo que nunca funcionaria para nada, no final das contas. Até que eu fiz uma disciplina de desenho de joias, e isso era algo que eu continuava fazendo, mas não entendendo que o que eu fazia tinha alguma conexão com joia. Isso não era claro para mim. E eu não conhecia ninguém que fizesse joias. Isso parecia algo que, enfim, que as fábricas faziam, simplesmente eu não conectava com a palavra joia. Para mim, soava pejorativa. Achei aquilo interessante, e eu sempre gostei de desenhar também, pensei que talvez pudesse ser um caminho. E aí fiquei com aquela pulga atrás da orelha, saí da faculdade sem me formar.

LV: E isso era mais ou menos em que ano?

AF: Entre 2001, 2002 e 2004, por aí. Então, mais uma vez eu saí de uma coisa sem terminar e descobri um curso na Espanha que me interessou bastante sobre joalheria, na Massana¹²⁰. Nesse meio tempo, fui morar na Espanha, mas em outra cidade, e acabei pensando em fazer algo em artes decorativas ou em restauro de Arte Sacra. Sempre essa ideia do manual me interessou, sabe? Esse era um dos grandes pontos. E aí eu acabei indo morar em Lisboa e ficou para trás a ideia de estudar joalheria na Espanha. Em Portugal, eu encontrei uma escola muito legal, havia duas escolas na época que eram fortes: O Ar.Co¹²¹ e a Contacto Directo¹²², as duas eram antigas, mas o Ar.Co abordava a joalheria sob um viés mais conceitual, enquanto a Contacto Directo abordava de forma mais prática e me interessava a técnica. Por isso, eu fui para a Contacto Directo, comecei a estudar lá, vi que de fato era isso, era joia

¹²⁰ Escola Massana Centro de Arte e Design, em Barcelona, Espanha.

¹²¹ Ar.Co – Centro de Arte & Comunicação Visual, em Lisboa, Portugal.

¹²² Contacto Directo – Escola De Joalheiros, em Lisboa, Portugal.

contemporânea que me interessava e aí trabalhei numa galeria de joalheria contemporânea em Lisboa.

LV: A Galeria Tereza Seabra¹²³?

AF: Isso! A Tereza Seabra que eu já tinha te dito. E quando eu trabalhei na Tereza eu entendi que de fato era isso, talvez, era além de fazer, talvez também ter esse olhar em relação ao trabalho dos outros.

LV: E assim, tu entraste na Contacto Directo mais ou menos em que ano?

AF: Acho que em 2005 ou 2006, por aí.

LV: E tu terminaste o curso técnico em Design de Joias? É esse o nome do curso?

AF: Não. O nome do curso era Joalheria Artística.

LV: Joalheria Artística. Portanto, terminaste e foste direto realizar um estágio na Galeria Tereza Seabra?

AF: Foi durante a realização do curso.

LV: Então fizeste alguns contatos durante a realização do curso?

AF: Não, na verdade, eu tinha vindo de férias para o Brasil e o diretor da Escola me mandou um e-mail dizendo que estavam à procura de alguém para trabalhar na Galeria da Tereza. Então eu adiantei a minha passagem e agendei com ela uma conversa, uma entrevista. E ela acabou por me escolher e depois que ela me escolheu, porque afinal ela agendou com várias pessoas, ela me disse: "Ah, se eu soubesse que tu adiantaste tua passagem, nós poderíamos ter marcado outra hora". E para mim é ao contrário, se eu não tivesse adiantado a minha passagem a vaga não seria minha. Talvez outras coisas pudessem ter acontecido antes. E foi assim.

¹²³ Galeria Tereza Seabra – Joias de Autor, em Lisboa, Portugal.

LV: E como é que foi essa tua rotina de estágio com ela? Por que pelo que eu vi trata-se de uma Galeria especializada em joias de autor.

AF: É a mesma coisa.

LV: Pois é, essa é uma questão. Por que já li alguns trabalhos que diferenciam todos os campos da joalheria, por exemplo, joalheria de autor...

[Alice me interrompe brevemente]

AF: Foram trabalhos escritos no Brasil, garanto.

LV: Sim.

AF: É porque assim, há muita confusão em torno disso. Nada é exatamente uma verdade, porém eu acredito nas coisas que eu aprendi porque elas fazem mais sentido para mim. Quando a joalheria contemporânea surgiu, ela surgiu com vários nomes, por exemplo, na Inglaterra era *studio jewelry*, na Itália, *gioielli d'autore*, em Portugal, *joalheria de autor*. Mas, tudo isso, faz parte do mesmo movimento da joalheria contemporânea, isto não tem uma virtude diferente uma da outra. E aí muita gente começou a se apropriar disso de uma maneira equivocada. Principalmente aqui, no Brasil. Aqui, qualquer joia feita dentro de um ateliê agora eles querem dizer que é joia de autor, ou contemporânea, inclusive. Na verdade, é visto como a mesma coisa, para muitos autores. O que nós podemos diferenciar é: joia de artista, isto é outra coisa, designer de joias, também, artista joalheiro e joalheiro. Essas quatro categorias são muito nítidas nas diferenças. Agora, a joia de autor para joia contemporânea, para mim, é a mesma coisa. Se tu quiseres conversar com outras pessoas do campo que saibam mais eu posso até te passar o contato.

LV: É que eu fiquei pensando, assim, essa representação que há na Galeria Tereza Seabra, que diz no nome: *joias de autor*, e tu acabaste de dizer que se iguala à joalheria contemporânea, me fez pensar se esta Galeria apenas representa joalheria de autor e se de lá tu trouxeste um *networking* consolidado para o Brasil?

AF: Ah tá, eu super fui para outro caminho e me perdi da moral da história.

LV: Não, capaz, está tudo bem, estamos conversando.

[Risos]

AF: Assim, a Galeria da Tereza Seabra é de joalheria de autor e que, por si, é joalheria contemporânea. Então ela representa artistas joalheiros, porém esse tema ele já é tão passado, conversado e discutido em Portugal, apesar de ser uma pauta frequente, mas é algo que se discute nos últimos 30 anos, pelo menos. Uma Galeria de joalheria contemporânea, ou de autor, em Portugal, ou em outros países europeus, já não tem tanto esse drama de ter eventualmente em designer, ou eventualmente um ceramista ou alguém de outra vertente, sabe? Porque eles já têm essa história consolidada. É diferente. Eu aqui preciso bater o martelo.

LV: Nossa, lá tem muitos cursos nas próprias Universidades que são específicos na área da joalheria, né? Quantos museus de artes decorativas? Muitos... muitos, a cada esquina. É realmente algo consolidado. Então, tu trazeres essa bagagem de lá para o Brasil deve ter sido um choque, por exemplo: "Cheguei aqui e quero montar esse empreendimento dentro de um sistema tão provinciano", diríamos.

AF: É... absolutamente fora de contexto a Galeria estar em Porto Alegre, mas está. Mas, assim, o que acontece é que outro dia uma pessoa super relevante na História da Joalheria Portuguesa me disse: "Alice, o Brasil hoje é os anos 90 de Portugal, todo mundo acha que faz joia contemporânea, mas tu contas nos dedos quem realmente faz". Isso é a comprovação do que pra mim já era óbvio, porque parece agora que há muitos artistas, metade dos artistas não são artistas, não sabem do que se trata, apenas fazem junção de materiais. E mal sabem sobre técnica. O que é pior.

LV: Pois é... eu me lembro de conversarmos naquela primeira visita que fizemos à Galeria, eu e a Profa. Joana Bosak, sobre o fato de tu representares apenas artistas joalheiros na Galeria. E eu fiquei me questionando, artistas joalheiros? Isso seria uma autodefinição de todos os joalheiros que tu representas na Galeria? ou isso depende de um processo em que tu analisas as obras e define um parâmetro para designar que este trabalho é de um artista

joalheiro, enquanto outros não se encaixariam nesta designação? Como se dá isto? O que é um artista joalheiro?

AF: Não é que ele se autodenomine. Eu acho que o próprio campo te coloca ou não neste lugar, conforme a tua profundidade de pesquisa, a tua experiência, os lugares em que tu és representado, o teu percurso. Então, assim, não é algo necessariamente autoimposto, ele tem a ver com o meio de formação e de tudo isso.

LV: Sim, isso é verdade.

AF: Então é mais por aí. E quando eu olho para estas pessoas eu já olho para as pessoas deste segmento, pois as pessoas têm muita dificuldade para entender. Eu recebo mensagens quase todo dia de pessoas querendo propor o trabalho e de pessoas que não sabem o que eu faço, na verdade. Acham o Instagram bonito. Pessoas que acham que são artistas joalheiros, mas nem sabem do que eu estou falando. Então, já é meio claro quem são esses artistas joalheiros, ou se eles o são, tu entendes? Pelo trabalho tu já consegues entender. Sem precisar colocar este crachá em ninguém, mas isso já é meio evidente.

LV: Eu percebo totalmente. E então me fala um pouco como foi essa tua vinda para cá, como se deu essa ideia de vir de Portugal e abrir esse empreendimento aqui, e por que em Porto Alegre?

AF: Bom, eu sou de Porto Alegre, mas eu morei em muitos lugares porque a minha mãe é promotora de justiça e a minha infância era a cada ano em um lugar diferente. Eu nunca tinha morado mais do que cinco anos no mesmo lugar. E aí eu morei em Portugal. Na verdade, o meu marido quis voltar. Então eu tive que voltar porque, enfim...

LV: Isso foi em que ano?

AF: Vai fazer dez anos agora.

LV: Então em 2011.

AF: Acho que foi. Nós casamos quando eu já estava no movimento de ir para lá, viemos de férias, casamos, voltamos porque ele morava na África, não morava lá também. Enfim, é uma história complexa. Achei péssima a ideia de voltar porque eu estava super bem lá, mas tudo bem, eu sou otimista e não sou de ficar me lamentando muito. Então nos primeiros meses eu comecei a tentar mapear quem eram as pessoas, no país, que faziam algo parecido com o que eu vinha fazendo. E eram muito poucas. Muito poucas, mesmo. Isso falando de dez anos atrás. Tinha a Miriam Korolkovas¹²⁴ que organizava algumas exposições... Na época, a Livia e a Paula Mourão¹²⁵ tinham uma espécie de loja meio galeria "O banquete", mas era no Rio, só que quando eu entrei em contato elas estavam fechando. Era assim, meio que não tinha ninguém. As pouquíssimas pessoas que tinham eu comecei a me aproximar, ninguém em Porto Alegre. Uns dois anos depois o Marcos Rosemberg¹²⁶ voltou e nós nos conhecemos. E eu simplesmente comecei a fazer o meu trabalho com uma bancada na cozinha de casa, mas fazia algumas palestras assim na Feevale e em outro ateliê sobre joalheria contemporânea, ou seja, comecei a entender que precisava ir pelo lado educativo porque as pessoas iriam demorar muito para entender o que eu fazia. Depois, aluguei uma bancada em outro ateliê, era até meio longe demais da minha casa. E posteriormente, dividi um ateliê com um joalheiro ali na Praça Doutor Maurício Cardoso. Eu já não sei quanto tempo fiquei por ali, mas acho que quase dois anos. E nisso eu estava sempre me sentindo nesse monólogo que era de estar falando sobre joalheria contemporânea, mas mostrando só o meu trabalho, parecia que não fazia nenhum sentido. Em 2012, se não me engano, fiz uma exposição individual, em um espaço que era um *Loft* da Mauren Motta, não era uma galeria. Mas quando eu comecei a Galeria, eu praticamente não dei mais tanta atenção para o meu trabalho. Aí enfim, a relação não estava

¹²⁴ Miriam Mirna Korolkovas possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1977), mestrado em Belas Artes (Revalidado pela ECA-USP) - Pratt Institute (1986) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2001). Em 2019, Korolkovas, que também é arquiteta, completa 50 anos dedicados à joalheria contemporânea. Autora de extensa obra, ela é curadora na A CASA – museu do objeto brasileiro e promove workshops no Brasil e no exterior. Korolkovas foi a primeira brasileira a realizar o mestrado em joalheria pelo Pratt Institute, em Nova Iorque, e foi professora pesquisadora visitante na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos. Fonte: Currículo Lattes; Unibes Cultural; Site Oficial

¹²⁵ Ambas filhas de Caio Mourão, um dos precursores da joalheria autoral no Brasil, elas procuram dar continuidade ao legado do pai, explorando a fronteira entre joalheria e artes plásticas, tanto no trabalho de Paula, quanto na direção da escola chamada Atelier Mourão, situada no Rio de Janeiro atualmente.

¹²⁶ Marcos é um artista joalheiro nascido em 1980 na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul/Brasil). Formado em Comércio Exterior e com MBA em Negócios Internacionais, resolveu deixar de lado sua experiência acadêmica para dedicar-se com exclusividade à arte da joalheria. Em 2006, Marcos fez um curso técnico de joalheria no SENAI-RS e logo depois montou um ateliê em Porto Alegre - RS, sua cidade natal, onde começou a desenvolver seu trabalho artístico. Em 2007, Marcos decidiu que era hora de aprofundar sua visão estética sobre a joalheria. Mudou-se para Copenhague (Dinamarca) e, lá, teve a oportunidade de aperfeiçoar o seu trabalho estudando design de joias no Instituto de Metais Preciosos, ao mesmo tempo em que foi aprendiz no atelier dos joalheiros Marco e Carolina Vallejo - que são joalheiros artistas reconhecidos pela originalidade dos seus trabalhos. Tem atuado como professor, em cursos de joalheria, já participou de diversas exposições, no Brasil e no exterior, e comercializa seu trabalho no Brasil, EUA e Europa. Fonte: Site Oficial.

legal nesse ateliê e eu queria ir para outro lugar. O primeiro lugar que eu olhei era a casa que era a Galeria, antes dessa, só que era inviável. Eu tinha um ateliê minúsculo e olhei para uma casa enorme. Só que eu olhei muita coisa, fiquei uns dois meses procurando e eu não conseguia desconectar daquela primeira casa. Foi então que dois amigos toparam dividir a casa: O Pirecco, que é artista visual, e a Luiza Bender, que hoje possui uma marca de roupa a *Humans and Aliens*, ela tinha uma outra marca na época, não sei se tu conheces.

LV: Não, acho que não.

AF: Aí eu me dei conta que não era só o ateliê, que eu já poderia abrir a Galeria. Nisso eu tinha 30 anos. Não... não pode ser, eu tinha uns 32, sei lá. Era junho de 2015 quando eu entrei nessa outra casa, por aí. E comecei a Galeria. Então, voltando aquela tua pergunta lá de trás: Como é que se deu aquela coisa de estar naquela Galeria [Tereza Seabra] e depois de uns dois ou três anos de Brasil, abrir essa Galeria. Eu não queria que nada fosse... Não que eu não queria, eu tinha uma ideia de como eu queria. E essa ideia de como eu queria era bem diferente de como a Tereza tinha porque a da Tereza é a cara da Tereza, e eu tinha desejos que tinham mais a ver com a minha pessoa, apesar de amar o espaço dela, adorar, e tudo mais. E tampouco, no início, eu tinha artistas que ela também tinha. Então, o início começou com pessoas que eram meus colegas de escola que também estavam começando a sua carreira, com joalheiros que eu admirava à distância e não conhecia que eu convidei, com pessoas que foram colegas em cursos aleatórios fora de Portugal. E aí a primeira exposição¹²⁷ já foi com uma artista sueca muito legal que possui uma galeria antiga em Estocolmo também. Foi legal porque desde a primeira eu já consegui ter alguém muito bacana. Começou com a Sofia Björkman¹²⁸. A segunda, uma pessoa tinha sido minha colega num curso na Alchimia¹²⁹, em Florença, e ela abriu uma escola em Atenas, então foi uma exposição que ela fez em Atenas e se chamava *Is this Jewellery*¹³⁰? e que nós trouxemos um recorte da exposição para Porto

¹²⁷ Alice se refere à mostra *What has the bird done?* exposta na Galeria Alice Floriano, em 24 de setembro de 2015. Mais informações sobre a exposição podem ser encontradas no endereço eletrônico: <https://www.alicefloriano.com/what-has-the-bird-done>

¹²⁸ Sofia Björkman é uma artista, joalheira e galerista sueca à frente da Galeria Platina, em Estocolmo, na Suécia. A sua pesquisa perpassa o estranhamento na realização de peças não convencionais em joalheria contemporânea, questionando estruturas e processos através de obras que carregam mensagens subliminares. Atualmente é uma das artistas representadas pela Galeria Alice Floriano. O site oficial da artista é: <https://www.sofiabjorkman.se/index.html>

¹²⁹ Escola Alchimia de Joalheria Contemporânea, em Florença, na Itália.

¹³⁰ A mostra trazia obras dos seguintes estudantes: Anastasia Agglopoulou, Anna Vlahos, Yiota Vogli, Katerina Glyka, Ioanna Grigoriou, Evangelia Dimitriou, Aggelika Diplari, Anastasia Kandaraki, Lily Kanellopoulou, Hara Kourtali, Angelo Konstantakato, Sevi Mavrelou, Sotiria Bramou, Elli Xippa, Iakinthi Oikonomou, Anna

Alegre. Foi legal porque eram vários novos artistas ao mesmo tempo questionando o que era a joia. E, na verdade, se eu olho para trás tudo foi um processo muito educativo porque a minha primeira exposição era muito chocante para quem queria começar a falar em joalheria contemporânea. E foi crescendo, na verdade foi muito rápida essa ascensão, digamos. Acho que isso também se dá pelo fato de que a maioria das galeristas e galeristas homens de outros lugares eram mais maduros. E eu acho que eu meio que encabecei esse momento de galerias feitas por jovens. Essas pessoas todas abriram galerias quando eram jovens, nos anos 70/80 na Europa, mas em pleno 2015, todas essas galerias já eram de pessoas com mais experiência. Então acho que isso foi diferente. Eu sinto que isso fez diferença porque eu comecei uma abordagem que era mais a minha cara, um pouco menos sóbria. Mas, no início eu tinha muita dificuldade, agora já abordando um pouco a questão de "estratégias", em nunca soar como comercial porque uma galeria não poderia soar comercial em 2015. Hoje em dia esse medo não existe, nem um pouco. Mas, talvez porque no início eu precisasse mostrar mais essa seriedade, ou porque as redes sociais ainda eram um terreno muito árido, desconhecido. Então até a minha comunicação mudou muito de lá pra cá. Uma coisa eu tinha certeza e não mudei até hoje, eu queria que fosse como um cubo branco. E desde o início é. Então, assim... vai melhorando, mas não se difere tanto do início. Digamos, de cinco anos de instagram, por exemplo. Que mais que eu posso te dizer? Eu aprendi várias coisas lá [Tereza], sabe? Até algumas coisas operacionais, mas que eu faço bem diferente desde o início, porém é óbvio que muita coisa eu aprendi lá. Principalmente essa certeza de que era isso uma das coisas que eu queria na vida.

LV: Onde foi exatamente essa primeira galeria que tu abriste com os amigos?

AF: Ela era na outra esquina. Na mesma quadra da Galeria atual, mas era a última casa antes da Praça Maurício Cardoso, algumas casas ao lado. Eles ocuparam salas na parte de cima e o primeiro andar eu ocupei com a Galeria. Mas nós não vendíamos como uma galeria coletiva.

LV: Sim. Cada um tinha o seu espaço.

AF: A Galeria era só a Galeria. Era como se eles alugassem salas, na verdade, assim.

LV: E em relação ao público? Como foram esses anos iniciais? Como foi a recepção? Tu sentiste que foi um público de mais idade? Um público mais de colecionador? Ou um público mais jovem? Como se deu essa formação de público.

AF: Eu nunca, na verdade, pensei em estratégias assim porque eu sou péssima, eu nunca penso antes, é sempre durante que eu vou fazendo. Não sou péssima porque dá certo. Não seria péssima, porém é uma coisa mais fluída. Não é planejada. Por exemplo, essas pesquisas de público alvo, eu não consigo acreditar que isso existe, sabe? Então eu não pensei nisso. E desde antes, com o meu trabalho enquanto joalheira, acontecia que o meu público eram senhoras. Senhoras que usavam as mesmas coisas que eu gostava de usar, mesmo elas tendo 40 anos a mais do que eu. E com a Galeria acabou que aconteceu e acontece a mesma coisa, é um público mais maduro. Não existiam colecionadores de joias contemporâneas, que agora passam, em uma pequena escala, a existir em Porto Alegre. Mas antes era bem local. Eu não tinha *e-commerce*. Não se faziam vendas pelo instagram naquela época, era mesmo divulgação. As vendas eram as vendas que aconteciam na Galeria. Então é um público que precisou ser formado do zero.

LV: E por isso que há esse teu empenho em fazer diversos workshops, grupos de estudo, que são tentativas de formação de público. Justamente como tu disseste que começaste com as palestras antes de abrir o espaço da Galeria, as pessoas precisam conhecer para dar valor àquilo.

AF: É. Mas a questão da formação de público não era consciente, sabe? Era algo que eu tinha vontade de fazer. E isso acabou por ser uma consequência. Hoje, talvez, eu olhe um pouco mais para algumas necessidades, principalmente educativas que eu fui entendendo no processo que isso era um trabalho necessário porque todo dia entrava alguém na Galeria e dizia: "Ah, mas o que é isso? Isso é joia? Mas como assim? Joia disso? Mas isso não é ouro!". E aí, assim, é chato. Mas, se eu tenho a Galeria eu possuo a obrigação de informar as pessoas porque ninguém sabe disso. E isso não é um mérito negativo de Porto Alegre, quando eu estive em São Paulo era igual, quando eu trabalhava até na Galeria da Tereza, em Lisboa, também acontecia. É um campo muito injusto porque nada está preparado para ele, nem o público, nem as legislações dos países, nem o espaço enquanto arte porque nenhum espaço de arte recebe a joalheria contemporânea. Nós estamos em nós mesmo e não por uma escolha, mas por uma consequência de ser algo muito difícil de entender.

LV: Eu lembro que teve uma época que tu tentaste abrir um outro espaço em São Paulo, né? Que seria uma outra... a mesma galeria, só que em São Paulo?

AF: Foi em 2017. Eu tive uma galeria lá também.

LV: E aí tu mantiveste as duas? Em São Paulo e em Porto Alegre?

AF: Por seis meses. Quando eu abri a galeria eu estava grávida. Só que quando eu inventei eu não sabia que estava grávida.

[Riso]

LV: Eu pensei que não tivesse perdurado por alguma diferenciação no quesito sistêmico. Mas, na verdade, lá deveria ser muito mais aberto do que aqui, né?

AF: É, mas ainda é muito restrito. Eu te digo porque assim, como eu já ia muitas vezes quando tinha exposição e eu era convidada, então eu acabei por fazer parte desse pequeno grupo de artistas joalheiros brasileiros, e conseqüentemente, todo mundo se conhece. E em todas as exposições que acontecem tu já sabes todas as pessoas que tu vais encontrar lá. E o público ainda era pequeno, e te digo, com a galeria todo público da joalheria contemporânea começou a crescer, de haver mais curiosos a respeito disso devido ao trabalho de divulgação da galeria, eu acredito, de permear outros meios. Foi muito legal, o público, boa parte, era um público que eu já tinha, mesmo em Porto Alegre, eles já acessavam a galeria, mas claro que lá teve muita gente diferente frequentando. E o que que acontecia, os quinze dias funcionavam melhor na cidade que eu estava. E mais uma vez eu percebo que a Galeria depende bastante de mim. Não adianta. E que as pessoas de fato muitas vezes querem que eu esteja lá para atender, devido à explicação, mesmo tendo pessoas que eu confio, mas que não são joalheiros. É muito difícil arrumar um joalheiro para trabalhar na Galeria porque praticamente não há. Tem uma série de fatores que foram dificultando. Fora o ônus de ter duas galerias e despesas de duas galerias que funcionavam quinze dias por mês cada uma. Então foi bem legal, tiveram algumas exposições bem legais. Eu cheguei a ir até o sétimo mês de gravidez. Depois fechei, mas eu já tinha um espaço engatilhado na Bolsa de Arte e eu achava que quando o Salvador nascesse, em seguida eu iria querer reabrir lá. Na minha cabeça eu não podia deixar essa

lacuna para os clientes. E acontece que ele nasceu e eu pensei não quero mesmo agora, desfiz esse acordo de ter esse pedaço dentro da Bolsa de Arte. Inventei uma proposta que foi mais interessante para mim e acho que até para o público de uma certa forma, que era de fazer exposições itinerantes. Então, uma vez por ano, eu levaria algum joalheiro relevante e faria uma exposição em algum lugar bacana. Isso aconteceu durante dois anos porque ano passado iniciou a pandemia e eu cancelei. E esse ano, provavelmente, eu não faça lá de novo. Então um ano eu levei a Lisa Walker¹³¹, que é uma joalheira super relevante e *underground* assim, é um outro caminho mais punk, digamos, da joalheria contemporânea para São Paulo, e fiz a exposição dela dentro de uma casa noturna em que ocupamos um andar inteiro que já era um andar todo grafitado e ela quis aproveitar os grafites para a exposição. Acho que já te contei? Não sei.

LV: Talvez. Não lembro ao certo.

AF: Foi bem legal e foi legal entender que eu achava que esse público que já frequentava – era na Vila Madalena – eu achava que era um público que não saía do circuito Pinheiros e Vila Madalena. Isso era em pleno centro de São Paulo, quase no Copan, à noite numa casa noturna descolada e tinham senhoras de todos os tipos, pessoas de todos os tipos, não perdi nada do público por ter feito lá. Isso eu achei muito interessante. Aí pronto, fiz essa ação. E eu sempre levo um pequeno recorte da Galeria para quem não conhece entender, além da exposição, qual é o meu tipo de curadoria e seleção dos artistas. No ano seguinte, eu trouxe a Mari Ishikawa¹³² que é uma outra joalheira, que inclusive foi colega da Lisa Walker em Munique, elas estudaram juntas lá. E fiz no museu A Casa¹³³ e também foi bem legal, teve um público bem bom. E ano passado veio a Catarina Silva¹³⁴, que é uma portuguesa, mas nós adiamos para 2022. Já esse ano eu não sei o que vou fazer, mas tenho sentido que essa ideia de fazer ações itinerantes é bem legal. E aí eu também fiz algumas no Rio de Janeiro, nesse meio tempo, coletivas.

LV: E essas ações itinerantes tu combina com outros espaços dessas cidades, por exemplo São Paulo e Rio de Janeiro para que sejam realizadas lá?

¹³¹ <https://www.alicefloriano.com/lisawalker>

¹³² <https://www.alicefloriano.com/mariishikawa>

¹³³ A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, em São Paulo, Brasil.

¹³⁴ <https://www.alicefloriano.com/catarinasilva>

AF: Sim. É preciso fazer toda a produção e toda a função. Até porque são lugares que nem sempre promovem este tipo de coisa. Então, tem o trabalho de pré-produção, de divulgação, de imprensa, de montagem e tudo.

LV: Sim, mas eu digo assim, não é nada vindo de Editais, né? És tu...

AF: Não, é uma ação conjunta, não é através de Edital.

LV: Deixa só eu te perguntar, onde era exatamente a Galeria em São Paulo? Não sei se diz alguma coisa no site.

AF: O endereço eu acho que não, mas era na Rua Wisard, não sei se tu sabes qual é?

LV: Hum... Acho que não.

AF: Era bem no furdunço. Agora não me lembro como te dizer coordenadas, mas era central.

LV: Entendi. Eu queria te dizer que eu acho muito interessante como a Galeria se propõe a ser um lugar de joalheria, mas também, um lugar de arte, né? De conseguir legitimar a joalheria como um processo artístico também, sabe? Seja através dos artistas joalheiros que tu representas, através da curadoria das exposições que são realizadas na Galeria, nos concursos e enfim. As exposições são todas curadas por ti?

AF: Quase todas. Acho que 98% com raras exceções, assim. A maioria sim.

LV: Então tu és dez em uma. Joalheira, galerista, arte-educadora, curadora, até marchand, diríamos.

[Risos]

AF: É muita coisa. Eu faço até os *cards*, a divulgação, o design gráfico que eu não sei, mas sou eu que faço de tudo. Até no concurso aconteceu uma coisa engraçada, que eu sou péssima nas coisas da internet, mas eu dou um jeito e consigo resolver e toda a inscrição era via site, era formulário, tudo ali direitinho para facilitar depois e mandar para os jurados. Quando teve

o encontro dos vencedores no Zoom alguém disse: "Ah, eu adorei que veio a resposta instantânea" e eu disse: "Gente, a resposta instantânea era eu do outro lado".

[Riso]

Então, assim... é isso. Não tem outro jeito. Eu até tentei, no ano passado, ter uma pessoa para administrar as redes sociais e foi um desastre. Era para ser um teste de dois meses que na primeira semana eu já estava desesperada e durou um mês. Então eu vejo que por ser algo muito difícil e um campo muito desconhecido é muito difícil tu teres pessoas qualificadas, digamos e que me substituam em algumas tarefas, porque não é fácil de fato. Não é que nem arte que todo mundo estuda e conhece os artistas. Tá, não estou dizendo que é fácil, fiz uma comparação totalmente idiota. Mas, assim, é mais difícil porque ninguém vai perguntar o que é arte? Mas tu precisas estar o tempo inteiro explicando o que é a joalheria contemporânea. É isso, é abraçar uma causa que é complexa, mas que me dá muito prazer. Está dando para fazer muita coisa mesmo tendo que ser desse jeito de estar sempre equilibrando os pratos todos ao mesmo tempo.

LV: Sim. Eu queria te perguntar se tu tens uma linha do tempo de todas as ações que aconteceram na Galeria? As exposições eu sei que tem no site, desde o início. Também tem alguns dos workshops ali, que aconteceram, mas eu acredito que mais ações aconteceram e que não estão ali, né?

AF: É. eu acho que sim. É que tem coisas, por exemplo, quando eu dou um workshop em outro lugar eu não posto no site da Galeria. Mas da Galeria deve ter sim, eu posso olhar pra isso.

LV: Está bem. Eu achei super legal a tua... tua não, porque afinal esse não é ministrado por ti e sim por outra pessoa, a Ana Passos. Achei super necessário esse workshop de introdução a autobiografia¹³⁵ do joalheiro porque de certeza que muitos não sabem como expor o seu próprio trabalho, dizer o que é o seu trabalho, apesar de saber fazer. Essa necessidade de saber falar sobre o seu próprio trabalho é muito importante, e eu vejo isso também no próprio Instituto de Artes, nos cursos, na pintura, na cerâmica, parece que ninguém sabe falar sobre o

¹³⁵ Workshop que será realizado durante o mês de março oferecido pela Galeria Alice Floriano, mais informações através do endereço eletrônico:
<https://www.alicefloriano.com/product-page/workshop-com-ana-passos-autobiografia-de-um-joalheiro>

seu trabalho. Parece que é preciso que haja um curador, um crítico falando sobre, alguém que escreva o texto, sabe? Então eu acho muito interessante essa iniciativa.

AF: Na verdade isso foi uma decisão, porque assim, quem é de fora, de outros países, os quais possuem essa cultura mais enraizada da joalheria contemporânea, as pessoas sabem, elas já tem isso preparado quando fazem um trabalho, ou seja, já possuem um texto sobre. Elas sabem que uma coisa é complementar a outra. Mesmo que tu não sejas um escritor, nem nada, mas assim, isso é necessário. E uma das coisas que eu exijo quando um artista vai entrar na Galeria é uma mini biografia e esse *statement* do trabalho é uma delas. E quando isso é solicitado a um artista brasileiro, sempre desconversa, não faz, não entende, não sabe. Durante o concurso¹³⁶, isso ficou mais claro ainda, que ninguém sabe falar sobre o seu próprio trabalho. E hoje há muita gente querendo achar que é artista joalheiro, mas nem sabe que precisa falar sobre seu próprio trabalho. E assim, não é que nós estaremos sempre falando sobre o trabalho, mas se alguém te perguntar, ou se alguém for ler alguma coisa, tem que estar pronto, tem que estar ali isso. Então foi bem legal porque nós já tínhamos planejado ter algum curso da Ana, mas não sabíamos sobre o quê. Acredito que é o momento certo para isso estar acontecendo.

LV: Só que eu acho que isso vem muito da questão de uma lacuna institucional mesmo, de não haver esses cursos que façam com que o artista construa sua própria poética no sentido textual e enfim de defender o seu trabalho. Nós aqui não temos cursos.

AF: Luiza e se tu pensas institucional, inclusive em relação a arte, imagina na joia que nós não temos nenhuma escola superior disto.

LV: Mas é exatamente sobre isso. Nenhuma Universidade Federal oferece cursos em joalheria.

AF: Mas nenhuma Universidade no geral oferece.

¹³⁶ O Concurso FIO foi a primeira edição de um concurso composto por um júri internacional – Mari Ishikawa, Nano Pulgar, Paulo Ribeiro, Alice Floriano e Nina Lima – organizado por Alice Floriano e Nina Lima, a fim de encontrar novos nomes na joalheria contemporânea nacional. Os prêmios para os selecionados envolvem uma exposição física em São Paulo e uma exposição individual para o vencedor na categoria profissional. Bem como a participação em um workshop internacional para o primeiro colocado em ambas as categorias: joalheiro e estudante de joalheria.

LV: Mas acredito que haja alguns cursos técnicos em ateliês em São Paulo ou no Rio de Janeiro.

AF: Isso tem. Mas não há muitos com um programa extenso. Geralmente são módulos pequenos. Ninguém quer encarar como se fosse algo profissional, que nem em Porto Alegre, as pessoas vão na escola da Lisia¹³⁷ fazem dois meses e dizem que são joalheiros. E eu conheço muita gente assim e que mal sabe soldar, isso é inaceitável em outros países. O Brasil é muito o país do "vale tudo". Então acho que esse é um momento também que a pessoa se depara e percebe que afinal de contas: "Nem sei se eu sou tão joalheiro assim", sabe? Quando tu começa a confrontar com este tipo de coisa, inclusive o objetivo do concurso era esse. Era entender porque parece que há tanta joia contemporânea, afinal, quem são essas pessoas? Que trabalhos são esses? Qual a consistência desses trabalhos? É nesse intuito de mapear isso.

LV: Houve muitos inscritos no concurso?

AF: Olha, foram 46, se não me engano. O que pra cá é um ótimo número, mas é isso, muitos sequer com condições de estar ali. Alguns estudantes que querem se inscrever na categoria profissional, e vice-versa, gente que é profissional e te pergunta: "Ah, eu sou profissional ou sou estudante?" e eu, Alice, é que vou dizer? Então é uma loucura tu vêes como as pessoas não sabem onde elas estão no seu próprio trabalho. Mas foi bem interessante, nós já estamos lançando a segunda edição¹³⁸ agora com possibilidade de inscrições internacionais, pois muita gente de fora começou a me pedir. Então agora vai ter. Veremos. E aí será gritante essa diferença entre os trabalhos de lá e daqui. Isso ao mesmo tempo é bem bom para profissionalizar e para as pessoas entenderem. Mais uma vez estamos no processo educativo.

LV: Sim. Olha, Alice... Eu fiz todas as perguntas que eu tinha pensado para essa nossa primeira conversa. Mas obviamente eu vou ter mais questões ao longo da construção do trabalho e eu queria saber se nós poderíamos ter outras conversas como esta?

¹³⁷ Criativitá Escola de Joalheria, em Porto Alegre, Brasil.

¹³⁸ 2º edição de FIO Concurso de joalheria contemporânea. Nesta edição além das inscrições nacionais, também serão aceitas inscrições internacionais em ambas as categorias joalheiro e estudante de joalheria formando, portanto, 4 categorias. Os jurados internacionais da segunda edição são: Dan Piersinaru, Lucia Massei e Ruudt Peters, e o júri nacional formado por Alice Floriano e Nina Lima. As inscrições estarão abertas de 1 de março a 30 de abril de 2021.

AF: Claro, Luiza. E logo eu vou voltar para Porto Alegre, se tu quiseres nós marcamos algumas conversas pessoalmente, também.

LV: Tá ótimo. Muito obrigada Alice.

[Nessa altura surgiram alguns assuntos que não são propriamente essenciais para a pesquisa, e portanto foram suprimidos]

AF: Eu só queria te dizer duas coisas antes de terminarmos. Eu não tenho a pretensão, enquanto galeria de joia contemporânea, de ser uma galeria de arte. Por que? Porque nós sempre fomos renegados pela arte e eu não tenho vontade de encabeçar um movimento de legitimar que o que eu faço é arte. É joia contemporânea. É um movimento artístico, mas o resto, tanto faz se querem usar isso como arte. Essa luta o Caio Mourão¹³⁹ fez nos anos 60 e ele conseguiu, se não me engano por cinco edições, inserir a joia na Bienal de São Paulo¹⁴⁰. E isso foi algo pontual na nossa história, depois do Caio nunca mais se repetiu. E aí quando teve uma galeria do Thomas Cohn, que já faleceu, ele tentou entrar na SP-Arte com joias. Ele abriu há uns quatro meses antes de eu abrir a minha galeria em Porto Alegre. Mas fechou em seguida e faleceu. Só que ele começou a travar uma batalha porque a SP-Arte não quis recebê-lo. E então ele escreveu textos e mais textos afirmando que era um absurdo não aceitar a joia num espaço de arte. Essa batalha eu vou deixar para outras pessoas, porque se ninguém entende o que eu estou fazendo, eu tampouco quero inserir isso em outro contexto.

LV: Mas tu entendes que indiretamente tu acabas por fazer isso?

AF: Óbvio.

¹³⁹ Caio Alonso Mourão (São Paulo, 1933 — Rio de Janeiro, 2005) foi um artista, pintor e escultor brasileiro, como joalheiro foi o introdutor do conceito da joia de arte no Brasil. Importante figura no cenário brasileiro, lutou pela inserção da joia em contextos artísticos como a Bienal de São Paulo. Em 1963 ganha o *1º Prêmio Internacional de Joalheria na VII Bienal de São Paulo*. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Mour%C3%A3o

¹⁴⁰ Segundo Grippa e Bosak (2018: p.173), a primeira exposição de joias na VII Bienal (1963) foi um esforço dos próprios artistas da época – inclusive, Caio Mourão (1933 – 2005) –, destacando-se a iniciativa de Livio Edmondo Levi. Este, foi um arquiteto e desenhista industrial, nascido na Itália, mas que mudou-se aos 5 anos de idade para o Brasil, e aqui tornou-se pioneiro no campo da iluminação arquitetônica, para além disso, também criou joias. A categoria de joias artísticas existiu na Bienal de São Paulo por seis edições: VII (1963), VIII (1965), X (1969), XI (1971), XII (1973), XIII (1975).

LV: Eu sei que tu não estás lá dizendo: "Isso é arte". Mas, indiretamente, com todas as estratégias, que talvez não sejam estratégias explícitas, tu acabas por fazer isso. É por aí que eu quero construir esse trabalho.

AF: Obviamente, claro. Eu te entendo. Eu só quis te dizer isso porque eu acho importante entender essa não intenção de ser inserida em contextos de arte. Mas é claro que é. Todos os projetos de quem está lá são projetos de artistas joalheiros que tiveram um projeto, um processo, uma pesquisa e que não é só material, também é intelectual com muitos processos envolvidos. Então, óbvio que sim, mas é uma batalha que um dia alguém vai levantar, eu espero. Enquanto isso eu busco explicar o que eu faço e que acredito ser o jeito que eu tenho de defender esse campo.

LV: Deixa eu te perguntar, alguns dos artistas joalheiros que tu representas estão em museus dos seus respectivos países?

AF: Sim, por exemplo no *Victoria and Albert Museum*, e outros grandes museus. Há alguns. Eu posso ver isso pra ti, quais são os artistas mais destacados e mais representados por outros museus e te passar também porque querendo ou não é outra forma de legitimar isso. Porque se há um espaço em grandes museus para isso, como que não se é considerado?

LV: É. E eu acredito que seria importante para a minha pesquisa saber sobre esses artistas joalheiros.

AF: Está bem. Eu te mando.

[A conversa continuou por mais alguns minutos, porém com assuntos pessoais, agradecimentos e despedidas]

Entrevista II – 24 de abril de 2021

Entrevista realizada via plataforma virtual Zoom, no dia 24 de abril de 2021, em vista da realização do trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em História da Arte da UFRGS. Na presente transcrição foram suprimidos cacoetes de linguagem, bem como algumas das redundâncias próprias da oralidade e eventuais paralelismos. Foram realizados poucos acréscimos quando necessário, em nome da clareza discursiva, mas sempre visando condizer

com as intenções e afirmações da entrevistada. Foram mantidas as conjugações verbais na segunda pessoa do singular. As letras "LV" identificam as questões e as letras "AF" indicam as respostas da entrevistada.

LV: Então Alice, eu pensei em algumas outras questões para te fazer, e acredito até que falamos brevemente sobre algumas delas na nossa primeira conversa, mas enfim... Gostaria de te perguntar, primeiro, quais são os critérios de seleção para agregar um artista na lista de artistas representados pela galeria?

AF: Acredito que chegamos a conversar, mas não há problema em repetir. Em primeiro lugar, a coerência entre a proposta do trabalho e as peças, a qualidade técnica, e também acabo por analisar o currículo porque às vezes saber de onde essa pessoa veio para entender como ela chegou naquele trabalho também me interessa. Mas, eu também gosto muito de estudantes recém formados porque normalmente são projetos que tiveram bastante tempo de pesquisa e execução, que às vezes, quando ingressamos no mundo profissional nem sempre há tanto. Originalidade é uma palavra um pouco difícil, mas que sim, que dentro desse contexto seja um projeto original.

LV: Inédito... diríamos.

AF: Isso. Mas é basicamente isso. Eu analiso o conceito, analiso a qualidade técnica. Se a peça me agrada, se o conjunto do trabalho me agrada, e é bem de acordo com o meu gosto pessoal essa seleção.

LV: Tu tens algum contrato de exclusividade com algum dos artistas?

AF: Não. Não tenho.

LV: E sobre a vinda das obras para a Galeria, tu as adquires, ou elas são do artista e ficam sob a salvaguarda da Galeria?

AF: A maioria fica sob a salvaguarda da Galeria. Mas algumas, eventualmente, são compradas. Ou tem algumas negociações, por exemplo, com a Chloé Valorso¹⁴¹, comprei

¹⁴¹ Chloé Valorso se formou na *Central Saint Martins* e no *Royal College of Art*. É também professora de Respiração Xamânica e de Yoga. Originária de Paris, Chloé é uma joalheira nômade, que costuma viajar para

algumas peças e as outras ela irá mandar para ficarem consignadas. Essa é uma prática comum na maioria das galerias de joalheria contemporânea.

LV: É algo que sou curiosa sobre e gostaria de te perguntar sobre as vendas da Galeria, caso te sintas confortável em falar, é claro... Mas como se configura esse trâmite? Fica acordado entre Galeria e artista que tu tens uma porcentagem sobre a venda? Ou...

AF: Eu tenho um contrato e neste contrato está delimitado, por exemplo, as responsabilidades de envio do artista, se ele concorda que as peças saiam para determinada produção de moda, para algum trabalho fotográfico ou filme, e também fala sobre a porcentagem. A porcentagem é 50% Galeria e 50% artista, também seguindo as normas de praticamente todas as galerias de joalheria contemporânea.

LV: E as peças são vendidas para todos os lugares do mundo? Os compradores, em sua grande maioria, são compradores locais ou de fora do país?

AF: Depende do momento. Durante muito tempo foi bem local porque quando eu comecei a Galeria o *Instagram* nem tinha quase força, o *site* só pelo segundo ou terceiro ano que agregamos o *e-commerce*, mas de início não fluía. De uns dois anos para cá é que de fato acontece muita venda *online*, principalmente para brasileiros, mas não apenas para Porto Alegre. E também já se vende muito para fora do país. Durante o ano de 2020 foi o ano em que mais se vendeu para outros países. Aliás, acho que a maioria das vendas do ano passado foram via *e-commerce*. Em grande parte para os Estados Unidos, Itália, Alemanha, também tivemos uma primeira venda para os Emirados Árabes Unidos, mais especificamente para Dubai.

LV: E o envio como é feito? Via correios mesmo?

descobrir novos artesanatos e aventuras. Usando joias como uma linguagem xamânica, suas peças agem como amuletos, capacitando o usuário por meio de suas qualidades simbólicas convincentes e profundo senso de história - um componente essencial nesta interpretação inovadora da mitologia. Suas peças incentivam uma abordagem contemplativa e espiritual do nosso ambiente. Ela tem como objetivo inspirar uma reconexão com nós mesmos, uns com os outros e a natureza. Seu trabalho é definido na liminaridade, fundindo orgânicos / artificiais, falsos / imaginários, matérias-primas com associações digitais contemporâneas. Disponível em: <https://iwasborninazoo.com/contact>

AF: Correios. Às vezes eu faço via DHL porque normalmente o comprador paga a taxa dos correios pelo site, e o valor ali exposto é referente a um envio normal dos correios. Mas, dependendo da peça, eu arco com esse valor e mando via DHL por segurança, quando é um trabalho mais caro. Nunca tive problemas com relação aos envios.

LV: O que o *e-commerce* possibilitou que antes não era possível?

AF: Acho que essa venda para pessoas que eu não possuo a menor ideia de como tiveram acesso ao *site*, que simplesmente não falaram com ninguém e clicaram ali. Por exemplo, as vendas de *instagram* são realizadas através de muito diálogo entre Galeria e comprador. Muitas vezes eu venho até a Galeria, experimento as peças, envio fotos e mostro ao cliente interessado, portanto, se configura como uma venda que gera um relacionamento. A venda do *site*, às vezes, é de alguém que eu não tenho a menor ideia de quem seja. O *e-commerce* traz essas surpresas e de início eu resisti muito porque achava que era impossível vender joias contemporâneas pela internet. Eu tinha muitos preconceitos e muito receio de me colocar enquanto *e-commerce* e parecer que havia deixado de ser uma Galeria. Mas, hoje, essas questões para mim já são muito bem resolvidas e naturais que não me afetam. Então, eu acho que o *e-commerce* é uma nova porta e é inevitável não trabalhar com isso, sabe?

LV: Claro. E eu acredito que o aumento das vendas via *e-commerce*, durante o ano passado, tem totalmente a ver com o fato de estarmos passando por uma pandemia, que obrigou a todos a reformularem diversas questões, né?

AF: É, e aí são clientes que passam a ser frequentes que te encontraram no universo da internet e que retornam.

LV: Outra questão que eu tenho é se ultimamente tu tens notado um aumento no número de colecionadores em joalheria contemporânea no Brasil e no mundo?

AF: Vem crescendo. Eu acho que inclusive o *instagram* dá espaço para esse crescimento porque os colecionadores também se colocam enquanto "figurões". Consequentemente, de repente todos os joalheiros estarão os seguindo porque esperam que os colecionadores comprem suas produções. Então há os pequenos colecionadores jovens que não compram peças caríssimas, mas que se colocam nesse lugar, e geram um certo movimento em torno

deste. E aqui, em especial, sim, porque não existia esse tipo de joia e nem onde comprar. Por isso, quem passou a consumir passou, de uma certa forma, a colecionar. É um cliente que volta. É um mercado crescente, de fato.

LV: Sim. Trocando um pouco o foco da conversa, queria saber sobre os eventos que a Galeria já participou. Nesse caso, as participações da Galeria em eventos, como, por exemplo, a *Milan Jewelry Week*, a *Atenas Jewelry Week*, a Bienal de Joalheria de Lisboa, entre outros... A chamada para esses eventos ocorre através de inscrição, convite ou como se dá essa participação?

AF: A participação em Milão foi um convite. Fui como galeria convidada mesmo. E a partir de então criamos uma certa parceria, em que todos os anos eu preciso escolher alguém para representar na Galeria que venha da semana deles de joalheria. Em Milão há esse trato, mas é uma semana de joalheria relativamente nova. Depois, para a semana de Atenas, entrei em contato com as organizadoras e elas toparam, portanto, eu já entrei sem nem sequer ter visto o que eu iria apresentar. Existe uma certa confiança em relação às galerias, algumas. Agora, na Bienal de Lisboa eu fui convidada. E em outubro, se tudo der certo – devido a pandemia – tem a *Joya* que é a semana de joalheria de Barcelona, em que estarei presente com uma continuidade do trabalho que levei – virtualmente – para a semana de joalheria de Atenas. E como o Paulo Ribeiro¹⁴² foi jurado do concurso FIO, haverá um prêmio para um dos artistas que estiverem participando que é ser representado pela galeria e ter uma exposição individual. Dessa forma, vão se formando essas redes de relacionamento, sabe? Formalmente tu deves sempre te inscrever. Existe um *modus operandi* em que as pessoas vão lá, se inscrevem e eles aprovam. Mas, por exemplo para a de Barcelona foi a mesma coisa, eu entrei em contato com o diretor dizendo que possuía interesse em levar esse trabalho para lá, nós já estávamos nessa relação de troca e enfim, ele vai expor os meus dois vencedores do FIO na *Joya Barcelona* e eu escolherei alguém e levarei uma outra exposição. Agora, inclusive, está aberta a chamada de Barcelona para artistas.

LV: E essas semanas de Milão e de Atenas são eventos considerados como feiras de arte? Ou não?

¹⁴² Paulo Ribeiro é fundador e diretor da feira internacional *JOYA Barcelona Art Jewellery & Objects*.

AF: É como se fosse. Pode ser uma comparação. É uma mobilização bem interessante, é tipo um salão do móvel de Milão que a cidade inteira se mobiliza para isso. Não é um só local. São várias galerias de arte da cidade recebendo joalheria. Existe uma mobilização bem ampla, são vários espaços ocupados com esse tema.

LV: E acontecem vendas simultaneamente, certo?

AF: Sim.

LV: E em relação a primeira Bienal de Joalheria de Lisboa, me fala um pouco sobre esse convite? E como tu achas que será o desenrolar disso em meio a pandemia?

AF: Eu tenho uma relação muito estreita com as joalheiras portuguesas por ter estudado lá, enfim. Quando elas começaram com a ideia da Bienal fui uma das primeiras galeristas a ser convidada. Pelo que eu sei são cinco galerias que irão participar e vamos ocupar um espaço que será a *Jewellery Room* – como elas denominaram – que é dentro da Sociedade de Belas Artes. Então haverá um andar onde estarão as cinco galerias juntas e em toda a cidade estarão acontecendo eventos paralelos. E foi assim, elas me enviaram e-mail e me convidaram para participar. E sobre a pandemia como tudo isso vai se dar... Elas estão se estruturando como se de fato esse evento fosse ocorrer e nada fosse desestabilizar. Eu perguntei sobre isso semana passada, justamente porque muita gente começou a me perguntar sobre. Eu vou fazer de tudo para ir e a princípio irá acontecer porque há simpósios que vão ocorrer em paralelo, *workshops* e tudo está assim... como se fosse imutável, até então. Talvez haja mais cuidados, mais restrições sobre o número de pessoas visitantes, mas....

E, por exemplo, a Semana de Milão era em junho deste ano, porém eles passaram de junho para outubro de 2022. Há muitas feiras que já estão abrindo mão porque inclusive os critérios de restrição em alguns países são tão grandes, e claro, com razão, que eles pensam que não adianta mover tanta coisa para não haver visitantes. Muitos países estão tomando essas medidas. Mas, até então, a Bienal em Portugal vai andar. Porém, se vier algo maior, num sentido governamental de barrar, eu não sei como vai ser.

LV: E por fim, Alice, queria te perguntar sobre o clube da Galeria e os encontros de finais de semana. Como se dá esse contato com os artistas e convidados? E há quanto tempo acontecem esses encontros?

AF: Eu não tenho absoluta certeza de quando foi o primeiro, mas foi no ano passado. Eu inventei isso mais ou menos em abril de 2020. Primeiro eu mando e-mail para as pessoas, e geralmente, faço um *mix* entre joalheiros que eu represento, que eu não represento e joalheiros que eu pretendo representar. Apenas mando e-mail e pronto. Até hoje sempre deu certo. Não houve ninguém que negou esse convite. Tive uma situação de uma pessoa que primeiro disse que sim, que adoraria, e depois, um assistente veio dizer que a meia hora do artista era 500 euros. Foi a única situação meio bizarra, mas depois o artista entendeu que não fazia sentido, principalmente nesse formato, que são poucas pessoas, que é uma conversa informal, não é preparar uma palestra. Então é bem tranquilo. E todos os convidados olham para os que já foram convidados anteriormente e entendem que é um projeto consistente, e que pessoas sérias estão participando e estão aderindo. Eu vejo que é um grande estímulo para os joalheiros que acompanham poder estar em contato com esses outros joalheiros reconhecidos, afinal, é uma oportunidade única, muitas pessoas viajam quilômetros para ter acesso a essas pessoas, ou para assistir uma palestra, e estamos num momento em que tu mesmo podes perguntar e conversar mesmo estando na tua própria casa.

LV: E há quantos inscritos no clube?

AF: Acho que agora está em torno de uns 40. Mas, que frequentam a média dos encontros é 30 pessoas e o meu plano é que nunca passe dos 50 porque acredito que vai perdendo essa intimidade que nós conseguimos com menos pessoas na sala. O meu teto era 30 participantes por reunião, e eu já estou passando esse teto, mas não quero que ultrapasse os 50 participantes.

LV: Entendo. Alice, por hoje eram apenas essas questões que eu tinha pensado em realizar.

AF: Luiza, eu cheguei a te dar acesso aos encontros do clube? Se caso tu quiseses porventura assistir algum pra entender a dinâmica...

LV: Eu apenas participei do grupo de estudos dos Amuletos, naquela primeira fase dos encontros de setembro a novembro.

AF: Sim... Bom, eu vou te passar o acesso e tu decides se tens interesse em acompanhar.

LV: Nossa... te agradeço muito mesmo.

AF: Inclusive o próximo convidado que eu estou tratando é um galerista de joia de artista, que é um outro campo, e seria a primeira vez que eu teria um galerista e não um joalheiro no clube. Mas eu acho que seria interessante também porque agora entraram muitos alunos meus que estão começando a entender o que é joia contemporânea, então é legal mostrar esse paralelo do que de fato é a joia de artista. E ele [o galerista] tem coisas fantásticas, Calder, Picasso, Dalí e coisas absurdas, assim...

[A conversa foi se direcionando para outros assuntos, além disso, pedi algumas referências bibliográficas à Alice. Por fim, agradei pela disponibilidade em realizar a entrevista e acabamos nossa conversa]